Diário de Lisboa

ANO 9? N.º 22 230 Quinta-feira, 11 de Dezembro de 1986 Preço 40$00

A segurança a seus pés

EURICO DE MELO FOI NOMEADO SUPERPOLÍCIA

O Ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, tem desde hoje «autoridade para coordenação» de todas as polícias, Serviço de Estrangeiros, Serviço de Informações de Segurança e «autoridade marítima», para efeitos de combate «ao terrorismo e criminalidade de alta violência». Esta nova competência do Ministro de Estado foi-lhe atribuída através de uma resolução do Conselho de Ministros, hoje publicada no «Diário da República».

Continua na pág. 24

Vendas de cimento e aço cresceram 0,7%

Banco de Portugal desmente Cadilhe

Pág. 11

OMS regista 40 casos de SIDA em Portugal

Pág. 24

Holandeses também caíram

DE VITÓRIA EM VITÓRIA NO CAMINHO DA EUROPA

Págs. 16 e 17

Marinho Peres não cabe em corpo enorme: sob o comando deste antigo «internacional» brasileiro, Guimarães levou holandeses na ponta da lança

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

20 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

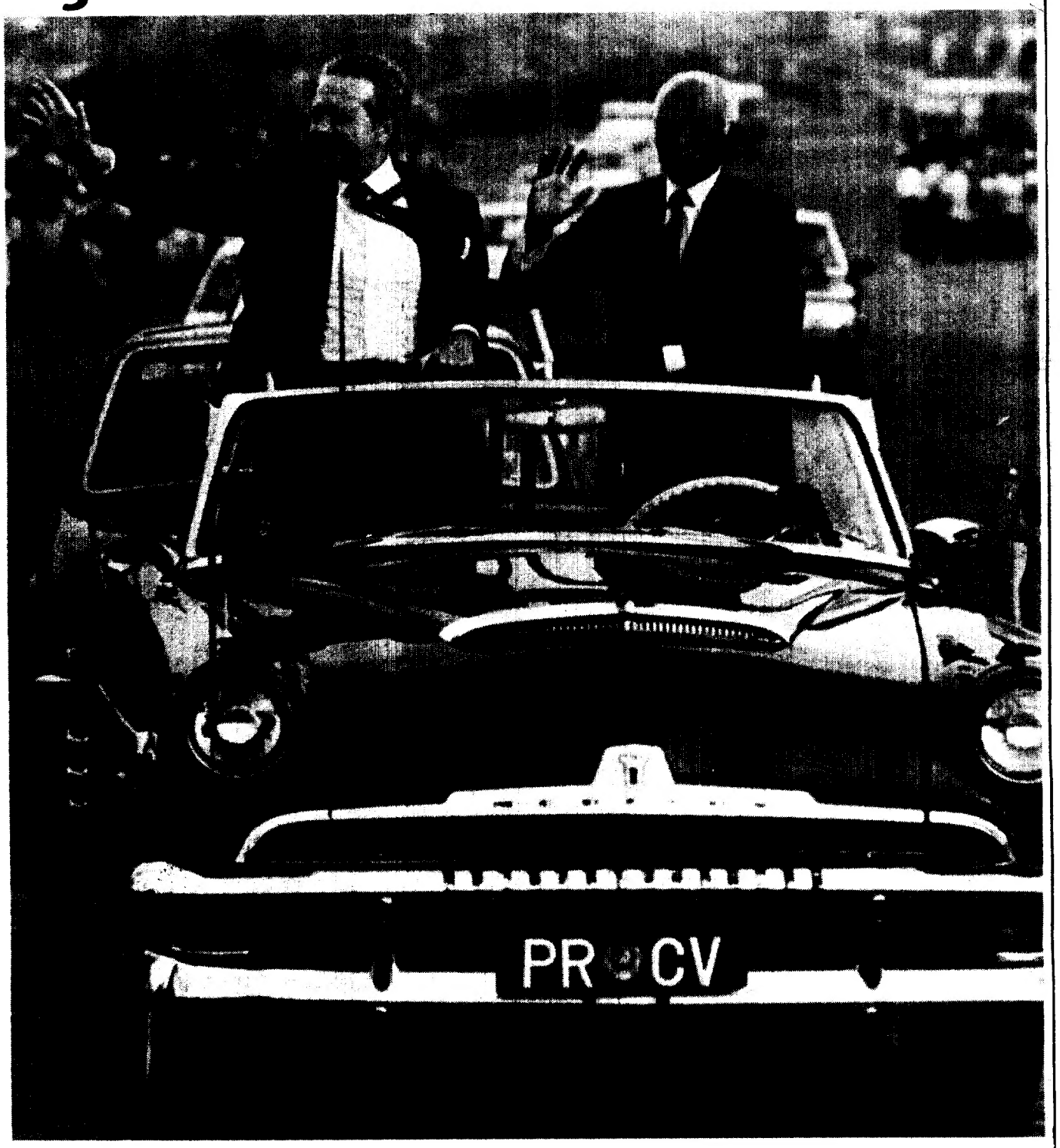
AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º-LISBOA

Na Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde

MÁRIO SOARES EM DEFESA DA INSTITUIÇÃO PARLAMENTAR

Aurea Sampaio

A sessão solene ontem à tarde realizada na Assembleia Nacional Popular constituiu «o ponto mais alto» da visita de Soares a Cabo Verde. Foi o próprio Presidente da República de Portugal a declará-lo num discurso que caracterizou por uma defesa veemente da instituição parlamentar, sem a qual não é possível a qualquer país enfrentar os problemas que se lhe deparam — culturais, económicos e sociais — em clima de liberdade e de justiça, sem que se dê ao povo a possibilidade de, periodicamente, exprimir a sua opinião sobre o andamento dos negócios públicos».



Aliás, a questão da liberdade viria a ser retomada pelo presidente Aristides Pereira, esse «sábio africano», como o qualificou Soares, ao responder a uma questão que lhe foi colocada por um jornalista na conferência de Imprensa dada pelos dois chefes de Estado numa sala do Parlamento.

A pergunta reportava-se a uma manifestação estudantil há três dias realizada na ilha de S. Vicente durante a qual, segundo um comunicado oficial lido na Rádio local, foram presas sete pessoas. De acordo com a mesma fonte, durante a manifestação os estudantes gritaram palavras de ordem como «Fora com a JAAC» (Juventude Africana Amílcar Cabral) e «queremos liberdade».

A propósito, o Presidente cabo-verdiano referiu-se ao facto de existirem «manifestações estudantis em todo o lado» e recordou mesmo os recentes incidentes de Paris nos quais foi morto um estudante. E a prova de que Cabo Verde é um regime democrático e de que somos tolerantes, disse Aristides Pereira, está aí, na possibilidade de as pessoas protestarem. De resto — revelou — não é esta a primeira vez que os estudantes o fazem. Ainda hoje houve outra manifestação. Há problemas com os estudantes que foram esta tarde recebidos pelo ministro da Educação».

Um vitupério

Mas Aristides Pereira teria ainda a oportunidade de defender «o sistema aberto» em que vive Cabo Verde ao considerar «um vitupério» qualquer alusão à existência de presos políticos no seu país. Rejeitava assim o chefe de Estado desta nação africana um relatório recentemente divulgado em Lisboa pela União Internacional de Advogados, o qual refere a existência de um campo de concentração neste país, além da prática de torturas e até da morte de um tal Jaime Figueiredo.

«Acho estranha a alusão à morte de Jaime Figueiredo», disse Aristides Pereira, que prosseguiu afirmando que essa pessoa «faleceu antes da independência pelo que se houve algum problema a responsabilidade não foi certamente nossa».

De resto, incitou os jornalistas a consultarem a Amnistia Internacional e a Cruz Vermelha, pois estas «organizações insuspeitas» poderão abonar ou não destas suas informações.

Antes, Soares tinha glosado o tema da cooperação referindo a existência de «contactos frutuosos e interessantes» ao nível bilateral. E isto é tanto mais possível quanto é um facto «a estabilidade e a paz social neste país, que se apresenta como um Estado organizado em que as coisas funcionam e onde já existem respostas para as questões cientificas e técnicas».

Muito se falou da situação na África Austral, cujo agravamento tem conduzido a uma crescente aplicação de sanções por parte da comunidade internacional à África do Sul. Indirectamente Cabo Verde sofreu talvez o maior corte nas suas fontes de receita com a suspensão dos voos da South African Airways para os Estados Unidos com escala no Sal.

«Foi uma medida que prejudicou Cabo Verde» disse Aristides Pereira. «Mas nós sempre defendemos a aplicação de sanções à África do Sul e seremos coerentes com os nossos princípios».

Para já os responsáveis governamentais deste pequeno país procuram alternativas à utilização rentável do aeroporto do Sal.

É este sentido das coisas que levou o secretário de Estado português da Cooperação, Azevedo Soares, a qualificar de «malha muito rica e sofisticada» o relacionamento entre os dois países consubstanciado na existência de dezenas de acordos, protocolos e convénios.

Para além do mais, referiu, tem-se assistido à crescente participação do universo empresarial português no desenvolvimento da cooperação que, de Estado a Estado, se tem traduzido sobretudo em acções nos domínios do ensino, assistência técnica e profissional e na construção de infra-estruturas.

Mas, prometeu este responsável do Governo português, a cooperação vai evoluir também no que diz respeito aos financiamentos.

«Cabo Verde poderá vir a constituir uma 'plataforma', espécie de ponte de negociações entre as nações africanas e outros países. Esta é uma vocação natural do nosso país tendo em conta a situação geográfica e a sua tradição histórica», disse Aristides Pereira aos jornalistas. Mas teve de acrescentar que isso só acontecerá se para tal for solicitado e «com espírito de prestação de serviço».

Tarrafal: estância turística

Com o mergulho nas águas transparentes na praia junto ao Tarrafal, Mário Soares parece ter querido simbolizar o seu apoio ao projecto que as autoridades cabo-verdianas têm de, conjuntamente com a empresa francesa, ali instalarem uma instância turística.

«Tarrafal — as férias especialmente pensadas para si» — é o «slogan» de uma campanha publicitária iniciada já nos pacotinhos de açúcar que nos são servidos com a bica ou o galão. Não pode deixar de se pensar na ironia que o destino reserva à zona onde antigamente existiu um campo de concentração onde pereceram dezenas de antifascistas.

A propósito, recorde-se que Soares antes de vir recebê-lo em Lisboa, um grupo de antigos tarrafalistas, afirmou: «não podemos viver continuamente no passado. Temos que nos voltar para o futuro e o futuro aqui é a cooperação com o novo Cabo Verde».

É evidente que o Presidente da República pretendeu assim desdramatizar o simbolismo do local e, para tal, disse: «Agora nós devemos esquecer e, acrescentou Mário Soares é tempo de lembrar que aqui vive toda uma população trabalhadora que está a fazer um grande esforço de desenvolvimento.»

De qualquer forma nada parece ainda completamente decidido quanto ao futuro do Tarrafal. Não se sabe se as autoridades cabo-verdianas irão ou não atender a uma sugestão dos antigos presos políticos que por ali passaram de instalar no local um museu da revolução.

Foi, aliás, em homenagem a estes que Mário Soares depositou um ramo de flores junto à lápide que assinala o décimo aniversário da libertação dos presos do Tarrafal.

Ainda ontem, o Presidente da República portuguesa visitou as instalações do INIA — Instituto Nacional de Investigação Agrária — onde se faz a formação de quadros para o desenvolvimento rural. Aqui se têm dado os primeiros passos para a produção e conservação de alguns produtos como feijão, manga e batata-doce.

Afinal, as primeiras «respostas científicas» que, como disse Soares, já começam a dar.

Situação degradada e alternativa adiada

Enquanto a «Oposição», formada de «oposições e com o seu estatuto fragmentário conformada, adia a «alternativa», o Governo adia a «crise político-parlamentar», e desencadeia a ofensiva do aumento dos preços. Este Natal recebe a mensagem do agravamento do custo de vida que vai reflectir-se, duramente, na vida comum dos Portugueses no ano que aí vem de 1987.

O Partido Renovador Democrático visita o Partido Socialista, analisam a situação, discutem, e, no final desse encontro, Jorge Sampaio defende-se das perguntas dos jornalistas, mantém, com alguma virtuosidade, o «suspense», e Hermínio Martinho, habilidosamente, passa a bola da «alternativa» ao Partido Socialista. É esta que é adiada para um futuro sem data, porque é ao PS que cabe a iniciativa pela circunstância de ser o partido parlamentar mais forte das «oposições»

O argumento é certeiro, incontestável. No diálogo entre os dois partidos, não esquecidos os remoques mútuos recentes, pairam sombras «presidenciais», sombras «legislativas», sombras «autárquicas» O PRD não perdeu confiança na possibilidade de manter os resultados eleitorais alcançados nas eleições legislativas de Outubro, o PS está confiante em que, com o novo elenco directivo, poderá recuperar os votos perdidos. Sem o entendimento dos dois partidos — PS e PRD — não é viável uma «alternativa governamental». O entendimento dos dois partidos é necessário, mas não é suficiente. A estabilidade da «alternativa democrática» supõe o apoio parlamentar, negociado ou tácito, do Partido Comunista.

A rivalidade, ou se quiserem, mais brandamente, a competitividade político-eleitoral, que prejudica o límpido relacionamento do Partido Renovador Democrático e do Partido Socialista, não se limita às eleições legislativas e autárquicas, inclui a eleição presidencial, esta, relativamente distante, mas já determinante de posicionamentos partidários e pessoais. Por outro lado, nem o PS, nem o PRD se dispõem a assumir, como perspectiva política para a resolução do problema da «alternativa», a iniciativa de contarem, deliberadamente, com o peso parlamentar do Partido Comunista.

Se é certo que ao Partido Socialista, sendo o segundo partido pela representação parlamentar, incubirá ser, ou promover, a «alternativa», também é verdade que não terá futuro o seu «governo minoritário» sem ter reunido as condições necessárias, sem se ter garantido a cooperação indispensável, o o indispensável apoio parlamentar.

Hermínio Martinho, vice-presidente do PRD, passou a palavra a Vítor Constâncio. Está o secretário-geral do Partido Socialista, com o problema nas mãos. Problema que poderá agravar-se rapidamente. Não será impossível que Aníbal Cavaco Silva se esforce por testar o eleitorado antes que a situação económica e social se deteriore, que o desespero dos «desfavorecidos» (como se diz no calão urbano e governativo) cresça, que a reacção aos aumentos se produza, que deflagre o descontentamento estudantil, que o desemprego inunde praças e ruas, estradas e caminhos.

Pede o Primeiro-Ministro que deixem governar o seu Governo. Proclamam as «oposições» que este é o Governo da «oportunidade perdida», da má governação, do discurso autoritário, das «grandes opções» reduzidas a um pequeno exercício literário. Tendo passado a prova parlamentar do Orçamento, o Governo lança-se, a todo o vapor, na ofensiva dos preços. Teoricamente os aumentos não excedem a inflação prevista para 1987 (9,5 por cento segundo cálculos da OCDE). Mas o rosário das dificuldades das famílias portuguesas que vivem dos rendimentos do trabalho não tem consolo com os argumentos dos políticos e dos tecnocratas. A vida é cada vez mais difícil A disparidade das situações económicas e quanto à segurança do emprego, são gritantes. Mantém-se um clima social e político de instabilidade provocada. As pretensões restauracionistas sobem de tom e encontram perigosa complacência no que respeita à revisão constitucional.

A leitura dos discursos, relatórios e estatísticas, acentua a referência à «oportunidade perdida». Mas, justamente, o problema que se coloca aos que acusam o Governo pela «oportunidade perdida» e que criticam o tempo que se está a perder em relação à preparação do País para a plena integração na CEE, vencidos que sejam os prazos e as situações preparatórias, é assumirem perante o País, clara e responsavelmente, a responsabilidade de «as oposições» serem, realmente, «Oposição».

E não apenas — não há razão para o não dizer — uma coincidência eventual, em sede parlamentar, de contestários do Governo minoritário a que a Assembleia da República deu luz verde. Ou, para além do direito de crítica, a «Oposição» alcança a coerência e a consistência, ou reduz-se a uma formação dispersa para os jogos de salão e para as competições eleitorais.

As relações colectivas de trabalho e as intenções governamentais

Rui Santos

Na Separata n.º 2 do «Boletim de Trabalho e Emprego» de 14 de Julho passado, fez o Governo publicar um projecto de decreto-lei cujo conteúdo, a ser aprovado, virá provocar profundas alterações no regime jurídico das relações colectivas de trabalho. Só a constatação deste facto, era por si bastante para que o mesmo fosse objecto de ponderada análise. Acontece porém, que o seu teor, além de ser na globalidade altamente lesivo dos interesses dos trabalhadores e das suas organizações de classe, tem vindo a ser evocado a todo o momento e com o maior desplante pelo Ministério do Trabalho, com o objectivo de se furtar ao cumprimento dos preceitos consubstanciados no D.L. 519-CI/79, único diploma actualmente em vigor sobre esta matéria. Esta situação por escandalosa, impõe uma tomada de posição de todos os interessados e um alerta para o conteúdo deste projecto.

★

Logo no preâmbulo se vislumbra a pretensão não intervencionista do Estado, que reflecte bem a sua natureza liberal e mistificadora da realidade. Natureza de resto subjacente a todo o projecto e muito especialmente no que diz respeito ao sector empresarial do Estado.

É por de mais conhecida, e o Governo bem o sabe, a parca, senão a inexistente, autonomia dos conselhosde gerência a nível das linhas de força mais evidentes da contratação colectiva. Eles estão totalmente dependentes das directrizes da respectiva tutela. Por outro lado, no sector privado, o conservadorismo e ideologia dominante retrógrada, de grande parte do patronato, coloca o não intervencionismo como uma atitude contrária aos interesses dos trabalhadores, enquanto parte débil da relação de trabalho.

O liberalismo social, de que este projecto é espelho, está não só claramente dessincronizado com a realidade social do País como se encontra em contradição com a própria Convenção n.º 154 da OIT, a qual reserva às entidades públicas uma função interveniente na contratação colectiva.

Curiosamente, as únicas intervenções estatais previstas neste projecto vizam tão-só a limitação de direitos fundamentais dos trabalhadores, como se exporá de sguida.

O preâmbulo reflecte um tosco liberalismo, que se apresenta sempre com duas caras e que por isso é inaceitável. É pura demagogia, dada a natureza tutelar do direito do trabalho, dizer-se que este alheamento estatal tem como desiderato facilitar um entendimento entre as partes como únicas protagonistas da negociação. É uma doutrina que ressuscita as velhas teses do «laissez faire, laissez passer», inadequada ao direito colectivo do trabalho hodierno e que, em última instância, só virá favorecer o patronato, nomeadamente aquele para quem a obrigação de se sentar à mesa com as organizações sindicais constitui um pesado fardo.

★

O conteúdo normativo do projecto não se afasta da linha marcada no preâmbulo. Sem se fazer uma exposição exaustiva de todas as alterações, optámos por enumerar aqueles pontos que nos parecem mais importantes e que traduzem, em nosso entender, ataques claros aos direitos fundamentais dos trabalhadores.

Assim, o n.º 7 do Art.º 11.º, além de vedar que nesta ou naquela empresa se apresentem cadernos reivindicativos com o objectivo de melhorar as condições de vida dos que nela labutam, durante a vigência das convenções — prática generalizada desde há muito — consagra uma limitação à utilização do direito à greve. O Governo pretende, de forma indirecta, revogar a disposição do n.º 1 e n.º 2 da Lei 65/77, que mais não é do que a transcrição do Art.º 58 n.º 2 da Constituição da República Portuguesa. Os trabalhadores através deste projecto, deixam de ter possibilidades de definirem livremente o âmbito de interesses a defender através da greve.

Afigura-se clara a inconstitucionalidade deste preceito que, além de tudo, proíbe novos acordos na vigência de anteriores, ainda que se tenham verificado alterações substanciais das condições existentes à data em que foi elaborada a convenção colectiva em causa.

O absurdo do Art.º 20.ºdo projecto é por de mais evidente. A inovação consagrada na alínea d) deste preceito, obrigando a que no âmbito das convenções seja negociado e acordado em plena sintonia temporal com o restante clausulado, matéria de tão grande complexidade como é a inerente a enquadramentos, fazendo depender o depósito de tal concretização, ou é fruto da ignorância de quem nunca negociou esta matéria ou é manifesta má-fé de quem subscreve o projecto. As dificuldades em negociar matéria de enquadramento profissional simultaneamente com o restante processo inviabiliza, a manter-se tal exigência, o próprio **depósito** das futuras convenções e, por via disso, a sua própria aplicação.

No Art.º 31º elimina-se, e mal, o dever de colaboração da administração com os árbitros, instituindo-se não a regra de decisão por maioria mas sim a decisão unilateral do terceiro árbitro. Se tivermos em linha de conta que nas empresas públicas ou de capitais públicos a arbitragem pode tornar-se obrigatória e o terceiro arbitro tem origem em nomeação governamental, é de recear uma autêntica governamentalização da fixação das relações colectivas de trabalho, num bom exemplo para explicitar o que, em sede de relações colectivas de trabalho, não deve ser o intervencionismo do Estado.

Este preceito do projecto é pródigo em contradizer o elementar direito à negociação. Consagra o mesmo a possibilidade da decisão arbitral reduzir globalmente disposições mais favoráveis aos trabalhadores existentes na convenção em revisão. O Governo omite completamente o princípio da conglobação, princípio que não tem sido até ao momento objecto de contestação por parte dos seus destinatários.

★

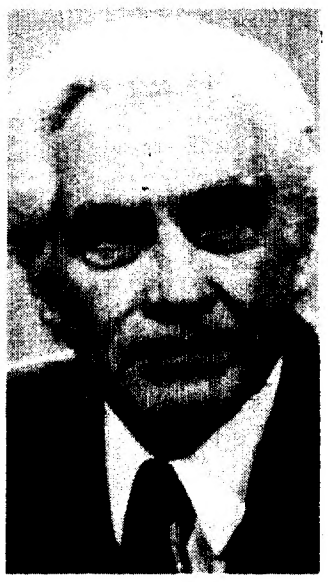
O Art.º 33 do projecto é, em conjunto com o n.º 7 do Art.º 11, aquele que apresenta um maior esforço de rotura com a lei vigente em detrimento do trabalhador - por contra de outrém. Refutando a possibilidade de elaboração de portarias de regulamentação de trabalho em face de recusas e boicotes negociais por parte do patronato, e limitando a sua feitura apenas ao sempre aleatório «interesse público», o projecto está dando cobertura, ou melhor, está a pretender legalizar, a prática do boicote patronal às negociações. É oportuno aqui lembrar o que se passou em meados do ano corrente no subsector de transportes pesados de mercadorias e o que se passa em muitas outras áreas de actividade, pois são casos típicos que aconselhariam o legislador a não se ficar pela mera referência ao «interesse público», conceito que é aliás sempre definido em função de critérios subjectivos e por quem detém o poder. Este mesmo critério dificultará também que as chamadas zonas brancas, ou seja, aqueles sectores sem qualquer regulamentação específica, possam ser abrangidas por um instrumento de regulamentação colectiva de trabalho.

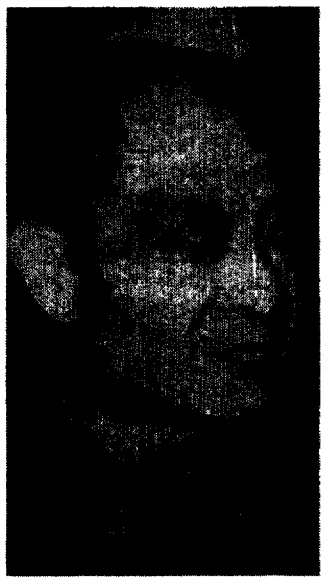
★

Em suma poder-se-á dizer que este projecto, além de ser altamente lesivo para quem trabalha, tem aspectos contraditórios com o actual texto constitucional. As poucas disposições positivas que aqui e além apresenta são totalmente ofuscadas pelos preceitos a que aqui se faz referência.

Não duvidamos que a sua rejeição será ponto assente em todas as estruturas do movimento sindical unitário.

* Advogado. Conselheiro jurídico sindical





Cunhal em balanço de visita

PCP ainda não restabeleceu relações com Pequim

O líder do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, disse em Pequim que não tinham sido restabelecidas relações com o Partido Comunista Chinês, apesar de três dias de conversações com destacados líderes partidários chineses.

Cunhal disse ontem, em conferência de Imprensa, que o seu partido estava ainda mais próximo de Moscovo do que de Pequim.

«Não vamos divulgar nenhum comunicado sobre as conversações. Não posso dizer nada sobre o futuro desenvolvimento entre os dois partidos», disse Cunhal, depois de duas horas de conversações com o chefe do Partido Comunista Chinês, Hu Yaobang.

Cunhal disse: «É verdade que existem algumas diferenças entre as nossas relações com o Partido Comunista soviético e o Partido Comunista Chinês.»

Disse que o seu partido tinha relações de amizade com Moscovo desde há muitos anos mas que só começou a reatar as relações com Pequim nos últimos três anos.

Cunhal chegou na segunda-feira a Pequim para uma visita de cinco dias que diplomatas disseram ser destinada a restabelecer as relações cortadas depois da cisão da China com a União Soviética, nos começos da década de 60.

Disse que a actual visita, a primeira que efectua à China, foi um passo importante no sentido do restabelecimento de relações com o Partido Comunista Chinês.

Diplomatas disseram que o Partido Comunista Chinês tem estado a tentar melhorar as relações com os partidos comunistas europeus mas que descobriu que isso era mais fácil com os partidos de Itália, França e Espanha do que com outros, incluindo o partido português, que são vistos como sendo mais pró-soviéticos.

Cunhal, que sai da China amanhã, disse que vai visitar Hanói depois de uma breve escala em Moscovo, onde se reunirá com líderes do Partido Comunista Soviético.

Consenso Lisboa-Ponta Delgada

Terminou "guerra dos símbolos"

A comissão parlamentar dos Assuntos Constitucionais chegou a acordo com a Assembleia Regional dos Açores relativamente ao artigo polémico do estatuto autonómico sobre os símbolos nacionais e regionais.

A proposta avançada pelo deputado Almeida Santos foi aceite por todos os partidos representados na referida comissão parlamentar e pela delegação da assembleia regional, presidida por Reis Leite.

O ponto um da proposta prevê a existência de símbolos regionais e o ponto três estipula que que a bandeira regional não possa ser içada sem ser acompanhada pela bandeira nacional. Relativamente ao ponto dois(responsável pela polémica gerada), a nova redacção não prevê a obrigação de hasteamento da bandeira regional nos quartéis, mas apenas nas instalações e actividades do Governo regional e dos organismos sob sua tutela.

Área vital para a NATO

Onze milhões de contos para equipamento militar nos Açores e na Madeira

As unidades militares dos Açores e da Madeira vão necessitar de «obras de vulto» e de melhoria dos respectivos equipamentos nos próximos anos, indicou em Ponta Delgada um porta-voz do comando chefe local das Forças Armadas, ao comentar notícias de elevados investimentos programados para o sector militar nas duas regiões autónomas.A mesma fonte militar frisou a ausência, desde a 2ª guerra mundial, de melhoramentos significativos nas unidades e nos equipamentos de defesa dos arquipélagos.

O «Correio dos Açores» noticiou, a propósito, que a lei de programação militar prevê o investimento nas ilhas, entre 1987 e 1991, de 10 milhões de contos a financiar pelo Orçamento de Estado e de 5,5 milhões de dólares, provenientes dos acordos das Lajes e das Flores.

Estrategas da Nato, citados pelo informador do comando-chefe em Ponta Delgada, consideram os dois arquipélagos atlânticos, particularmente os Açores, pontos essenciais para a «defesa do Ocidente», nomeadamente em matéria de apoio logístico à navegação entre a Europa e a América.

A construção de um ponto de apoio naval na Praia da Vitória(ilha Terceira), junto da base das Lajes, orçado em 2 milhões de contos, um novo quartel em Santa Maria, depósitos de munições em S.Miguel, na Terceira e na Madeira e uma nova unidade militar na Terceira, são as principais obras previstas para o reequipamento militar insular.

Pretória e a Madeira

O interesse do governo sul-africano pela zona franca madeirense (como modo de «purificar» os produtos de Pretória para a Europa e para os EUA), e pela pista de Porto Santo, para os seus aviões de longo curso, são temas de um artigo do jornal conservador suiço, «Journal de Genève», intitulado «Pretória procura na ilha da Madeira um novo balão de oxigénio».

O artigo, do correspondente do jornal em Lisboa, Nuno Sepúlveda, salienta a importância da comitiva sul-africana recebida na Madeira pelo chefe regional, João Jardim, «com todas as honras».

O jornalista salienta que o súbito interesse de Botha pela Madeira «deu satisfação a João Jardim, homem político pragmático que nunca se deixou embaraçar em demasia por princípios políticos ou ideológicos».

Parlamento debate propaganda política

A conferência de lideres parlamentares agendou para terça-feira da próxima semana as impugnações apresentados pelo MDP/CDE e PCP contra o projecto de lei do PSD, que visa disclplinar as colagens de cartazes nas paredes para fins eleitorais ou comerciais.

Para a mesma sessão foi também agendada a discussão de uma proposta de lei do Governo que autoriza a estabelecer a consolidação da dívida de Moçambique a Portugal. A ratificação, pedida pelas bancadas da oposição de esquerda, do recente decreto lei sobre a União de Bancos, é outro dos pontos agendados para terça-feira.

Hoje, à tarde, o plenário reúne-se para debater, ne generalidade, a proposta de lei do emparcelamento rural. Amanhã, a Assembleia funcionará, excepcionalmente, para comemorar o décimo aniversário do Poder Local.

Entretanto, o PRD apresentou ontem na Mesa do Parlamento duas iniciativas legislativas: uma, para a Lei de Televisão; outra, para os estatutos da RTP. A apresentação pública dos dois projectos de diploma foi feita em conferência de imprensa. O projecto de lei da Televisão, cujos primeiros subscritores são José Carlos Vasconcelos e Alexandre Manuel, admite a concessão de canais de TV em exploração à iniciativa privada, mas reserva ao domínio público a rede distribuidora. Tal como o PS, os renovadores propõem a criação de um «Conselho Geral», integrando representantes de diversos organismos com competência para designar as administrações dos «media», cuja nomeação pertence actualmente ao Governo.

Programação militar sobe ao Parlamento

A comissão parlamentar de Defesa iniciou também ontem a apreciação da proposta de lei de programação militar apresentada recentemente pelo Governo. Por via deste futuro diploma serão envolvidas despesas totais de cerca de 100 milhões de contos a concretizar nos próximos cinco anos, apesar de mesmo assim não estarem contemplados os valores para a compra das fragatas, nem os relativos ao complemento das esquadrilhas de aviões A7 nem tão-pouco a aquisição de blindados para Santa Margarida.

Para a apreciação desta matéria, a comissão solicitou um encontro com o ministro da Defesa e peritos dos Estados-Maiores, pedindo alguns documentos ao Ministério da Defesa e ao Conselho Superior de Defesa Nacional. Entre os documentos pedidos contam-se os relativos ao «dispositivo dos sistemas de forças das Forças Armadas, conceito estratégico militar, missões das Forças Armadas a sistemas das forças».

«Acto único europeu»

A comissão parlamentar de Integração Europeia decidiu, por seu turno, pedir a convocação do Ministro dos Negócios Estrangeiros para esclarecimentoos acerca do «acto único europeu», cuja ratificação urgente foi pedida pelo Governo à Assembleia.

O «acto único europeu» foi assinado pelo Executivo em Junho e enviado recentemente ao Parlamento para ratificação, que é urgente, uma vez que o tratado deverá entrar em vigor no próximo dia 1 de Janeiro.

Trata-se, efectivamente, de uma alteração aos tratados das comunidades que visa reforçar o papel do Parlamento Europeu, modifica em certos cesos os sistemas de decisão que prevê a introdução de novas políticas e o aprofundamento das políticas existentes.

Rocha Vieira acha correcta transferência de verbas para os Açores pela sua mão

O ministro da República para os Açores, brigadeiro Rocha Vieira, considerou que a decisão de as transferências das verbas do Orçamento de Estado se processar através do seu gabinete «é politicamente a mais correcta».

«É a decisão mais coerente com os textos constitucionais, como é politicamente a mais correcta e tenicamente a mais eficiente» — sublinhou Rocha Vieira aos jornalistas, no aeroporto das Lajes.

O brigadeiro, que partia para Lisboa para se avistar com o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, adiantou julgar que «a transferência de verbas para a região vai correr de uma maneira mais fácil e favorável» para o arquipélago.

Sobre o modo de transferência das verbas do Orçamento de Estado, o ministro da república afirmou que «o processo não vai ser substancialmente diferente do anterior».

Acrescentou que o decreto de execução governamental «deve ser bastante claro a este respeito,de maneira a que não haja quaisquer problemas».

Rocha Vieira negou, entretanto, que esta questão, levantada dez anos após o regime autonómico, seja parte da afirmação política do ministro da República em relação a quaisquer órgãos de governo da região.

O governo regional, nomeadamente o seu presidente e o secretário das Finanças, contestou publicamente tal modificação legal.

Interrogado sobre o alegado abuso do direito de veto de que é acusado, o ministro da República disse que «mais do que um poder, é um dever do ministro da República zelar pela segurança das leis».

«Não interessaria a ninguém — acrescentou — que os diplomas sejam amanhã postos em causa por entidades ou partidos, o que levantaria conflitos e inconvenientes que podem ser graves».

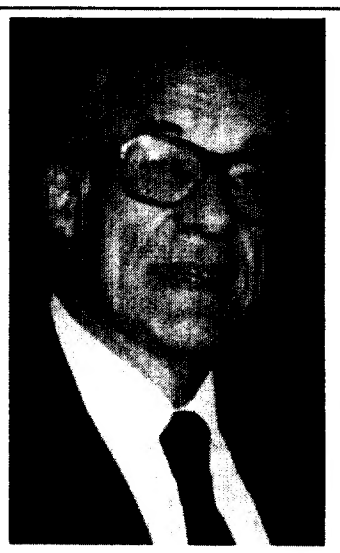
Para Rocha Vieira «o processo de autonomia que está em desenvolvimento baseia-se em dados firmes e consistentes que não podem ser futuramente postos em causa».

O veto, referiu Rocha Vieira, deve «ser entendido não como qualquer obstáculo, mas sim no sentido de desencadear mecanismos de aperfeiçoamento do diploma».

O ministro da República para os Açores vetou recentemente três diplomas aprovados pela Assembleia Regional sobre Segurança Social, Protecção Civil e cobrança local de taxas sobre seguros para serviços de bombeiros.

Helder Pacheco

Gentil Martins



Machado Macedo

Guimarães dos Santos

Quatro candidatos na "corrida"

Médicos elegem bastonário

Cerca de 25 mil médicos de todo o País elegem hoje, de entre quatro candidatos, o bastonário da Ordem para os próximos três anos. Os seus nomes são há alguns dias conhecidos: Gentil Martins — que foi «dono» da Ordem durante os três últimos mandatos —, Guimarães dos Santos, Machado Macedo e Hélder Pereira.

Da primeira vez que se candidatou, Gentil Martins teve como opositor Eduardo Cortesão e, na segunda, Aroso Ramos. A terceira vez, o actual bastonário não teve opositor.

Os outros três candidatos não se tinham candidatado anteriormente ao lugar de bastonário.

Dos médicos que hoje votam, mais de 13 mil estão inscritos na Secção Regional do Sul da Ordem, enquanto na secção do Norte estão inscritos mais de sete mil e na do Centro mais de 4 mil.

A Ordem dos Médicos, que foi criada a partir da Associação dos Médicos Portugueses, formou-se em 1938 e teve, até agora, oito bastonários.

Elísio Moura (1939/40), António Flores (1940/43), Freitas Simões (1944/46), Cerqueira Gomes (1947/55), Silva Hortas (1956/61), Lobato Guimarães (1962/67) e Miller Guerra (1968/75) foram os antecessores de Gentil Martins.

Gentil Martins

«Acredito» e «é preciso» são palavras-chave da candidatura de Gentil Martins. Ambas abrem as aspirações e linhas de acção de que o actual bastonário e novo candidato à Ordem nos dá conta no seu manifesto.

Eis aquilo em que Gentil Martins «acredita»:

«— Acredito que sem o exercício médico digno, motivado e com condições de trabalho, não é possível aos doentes terem os cuidados de saúde a que têm direito.

— Acredito na necessidade de experiência longamente acumulada no exercício de um cargo difícil e exigente.

— Acredito que a generalidade da classe é digna e responsável e, sempre que necessário, sabe colocar o interesse dos doentes à frente dos seus próprios interesses.

— Acredito ter apoios válidos em todo o País e ser um candidato verdadeiramente nacional, sem regionalismos despropositados.

— Acredito que a força do presidente do conselho nacional executivo resulta da justeza das suas razões, já que só dispõe de um único voto para contrapor aos nove das secções representadas.»

E aquilo que «é preciso» (ainda segundo ele):

«— É preciso que o Estado assuma as suas responsabilidades perante todos os médicos e não apenas perante o orçamento e os doentes.

— É preciso que o cargo de presidente da Ordem seja assumido por inteiro e não um cargo simbólico para coroar apenas uma carreira ténica ainda que brilhante.

— É preciso respeitar as decisões dos órgãos colegiais de que se faz parte.

— É preciso manter o segredo e independência profissionais, não como privilégios do médico mas como direito inalienável do doente.

— É preciso que não sejam as condições socioeconómicas a determinar o nível dos cuidados fundamentais de saúde a que os doentes têm acesso.»

Machado Macedo

Machado Macedo sustenta que «são vários os pontos responsáveis pela descida do prestígio em geral da profissão». No «Programa de Acção» tornado público, Manuel Eugénio Machado Macedo sublinha:

«Existem, certamente, erros e faltas graves que têm de ser corrigidos e até frontalmente revistos sob o ponto de vista legal ou disciplinar. Porém, a generalização superficial e descuidada dessas tais faltas a toda uma classe exige uma reformulação que se julga até desejada por todos, juízes e julgados, no bom sentido que é a colaboração inteligente e civilizada como se impõe numa relação que deve ser aberta ao diálogo.

« É costume dizer-se — acrescenta — que a classe médica tem grande força. E isso é uma verdade insofismável que, porém, tem de ser revista e reposta no seu devido conceito. Por que razão será então forte a nossa classe? No fundo, porque é um dos elementos mais motivados e preparados para preservar a SAÚDE e/ou tratar a DOENÇA. O médico é um elemento fundamental de um xadrez em que pode considerar-se só menos importante do que o próprio doente. Todos os outros trabalhadores de Saúde têm relevante papel e o Estado tem por obrigação dar possibilidades de trabalho, coordenar e até responsabilizar as actuações que dele dependem. Mas também tem, como elemento tutelar da orgânica da Saúde, que demonstrar a sua motivação contribuindo, dentro das suas possibilidades, para que o doente ocupe SEMPRE o primeiro lugar no espírito de toda esta organização.»

Guimarães dos Santos

Guimarães dos Santos, presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos do Porto, enuncia os pontos da sua candidatura: razões da sua apresentação, sistema hospitalar, carreira de clínica geral, internatos, política interna da Ordem e defesa socioprofissional. Daniel Serrão, do Porto, é o presidente da sua comissão de Honra.

«A presidência da Ordem dos Médicos — diz nas 'razões da sua candidatura' — não deverá constituir mera caixa de ressonância das reclamações, justificadas e legítimas, da universalidade dos médicos. Pelo contrário, deverá também emitir orientações genéricas, visando designadamente a melhoria das condições de trabalho, de remuneração e de segurança social dos médicos, e reforço da dignidade profissional e dos princípios éticos que terão de pautar a nossa actividade.»

Diz ainda Guimarães dos Santos no seu programa que, «socialmente iníquo, profissionalmente inaceitável, o desemprego constitui uma ameaça iminente para os médicos mais jovens. Miopia política, falta de planeamento, erros de análise e falta de solidariedade da classe contribuíram em maior ou menor grau para esta situação, que alguns querem inevitável. Consideramos que, num País altamente carenciado de serviços de cuidados de saúde, haver médicos impedidos de facto de exercer a sua profissão, única para que estão científica e tecnicamente preparados, constitui um desafio ao senso-comum e uma afronta à própria sociedade. Por isso, pensamos que ainda é possível através de um diálogo ponderado e responsável ultrapassar este grave problema que resulta mais da carência de meios e estruturas do Estado do que do excesso da oferta de serviços

Helder Pereira

Hélder Caramez Pereira, que em 1979 ingressou no Serviço de Oftalmologia do Hospital de Santo António, é o mais jovem dos candidatos a bastonário da Ordem dos Médicos.

O seu programa de acção separa «funções específicas da Ordem dos Médicos (aspectos deontológicos e formação profissional) e actividades sindicais», preconiza que o Estado defina «de uma forma objectiva e de acordo com um proograma a médio e longo prazo que tipo de SNS quer o País» e a revisão «das vias de acessos às categorias de Assistentes de Clínica Geral e Consultor», defendeu do também «maior atenção da Ordem aos aspectos deontológicos de modo a moralizar a classe» e a «classificação do estatuto dos internos voluntários de modo a não originar ambiguidades nos concursos públicos».

Grupo de jovens escolhe Abril

do próximo ano

Festival da paz anunciado em falua com caldeirada

A meio do Tejo, a bordo de uma falua e com uma caldeirada para temperar o frio, um grupo de jovens de várias organizações que têm como motivação e propósito a paz anunciou em conferência de Imprensa nada formal a realização em Abril do ano que já está aí às portas de um festival com vários componentes - o espectáculo, o desporto, os debates, passagem de filmes, teatro, exposições diversas e ainda café-concerto e discoteca.

A finalidade é uma, e de incidência bem aguda nos tempos que correm - alertar os lisboetas e os jovens em particular contra o trânsito ou paragem de armamento nuclear pelo estuário do Tejo, o que só por si coloca Lisboa como alvo potencial no caso de conflito mundial. Nada de comum com o «Lisboa, Capital da Paz » de má memória, prometem desde já a Ana Rebola, do Objectivo Paz, a Ana Guerreiro do departamento de jovens da Comissão de Paz de Lisboa, da Ana Duarte, militante da Comissão Portuguesa do Ano Internacional da Paz, e ainda de Paulo Barbosa (Objectivo Paz), Luís Costa e Rui Alves, ambos da AIP, responsáveis pelo passeio e pela caldeirada, e pelo frio que fizeram passar aos jornalistas na manhã de ontem. Apesar da recompensa final.

Num ambiente de confraternização e à vontade, o grupo de pacifistas divulgou já a data e o local da realização, mas não outros pormenores, como por exemplo sobre quem vão ser os artistas estrangeiros convidados, por ser ainda demasiado cedo para certezas. Certezas por enquanto só duas - vai ser nos dias 11 e 12 de Abril, no edifício da FIL. Daí o «slogan» já inventado - Abril na FIL.

«Não podíamos organizar um espectáculo apenas, sob o risco de não ficar nenhuma mensagem. Mas também não podíamos resumir o festival a um acontecimento chato. Ele vai ser muito nosso, vai ter a ver connosco jovens na medida em que suscitará a criatividade das ideias. Tem que ser um grito de vida, de alegria, de descontracção», confiou-nos um dos jovens organizadores, entre duas garfadas e ao balanço, perigoso para o estômago, provocado pelas ondas do Tejo.

A ideia inicial partiu de um colectivo de jovens que foi a Copenhaga no âmbito do Ano Internacional da Paz promovido pelas Nações Unidas e aí participou no Congresso internacional, um congresso que pretendeu contribuir para a consolidação do movimento da paz e não com o fim de chegar a conclusões. «Reuniram-se lá pessoas muito diferentes entre si, tanto a nível ideológico e religioso como na disparidade geográfica que se verificou», como nos testemunharam. E não só se proporcionou esta dinâmica no nosso país como também se anunciam outros festivais do género, mais ou menos na mesma altura, seja na Suécia como no deserto do Nevada, nos Estados Unidos da América, e até a circulação de um «comboio pela paz» que atravessará a Europa.

As organizações que desde já estão por trás da realização desta iniciativa são o Conselho Português para a Paz e Cooperação, o Movimento Não às Armas Nucleares em Portugal, o Objectivo Paz, que é um grupo nascido em espaço universitário, e a Comissão de Paz de Lisboa. Disseram-nos - «São estruturas com âmbitos restritos cada uma delas. A Comissão de Paz de Lisboa, por exemplo, ocupa-se das questões da paz que dizem respeito directamente à cidade, e o Movimento Não às Armas Nucleares incide apenas nesse aspecto particular. Mas estamos em permanente colaboração, temos um intercâmbio de trabalho, agimos em unidade. A própria actividade a favor da paz pede uma divisão em semi-grupos, é mais viável deste modo.»

São sessenta as organizações que já deram o seu apoio a esta iniciativa, entre comissões de jovens, associações estudantis, sindicatos, cooperativas, câmaras e juntas de freguesia, associações recreativas e colectividades. «É a paz no Tejo que queremos preservar, é pela ausência de submarinos e armas nucleares no Tejo que lutamos. Claro que não podemos exigir já que Lisboa seja desnuclearizada. Primeiro é preciso sensibilizar os jovens e as pessoas em geral, alertar-lhes para o que é que o emprego, o ensino ou a habitação têm que ver com a paz. Não pretendemos dar definições de paz, mas exemplos concretos. A paz não é só o contrário da guerra.»

Transaccionavam produtos da África do Sul e da Suazilândia

Portugueses detidos por fraude económica fixaram-se em Moçambique depois de Nkomati

Mais cidadãos moçambicanos e estrangeiros, na sua maioria portugueses, foram ontem detidos no Maputo sob a acusação de praticarem «comércio externo não autorizado».

As prisões foram efectuadas pelos Serviços de Segurança do Estado (SNASP), que, no dia 8, tal como ontem noticiámos haviam procedido a diversas detenções sob a alegação dos mesmos motivos.

Entretanto, e até ao fim da manhã, o consulado português no Maputo ainda não recebera a lista dos portugueses presos, para de acordo com as normas internacionais lhes prestar a devida assistência.

De acordo com o correspondente da NP na capital moçambicana, Augusto Carvalho, a maioria dos portugueses detidos, cujo número pode ser superior aos dez inicialmente previstos, trabalhavam em pequenas empresas comerciais, por vezes familiares, com sede na África do Sul, uma na Suazilândia e uma pequena representação em Moçambique, em geral no Maputo. Entre essas empresas contam-se a Vicom Trading, a Interimpex, a Sogil, a Angloport, a Delta Export, a Ceiko, a Superservice, a Chandling International de Durban e a D.D.F. Trading.

Pela lei moçambicana, uma empresa do género para poder exercer legalmente a actividade no país tem de estar munida da competente licença, o que não era o caso, segundo disse à NP uma fonte do Ministério do Comércio. No entanto, algumas delas exerciam a sua actividade há vários anos, pagavam os direitos aduaneiros e eram fornecedoras de organismos do Estado. Uma delas tinha mesmo o escritório nas instalações de uma empresa estatal. O comércio a que se dedicavam consistia em mandarem vir produtos da África do Sul e Suazilândia e vendê-los em Moçambique. Empresas havia que tinham um serviço de encomendas e entregas ao domicílio.

Estas empresas surgiram em Moçambique depois da assinatura do Acordo de N'Komati, que abriu perspectivas de negócios com a África do Sul.

Marques Mendes em Viena

Operadores não estatais de TV vão concorrer a curto prazo com a empresa pública RTP

Os operadores não estatais de televisão vão concorrer «a curto ou médio prazo» com a empresa pública RTP na prestação de serviços televisivos - afirmou em Viena o secretário de Estado adjunto Marques Mendes, ao falar durante a I Conferência Ministerial sobre Política de Comunicação Social.

Para Marques Mendes, as diversas iniciativas legislativas tendentes ao reordenamento do cenário jurídico subjacente ao exercício da radiotelevisão culminarão «a curto prazo na aceitação de operadores não estatais de televisão».

O responsável governamental pela área da Comunicação Social considerou igualmente que a opinião pública portuguesa se tem mostrado «crescentemente sensibilizada» face à problemática do exercício não estatal de radiotelevisão.

Acrescentou que a coexistência de outros serviços de televisão, «de natureza distinta, passou a ser encarada não mais como um atentado à prossecução de objectivos de relevância nacional, mas como meio complementar de expressão ou satisfação de legítimos interesses sociais e individuais» -disse aquele membro do Governo.

Enquadrada pelos seus filhos António e Filipe, D. Maria de Lurdes Machado mostra o trofeu que foi outorgado em Itália.

Adega Machado: justo e belo prémio internacional

Eram 950 os restaurantes que estavam na corrida à «taça de ouro internacional para a gastronomia», instituída em 1974 pelo Centro Italiano de Promoção Económica Mundial, sediado em Grosseto (Itália). O prémio vem para o nosso país exactamente para a Adega Machado, nossa vizinha com muitos amigos deste jornal. Atestado de mérito que realça «**óptima qualidade de cozinha, fineza nos serviços e seriedade profissional**», é mais um justo motivo de orgulho para a família Machado que, desde D. Maria de Lurdes a Filipe, estará em força, na noite de hoje, para festejar o galardão e escutar Amália, uma vez ao ano cantando no «nosso» Bairro Alto, num palco de alto prestígio.

Durante a segunda quinzena de Janeiro

Finalistas da Escola de Jornalismo de Moçambique visitam Portugal

Vinte e dois alunos finalistas da Escola de Jornalismo de Moçambique vão visitar Portugal num programa organizado pelo secretário de Estado Português da Juventude, Couto dos Santos. Os alunos partem para Lisboa no dia 13 de Janeiro com regresso previsto a 1 de Fevereiro.

Do programa, organizado pela Secretaria de Estado da Juventude, de acordo com a Escola de Jornalismo e com a delegação da agência Notícias de Portugal no Maputo, faz parte um conjunto de actividades culturais tendo em vista a profissão a que os jovens se destinam.

Os vinte e dois alunos, além dos contactos com os órgãos de comunicação social, serão recebidos pelo Presidente da República, Mário Soares, pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, e pelo Presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, e grupos parlamentares.

Visitam Lisboa, Coimbra, Porto e Braga.

A viagem de estudo enquadra-se num programa de cooperação entre Portugal e Moçambique, inteiramente subsidiado pela Secretaria de Estado da Juventude.

A Escola de Jornalismo de Moçambique é um instituto médio que engloba dois anos de curriculum académico e um estágio.

Portugal tem colaborado com a Escola. Há um ano, a secretária de Estado da Cooperação ofereceu 10 máquinas de escrever, a Embaixada portuguesa, diversos livros, e o Sindicato dos Jornalistas vai oferecer mais dez máquinas e material diverso.

A NP ofereceu gratuitamente o professor de Jornalismo, que é o seu delegado em Maputo, Augusto de Carvalho, com sete horas de aulas semanais.

Ajude a Unicef em Portugal

PUBLICIS

LOCAIS DE VENDA

Caixa Geral de Depósitos — Todas as Agências do País
Banco Nacional Ultramarino — Todas as Agências do País
Supermercados Pão de Açúcar — Alcântara e Cascais
Supermercados Modelo — Entre-Campos
Shoping Center Fonte Nova — Benfica - Lisboa
Papelaria Progresso — R. Ouro, 153 - Lisboa
Papelaria da Moda — R. Ouro, 167/73 - Lisboa
Gaia — Av. Roma, 12 / D / E
Comité Português Unicef — Zona J - Lote 568 - Loj. A - Chelas
Publicações Europa-América — Lisboa
Papelaria Erasmo — Av. da Igreja, 3-B Lisboa

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA 3.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc.º 438-B
2.ª Secção.

Faz-se saber que pelo 3.º Juízo 2.ª Secção desta comarca de Almada, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOSÉ MADEIRA DOS SANTOS e mulher LÍGIA COSTA PEREIRA, residentes na Rua Morais Soares n.º 35 — 3.º Dt.º Lisboa, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por AMÉRICO DOS SANTOS PRAZERES e mulher PALMIRA GONÇALVES PRAZERES.

Almada, 3 de Dezembro de 1986
O Juiz de Direito
Ilegível
A Escrivã-Adjunta
Ilegível
D.L. 11/12/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contarda data da publicação do 2.º e último anúncio.

Execução Sumária n.º 5010, 2.ª Secção.

Exequentes — União Fabril Farmacêutica, SARL.

Executado — Leonel Fernandes da Conceição Teixeira, residente na Rua Cidade Santos, Lote 64 — Bairro Monte Formoso, 3000 COIMBRA.

Lisboa, 86/11/26
O Juiz de Direito,
Lino Augusto Pinto
Pel'O Escrivão de Direito,
José António Cardoso Alves
«DL» 11/12/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

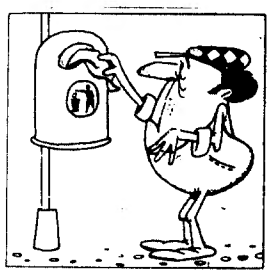
FAZ SABER na Execução ordinária pendente na terceira secção da Secretaria Judicial desta comarca, Segundo Juízo, número 310/85 que a exequente Dimogrupo-Sociedade Distribuidora de Materiais de Construção Ld.ª, com sede no Travasso — Pombal, move contra o executado MANUEL DA COSTA JOÃO, casado, comerciante, residente em parte incerta da América, com última residência conhecida no lugar do Alto da Roussa, freguesia e concelho de Pombal, é esta executado citado para no prazo de DEZ DIAS deduzir oposição, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente esse direito, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, cujo pedido consiste do pagamento à exequente da quantia de 459.811$00, juros e custas legais.

Pombal, 2 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito,
António Pereira Madeira

A Escrivã Adjunta,
Maria Manuela de Jesus Ramos

«DL» 11/12/86 — 2.ª Pub.



Acordo de pesca do Guadiana

"Fumo branco" em Sevilha se espanhóis forem razoáveis

Delegações de Portugal e Espanha estão reunidas em Sevilha para desbloquear os entraves que dos dois lados se colocam ao acordo fronteiriço de pescas do Guadiana. Os trabalhos prosseguem até amanhã, na delegação regional do Governo Central na capital da Andaluzia, havendo da parte da «equipa» portuguesa chefiada por Eurico Monteiro uma maior flexibilidade sobre a questão das áreas. Mas isso não significa que os interesses portugueses, e implicitamente os dos pescadores e armadores da zona do Guadiana — entre Vila Real de Santo António e Tavira — não sejam intransigentemente defendidos.

Há a convicção entre a delegação portuguesa, segundo um despacho da Anop datado de Sevilha, «de que desta vez se chegará definitivamente a um acordo», disse o chefe da nossa delegação, Eurico Monteiro. Uma fonte da Secretaria de Estado das Pescas admitiu esta manhã na capital da Andaluzia que «talvez um dia baste para desbloquear o problema».

A mesma fonte lembrou que os secretários de Estado das Pescas de Portugal e da Espanha estiveram em Bruxelas na semana passada e admitiu que «possam ter tratado do problema».

«Antes mesmo de marcada a reunião, auscultámos os interesses locais da região e sabemos até onde podemos ir nas negociações», disse a fonte contactada pela Anop para quem «cabe, agora, aos espanhóis, ceder alguma coisa».

A delegação portuguesa é integrada pelos presidentes das câmaras e pelos capitães dos portos de Vila Real de Santo António e Tavira. Assistem à reunião com estatuto de observadores, representantes dos armadores da região.

A regulamentação do acordo de pescas lusoespanhol para a zona fronteiriça do Guadiana é a última parte do acordo luso-espanhol celebrado em 1985, antes da assinatura do Tratado de Adesão dos dois países às Comunidades Europeias.

Muito gasóleo ou à saída da barra

A reunião de Sevilha é a terceira entre delegações dos dois países, por causa do acordo local de pescas do Guadiana. No último encontro, promovido em 27 de Fevereiro deste ano, as duas delegações haviam alcançado já um certo consenso quanto ao número e tipo de licenças a trocarem, esbarrando, todavia, na questão das áreas, facto que esteve na origem do malogro da reunião.

Muito gasóleo e à saída da barra são situações concretas que nos dão a ideia da importância das áreas, aquilo que hoje e amanhã (provavelmente), de algum modo, estará em relevo nos trabalhos. Para pescarem em Espanha — como adiante se verá —, os portugueses têm que consumir bastante gasóleo; os espanhóis, por seu turno, podem operar logo à saída da barra...

Agora que Portugal coloca sobre a mesa a sua disposição de não fazer finca-pé naquilo que considera os «limites tradicionais» (sete milhas para cada lado da foz do Guadiana) e revela a intenção de conceder uma área de pesca até Torre d'Aires (13 milhas), no concelho de Tavira, em troca de outra até Torre Higuera (30 milhas), parecem ser melhores as perspectivas de, finalmente, se chegar a um acordo.

Ainda sobre este tema, os negociadores portugueses sublinham que não existe disparidade alguma quando se dispõem a ceder 13 milhas em troca de 30 milhas, porquanto nas primeiras 10 milhas espanholas «não há nada para pescar», enquanto os pescadores espanhóis podem fazer boas capturas, imediatamente a seguir à foz do rio.

Em águas do país vizinho, depois de gastarem algum tempo e muito gasóleo, os portugueses podem pescar besugo, roquete e pica, mas os espanhóis, logo à saída da barra «saciam-se» com a espécie que mais ambicionam — o longueirão —, que em Espanha tem um valor comercial cerca de 20 vezes superior ao de Portugal.

Mau acordo: isso nunca!

O chefe da delegação portuguesa, Eurico Monteiro, é muito preciso: «será preferível não fazer acordo que fazer um mau acordo», disse. Aliás, foi essa a situação que se pôs na reunião de Monte Gordo, em Fevereiro último, e a delegação portuguesa desistiu, por não abdicar da defesa dos nossos interesses de pesca.

Supondo ultrapassada a questão das áreas (os espanhóis não virão agora exigir um campo de actuação mais alargado e prolongado-se, inclusivamente até à zona de Olhão/Faro), muitos outros obstáculos haverá que transpor, nomeadamente os respeitantes à questão da paridade ou não paridade quanto ao número de licenças e à legislação específica para o hipotético acordo a firmar.

No momento em que as duas partes ainda não aqueceram os lugares à mesa das conversações, é praticamente impossível prognosticar um resultado para esta reunião de Sevilha, embora se tenha constatado uma certa reserva para não dizer pessimismo — por banda de mais de um membro da delegação portuguesa quanto ao desfecho da minicimeira que decorre na capital da Andaluzia.

A delegação portuguesa, composta por sete membros, é mais uma vez chefiada pelo subdirector-geral de Pescas, Eurico Monteiro, o mesmo acontecendo com a delegação espanhola, liderada por Pilar Donoro, que entretanto (desde a reunião de Vila Real de Santo António, em Fevereiro) foi promovida de subdirectora a directora-geral das Relações Internacionais Pesqueiras.

Lisboa já cheira melhor

Mantém-se recusa a horas "extras" mas a recolha do lixo já começou

Lisboa já cheira melhor: desde ontem à noite que o lixo que durante três dias se amontoou nas ruas da capital começou a ser recolhido. Por fases, está claro, porque os mil e quinhentos cantoneiros de limpeza recusar-se-ão a fazer horas extraordinárias, entre hoje e domingo. Isto é: vai demorar alguns dias até que a situação seja normalizada, isto é, todo o lixo recolhido.

A greve às horas extraordinárias do milhar e meio de trabalhadores, do sector de lixo da capital visa a revogação de um decreto regulamentar que restringe as «horas extras».

A presidência da Câmara já anunciou a sua disposição de rever o subsídio de perigosidade dos trabalhadores do sector para valores da ordem dos 200 escudos diários.

Fontes sindicais indicaram que os trabalhadores aguardam uma proposta que, na prática, reponha os 25 por cento de acréscimo salarial retirado pela adopção do decreto regulamentar.

Entretanto, a Câmara de Lisboa solicitou à população, como ontem noticiámos, que evite a acumulação de lixos nas ruas ou que o acondicione em sacos de plástico, fechados, antes de o colocar nos contentores.

Os dirigentes sindicais indicaram que um cantoneiro de limpeza recolhe cerca de 4 toneladas de lixo durante as suas 8 horas de trabalho diário. Afirmaram também que em Lisboa são recolhidas diariamente cerca de 800 toneladas de lixo.

Feitas as necessárias contas, isso significa que entre domingo e ontem se terão acumulado em Lisboa para cima de três mil toneladas de lixo, um terço do qual deverá ser recolhido até logo à noite (23 horas).

Os cantoneiros de limpeza da Câmara terminaram às 17 horas de ontem uma greve de 48 horas que, para todos os efeitos, inviabilizou a recolha de lixo na cidade durante três dias devido ao feriado de 8 de Dezembro.

Concerto luso-cabo-verdiano na Reitoria

A Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde leva a efeito na próxima sexta-feira, dia 12, pelas 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, o I Grande Encontro Luso-Cabo-verdeano de Música Popular.

Travadinha, Dany Silva, José Mário Branco, Rui Veloso, Pedro Caldeira Cabral, Carlos Alberto Moniz, grupos Sossabe e Voz de Cabo Verde, Daniel Spencer e Tchina, são alguns dos intérpretes previstos para o grande concerto luso-caboverdeano que pretende ser - conforme sublinha a organização- o «elo reforçador do conhecimento mútuo e da amizade entre os dois povos».

CRINABEL promove recital de poesia

A CRINABEL, Cooperativa para a Educação de Crianças Inadaptadas, promove no próximo dia 15, pelas 21 e 30, na sua sede da avenida Álvares Cabral, nº 19, um recital de poesia e música para angariação de fundos.

O recital terá a participação de vários artistas, nomeadamente da declamadora Germana Tânger, que recitará poemas de de autores cujos livros estarão à venda ao público, revertendo a receita também a favor da CRINABEL. A entrada é livre.

VIAGENS Holiday AVIC Tours TURISMO

EXCURSÕES

NATAL E FIM DE ANO

PARTIDAS JÁ CONFIRMADAS
E PARA AS QUAIS DISPOMOS
AINDA DE BONS LUGARES

NATAL E FIM DE ANO
NA SERRA DA ESTRELA
NO MAGNIFICO HOTEL DE GOUVEIA (novo)

NATAL ESPECIAL c/MISSA
NA MAGNIFICA ESTALAGEM DE SANGALHOS

NATAL EM MADRID
COM VISITA AO VALE DOS CAÍDOS
E NAVACERRADA

ALMOÇOS REGIONAIS (vários)

FIM DE ANO EM TÂNGER
COM «RÉVEILLON» NO H. FLANDRIA (1.ª ★★★★)

FIM DE ANO EM MADRID
HOTEL MAYORAZGO • COM VISITA AO VALE
DOS CAÍDOS E NAVACERRADA
— INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O 3.º CARRO —
EXCLUSIVO AVIC

ANDORRA - MADRID
ZARAGOZA
COM «REVEILLON» EM MADRID
EXCLUSIVO AVIC

SANTIAGO DE COMPOSTELA
MINHO E VIGO
COM «REVEILLON» NO CASINO DA PÓVOA DE VARZIM

GRANDE «RÉVEILLON»
NA ESTALAGEM
DE SANGALHOS

OUTROS PROGRAMAS - OUTROS DESTINOS

RESERVAS E INFORMAÇÕES NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
LISBOA
TEL. 56 11 16-52 11 17-57 29 70

Em conferência de Imprensa

Amnistia Internacional denuncia comportamento das autoridades policiais portuguesas

O julgamento do Caso FP-25, os maus tratos infligidos por guardas prisionais da Cadeia de Vale de Judeus e o Relatório das Sevícias da PSP, que refere a morte de três pessoas, são questões que actualmente preocupam a Amnistia Internacional (AI) — revelou, no Porto, Sylvia Beales, membro do Secretariado da Amnistia Internacional.

Em conferência de Imprensa, Sylvia Beales deu conta das informações mais recentes dos casos portugueses em análise e fez o balanço das actividades da organização, tendo salientado a importância da defesa dos Direitos Humanos

Quanto ao primeiro caso, disse que a Amnistia não tomou nenhuma posição, uma vez que o julgamento está ainda a decorrer, mas relativamente a Vale de Judeus, frisou que a organização tem na sua posse relatórios que atestam que prisioneiros daquele estabelecimento prisional «sofreram espancamentos por guardas prisionais, antes do motim, ocorrido em Setembro do ano passado»

Aquele membro do SIAI, afirmou que um dos prisioneiros, Ério Rodrigues, foi «violentamente espancado em Junho do mesmo ano, havendo fortes indicações de que a razão dessas sevícias se prenderam com a recusa por parte do prisioneiro em rasgar uma carta que estava a escrever ao director da prisão»

«No dia do motim — refere um documento distribuído na conferência de Imprensa — e nos dias seguintes, dezenas de prisioneiros foram espancados nas suas celas individuais, em alguns casos «'severamente' e mais do que uma vez por dia e em sucessivos dias por grupos de guardas prisionais»

O documento afirma também que outro preso, José Rúbio, «cegou temporariamente na sequência das agressões que sofreu, em Setembro do ano passado, recuperando posteriormente a visão»

Polícia faz uso de violência

No dia 12 de Junho deste ano, a Amnistia solicitou ao Ministério da Justiça que revelasse os resultados do inquérito que entretanto foi feito pelo director-geral dos Serviços Prisionais sobre o envolvimento de 30 guardas prisionais no espancamento dos presos — acrescentou Sylvia Beales.

No documento, a Amnistia Internacional perguntava se os «agressores» foram sujeitos a alguma acção disciplinar — referiu a porta-voz do secretariado, para acrescentar que sobre esta matéria aquele ministério «nada disse até ao momento».

Adiantou ainda que, em Junho deste ano, a Amnistia Internacional diligenciou junto do Ministério da Administração Interna (MAI) no sentido de manifestar o seu descontentamento pelos actos provocados pelas autoridades policiais e, simultaneamente, solicitou uma cópia detalhada dos acontecimentos por parte da comissão do inquérito.

A resposta dada pelo MAI, em Julho — observou — foi «parcial, apresentando alguns extractos do relatório da comissão, juntamente com o parecer do Ministério datado de 15 de Abril deste ano».

O texto distribuído lembra que a «Polícia tem feito uso de violência para obter 'confissões espontâneas', procedimento que foi seguido pelos comandos distritais de Lisboa, Porto, Setúbal, Açores e Madeira»

A comissão de inquérito recomendou melhoramentos no recrutamento da Polícia e um adequado treino para um desempenho da missão que exerce, além da instauração de dois processos criminais e cinco disciplinares contra as autoridades policiais, recomendações que, segundo Sylvia Beales, o Ministério concordou

Coveiro de Resende acusado de violar filhas no cemitério

José Manuel Ferreira, coveiro do cemitério da vila de Resende, é acusado de ter violado as três filhas, a mais velha das quais com 14 anos, num processo que lhe foi movido pela própria irmã e que já deu entrada no Tribunal de Lamego. As violações terão sido cometidas no interior do próprio cemitério, mas José Manuel Ferreira defende-se, apresentando como autor do crime um seu genro.

Comerciante vitimado ao fazer adeus a um amigo

Na Estrada Nacional número 10, em Sacavém, um comerciante de 45 anos, Custódio Agostinho da Silva, casado, encontrou a morte ao embater com a carrinha «Nissan» que conduzia, contra um autocarro da empresa «Barraqueiro». Custódio da Silva, natural de Glória do Ribatejo e residente em São João da Talha, dirigia-se a Lisboa para consulta médica de uma filha deficiente, Zita Maria, de sete anos, que ficou ferida com gravidade. Segundo testemunhas oculares o despiste aconteceu numa curva bastante pronunciada, após o condutor se ter distraído momentaneamente ao acenar a um amigo

Identificadas mãe e filha soterradas em Sesimbra

A GNR divulgou a identidade das vítimas mortais do desmoronamento de uma garagem, ocorrida, tal como noticiámos, na noite de anteontem, na Quinta do Conde, em Sesimbra. São elas Marina de Jesus Fernandes, de 23 anos, e a sua filha Rute Alexandra, de 3 anos. O trágico acidente, teve lugar quando Miguel Tomé, de 39 anos, fez marcha atrás com um empilhador, batendo numa viga e provocando o desmoronamento da garagem ainda em construção, facto que causou a morte imediata da filha e da neta. Em estado de choque Miguel Tomé deu entrada no Hospital do Barreiro, onde esta manhã ainda permanecia internado.

Enquanto acusa Cavaco Silva de "desinteresse"

pela situação dos portugueses em seu poder

Renamo promete que vai libertar os 54 reféns antes do Natal

Os 54 reféns em, poder da Renamo, entre os quais 40 portugueses, irão ser libertados no próximo dia 17, de forma a poderem passar o Natal com as suas famílias, segundo revelou ontem em Lisboa o delegado daquele movimento na Europa, Paulo Oliveira. Nesse sentido, e de acordo com a mesma fonte, citada pela NP, foram mantidos contactos na capital portuguesa, entre o delegado da Cruz Vermelha para a Africa Austral, François Muzy, e um representante da Renamo. Muzy aproveitou o encontro para entregar uma mensagem dirigida ao presidente do movimento, Afonso Dhlakama.

Entretanto, o delegado da Cruz Vermelha referiu que o Executivo de Cavaco Silva nunca se interessou pela questão dos seus cidadãos cativos em território controlado pela Renamo, contrariamente ao Governo da Alemanha Federal. Segundo Paulo Oliveira, estas declarações da Cruz Vermelha «contrariam em tudo as afirmações do ministro Pires de Miranda, dizendo que contactara a Cruz Vermelha para a resolução da situação desses portugueses».

O delegado da Renamo para a Europa desmentiu que a notícia da libertação tenha sido trazida por algum jornalista, acrescentando que a referida informação chegou a Lisboa pelas 15 e 30, numa mensagem emitida pelo quartel-general da Renamo na Gurongosa — em Moçambique — assinada pelo presidente do movimento. Nessa mensagem disse, Dhlakama considerava uma «ofensa» para a Renamo não existir por parte das autoridades portuguesas interesse na libertação desses reféns. Ainda de acordo com a mesma fonte, a Cruz Vermelha poderá vir a desempenhar um importante papel logístico no próximo dia 17, durante a entrega dos portugueses retidos.

A identidade dos reféns

A finalizar, Paulo Oliveira fez saber que os 40 portugueses em poder da Renamo são os seguintes:

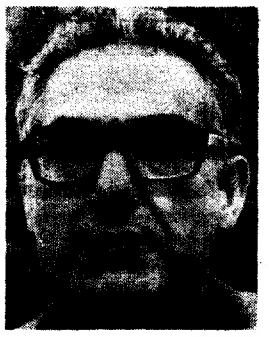
Alfredo Ramos, Manuel das Neves, Leopoldina da Conceição Caetano da Silva, José Dinis Pereira, e filho, José Godinho Pereira, Soares, mulher e dois filhos, José Ferreira Martins, Joaquim Santana Lourenço, Francisco A. Ferrão, e mulher, José Matias Domingos Agnelo Ferrão, mulher e dois filhos; Pedro Francisco Paulo Ferrão, mulher e três filhos, António Maria Sobral, mulher e três filhos, Alípio Carvalho e um filho, Manuel Fernandes, Emílio Rodrigues, Nicolau Novais, mulher e dois filhos, Joseph Clement Loulie, e um filho, e Orlando Basso, e ainda três jesuítas: António Pereira dos Reis (padre) Joaquim Barata (padre), Jose Carvalho Lima (irmão leigo). Quanto aos reféns estrangeiros são 10 paquistaneses, três alemães-federais e um britânico.

Fiscalização tributária actuou no Porto

Apreendidos 80 mil contos em mercadorias e viaturas

Os Serviços Distritais de Fiscalização Tributária do Porto apreenderam ontem, naquela cidade, mercadorias e veículos no valor de cerca de 80 mil contos. No decorrer de uma operação para controlo das mercadorias em trânsito na vigência do Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado, foram inspeccionados 2 200 veículos, dos quais 47 ficaram apreendidos. Participaram na operação, que incidiu em todas as entradas e saídas do Porto e Vila Nova de Gaia, 96 peritos de Fiscalização Tributária e dezenas de elementos da Guarda Fiscal, PSP e GNR.

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

«Depois de assistirmos aos resumos dos encontros deste domingo e termos podido admirar os 24 golos da jornada, vamos escolher o golo da semana. Já temos no estúdio o juri que irá proceder à escolha. Para facilitar a tarefa dos espectadores, em matéria tão controversa, vamos passar novamente os 24 golos do domingo desportivo.

«Agora, sim, estamos em condições de apreciar a apreciação do apreciável juri que se resolveu pelo segundo golo de Rui Águas. Vamos revê-lo novamente outra vez, de vários ângulos e ao retardador».

«Procederemos igualmente à escolha do golo do mês. Trabalho certamenteárduo, mas não resistimos à tentação de avivar a memória dos nossos espectadores. Atenção, pois, a todos os golos do mês de Novembro».

«O juri, por unanimidade, decidiu-se pelo golo de Álvaro que, por esse facto, irá receber uma placa de ouro comemorativa».

«Em 1987 elegeremos o melhor golo de 1986, mas como nos encontramos em 1986, vamos escolher o melhor golo de 1985. Preparem-se pois os amáveis espectadores pois vamos transmitir em seguida todos os golos marcados durante aquele ano, em todas as competições de âmbito nacional, incluindo a segunda e terceira divisões. Fazemos isto na convicção de que não sarão o seu tempo por mal empregado».

«O juri deliberou atribuir a classificação do «melhor golo do ano» ao golo de um jovem que desconhecemos e que aparece na reportagem com o número 16. Para o devido esclarecimento pedimos já a colaboração da Polícia Judiciária. Os nossos espectadores que estiverem de posse de informações concretas, podem comunicá-las para os seguintes telefones».

«O nosso juri atribuirá ainda o prémio do «melhor golo de sempre». Para o efeito, vamos transmitir todos o golos de todas as competições nacionais e locais dos últimos oitenta anos. Pedimos desde já desculpa pelas deficientes condições técnicas com que os golos foram alcançados».

«Daqui Hospital Miguel Bombarda, o programa a continuar dos estúdios.»

Câmara promete "poupança" de cinco meses

Obras de beneficiação em Lisboa passam a ter licenças de um mês

As licenças para obras de beneficiação geral em Lisboa vão passar a ser emitidas no prazo máximo de trinta dias, em vez dos seis meses actualmente previstos. O ganho de cinco meses — que obriga os funcionários municipais e as respectivas secções a serem mais expeditos — consta de um despacho do vereador responsável pelo pelouro respectivo, aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal. Essas licenças serão, por outro lado, isentas de taxas de ocupação da via pública.

A medida foi ontem anunciada e na circunstância justificada pela sua inserção na «política global de fomento da manutenção e reparação do parque habitacional de Lisboa» e por as obras de beneficiação geral terem deixado de ser «uma prática corrente». Assim, a obtenção de licenças não durará, como até agora, seis meses.

Após a aprovação do Orçamento da Câmara de Lisboa para o próximo ano, o responsável pelo referido pelouro, Vasco Franco, deverá anunciar «outras medidas mais expressivas no apoio à realização de obras, de modo a travar a degradação crescente do parque edificado da capital».

A Câmara Municipal tomou, entretanto, várias decisões na sua reunião de ontem, entre elas a de actualizar a planta da cidade em quatro escalas diferentes durante o próximo ano, por parte de uma empresas especializada a contratar pela própria edilidade.

Presidida por Nuno Abecasis, a reunião decidiu também autorizar a entrada gratuita em museus e bibliotecas municipais a professores e investigadores da área de estudos olissiponenses.

Segundo uma informação do município, foi ainda autorizada a execução da obra do colector de drenagem das águas pluviais do aterro da Estação de Lixos de Beirolas.

Obra custa 21 mil contos

Trata-se de uma obra importante para a capital, aliás como a construção do sistema de esgotos de Lisboa. Curiosamente, para a execução da obra do colector das águas pluviais do aterro a montante da Estação de Tratamento de Lixos de Beirolas, foi designado o consórcio responsável pela construção do referido sistema de esgotos.

O empreendimento, que orça em cerca de 21 mil contos, será executado em simultaneidade com a construção da Estação de Tratamento de Águas Residuais de Beirolas e trará «significativas vantagens em termos de salubridade do local» — afirmou uma fonte municipal.

A Câmara aprovou, por outro lado, alterações ao Plano de Actividades do corrente ano, mediante a anulação de verbas em determinadas rubricas e reforço de outras, com vista a obviar as necessidades prementes dos serviços.

Autorizou ainda o contrato com uma empresa especializada — como atrás se diz — tendo em vista a actualização, no prazo de 12 meses, da planta da cidade, nas escalas 1/2000, 1/5000, 1/25 000 e 1/40 000, útil não só para os serviços municipais, como para instituições que intervêm no espaço público da cidade.

Pai de Juan Carlos vem ao Estoril

Soares inaugura no sábado Avenida Conde de Barcelona

Mário Soares presidirá no sábado ao descerramento de uma lápida com os nomes do pai do rei de Espanha — Avenida do Conde de Barcelona —, à qual estará presente o próprio D. Juan de Bourbon. A Associação dos Hoteleiros da Costa do Sol oferecerá ao conde de Barcelona e convidados portugueses e espanhóis numa recepção num hotel do Estoril.

O conde de Barcelona, que viveu mais de 40 anos do seu exílio em Portugal, faz-se acompanhar pela sua filha infanta Margarida, pelo ministro das Relações com as Cortes, Virgilio Zapatero Gomez, e pelo chefe do protocolo do Estado.

A futura Avenida Conde de Barcelona, onde se encontra a moradia «La Giralda», pertencente ao pai do monarca espanhol, Juan Carlos, é actualmente conhecida por Estrada de Bicesse.

A iniciativa da homenagem ao conde de Barcelona partiu de um grupo de sessenta dos «mais intímos amigos» portugueses de D. Juan de Bourbon, a que também se associaram a Junta de Freguesia do Estoril e Câmara Municipal de Cascais, tendo esta, numa das suas últimas reuniões, deliberado, oficialmente, atribuir à Estrada de Bicesse a sua nova designação.

O embaixador de Espanha em Portugal, Gabriel Ferran de Alfaro, oferece, ao fim da tarde de sábado, uma recepção em Lisboa, no Palácio de Palhavã, em honra do conde de Barcelona.

O conde de Barcelona, D. Juan de Bourbon, desloca-se, ao fim da manhã de domingo, a bordo da réplica à nau «Trinidad», atracada na doca da Marinha, em Lisboa, a convite do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, onde lhe será oferecido um porto de honra.

A réplica da nau «Trinidad», do actor de cinema António Vilar, foi construída com vista à participação de uma série televisiva sobre a viagem de circun-navegação de Fernão de Magalhães.

Greve na Rodoviária Nacional

transportes alternativos

Tendo a FESTRU — Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos, apresentado um pré-aviso de greve para a RN (distritos de Setúbal, Évora e Beja), no próximo dia 12 de Dezembro, avisam-se os utentes que disporão de transportes alternativos em autocarros cedidos para o efeito identificados «Ao Serviço da RN», no período das 06.00 horas e as 20.30 horas.

Cruz de Pau — Cacilhas
Amora — Torre da Marinha — Cacilhas
Miratejo — Cacilhas
Vale Milhaços — Cacilhas
Lazarim — Cacilhas
Charneca — Cacilhas
Costa da Caparica — Cacilhas
Mar e Sol — Cacilhas
Seixal — Cacilhas
Paio Pires — Cacilhas
Costa da Caparica — Trafaria
Costa da Caparica — Praça de Espanha

São Válidos os seguintes títulos de transporte:

Passe Multimodal
Assinatura da Linha RN
Passe Combinado
Pré-Comprados RN

Lisboa, 86.12.11
Rodoviária Nacional, EP.

G-03/84

RN RODOVIARIA NACIONAL

CONSELHO DE IMPRENSA

A mulher no ensino superior

Caminhar para um 'modo de fazer ciência feminino'

Como seria hoje a ciência se a mulher tivesse imposto «um modo feminino de fazer ciência?» Ter-se-ia chegado aos mesmos resultados, percorrido os mesmos caminhos? Muito provavelmente não. A pergunta surgiu na primeira sessão do seminário de 3 dias «A mulher e o ensino superior, a investigação científica e as novas tecnologias em Portugal», que ontem começou no Centro de Formação Tecnológica do LNETI, por iniciativa da Comissão da Condição Feminina.

Uma presença mais visível da mulher naqueles domínios, de modo a impor um «modo feminino de fazer ciência», surgiu como meta fundamental a atingir pela mulher que consegue profissionalizar-se ao nível mais elevado do mundo intelectual dum país.

Concretamente foi Regina Tavares da Silva, presidente da Comissão da Comissão Feminina que abordou a questão citando uma personalidde norte-americana.

A professora de Sociologia das Ciências, da Faculdade de Ciências de Lisboa, Ana Luísa Janeira, considera que a interdisciplinaridade talvez seja o campo em que a mulher deva investir a nível da ciência para a impregnar do tal «modo de fazer feminino».

«Devido ao nosso quotidiano muito versátil, visto que começamos o dia geralmente como donas-de-casa e mães de família e depois desenvolvemos o nosso trabalho especializado, etc, penso que nós temos capacidade de penetrar e unir vários campos. O que em todo o caso não podemos fazer é agudizar os vícios masculinos».

Elas ousaram saber fora de casa

Até que a mulher portuguesa consiga atingir essa meta, um longo caminho tem ainda de ser percorrido, apesar de muito se ter já avançado.

Uma perspectiva histórica foi apresentada por Regina Tavares da Silva, em vários nomes coincidente com os constantes da exposição «Elas ousaram saber fora de casa» que os alunos do quarto ano da cadeira Sociologia das Ciências, da Faculdade de Ciências de Lisboa realizaram e Ana Luísa Janeira, com a colaboração da sua assistente, Ana Maria Carneiro, coordenou. Nessa exposição, patente junto ao auditório do LNETI em que decorre o seminário, constam nomes como os da lendária Publia Hortênsia d'Castro (nascida em Vila Viçosa em 1548) que, segundo a versão popular, foi na companhia de um irmão e vestida de homem, até à Universidade de Coimbra; de várias farmacêuticas, algumas religiosas do primeiro quartel do século dezanove; de Alice Deolinda da Silva Ferreira, a primeira mulher que ousou inscrever-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 30 de Outubro de 1890, curso que concluiu em 1893; o da primeira catedrática portuguesa (na Universidade de Coimbra) Carolina Michaelis de Vasconcelos; o de Seomara da Costa Primo, que em 1919 se licenciou com 18 valores em Ciências Histórico-Naturais na Faculdade de Ciências de Lisboa e foi a primeira mulher portuguesa a ser doutorada por uma Faculdade de Ciências; o da primeira arquitecta portuguesa Celeste de Jesus Ribeiro, diplomada pela ESBAL em 1949, entre outros nomes.

Em Portugal ainda um longo caminho

Mas se a primeira médica portuguesa só saía à noite acompanhada de um polícia ou se a primeira arquitecta portuguesa não pôde candidatar-se a uma câmara municipal porque era exigido aos candidtos a caderneta militar, e hoje essas barreiras foram abolidas, muito há ainda que lutar.

A barreira do silêncio por exemplo, sobre a presença da mulher no ensino superior e no mundo da ciência deixou lacunas de tal modo pesadas na informação disponível que a exposição ficou, como nos frisou a professora Ana Luísa Janeira, aquém do que deveria ser.

«Os nossos alunos, que depararam com obstáculos vários, até no acesso à documentação, tiveram que ficar por uma série de personalidades. Desconhecemos, por exemplo, quais os modelos teóricos vigentes na Ciência Portuguesa no século vinte. Está por fazer a história das Ciências em Portugal. Eu penso que não há que fazer a história de personalidades, mas a história da mulher desde a anónima até à que detém o estatuto máximo. Nós achamos que fomos buscar elementos a um baú — frisou, indicando-nos um minúsculo baú fixo no primeiro cartaz da exposição. «Desejamos que na próxima exposição esteja já tudo cá fora», concluiu a professora Ana Luísa Janeira que comentou ainda que «todas estas mulheres (as da exposição) estão marcadas pela forma masculina de fazer ciência». E o único traço comum (para além do sexo, obviamente) é o de terem «ousado saber fora de casa».

De facto, ao longo dos anos e ainda hoje muita gente pensa (e muitas mulheres aceitam) que a mulher deve saber, deve cultivar-se, para ser uma boa mãe e uma boa companheira, portanto, saber para dentro de casa.

Para demonstrar que pode e deve saber fora de casa, e para se impor no mundo da ciência profundamente marcado pelo homem, a mulher tem de ser duplamente persistente, firme, duplamente inteligente e muito boa profissional.

Auto-selecção e factores externos

Na comunicação intitulada «O acesso ao ensino superior e opção do curso», Maria da Conceição Alves Pinto falou do que designou por auto-selecção, predominante entre raparigas estudantes do ensino secundário por ela inquiridas no ano em que vigorava o Propedêutico. Sendo tão boas ou melhores alunas do que os rapazes, as raparigas abandonavam em maior número e com maior frequência o sistema de ensino

«Curiosamente eram as raparigas que pertenciam às classes mais protegidas as que mais desapareciam do sistema escolar, porque tinham mais apoio material das famílias», frisou.

A arquitecta e docente do ensino superior Margarida Sousa Lobo falou da sua classe profissional fechada e marcadamente masculina até à década de 60, anos em que, devido ao afastamento dos homens pela guerra colonial, as mulheres entraram em cheio na profissão.

No entanto, ainda hoje são raríssimas as arquitectas que possuem atelier e as que trabalham em ateliers dirigidos por homens são remetidas para trabalhos que requerem grande paciência (como alteração de pormenor de planos) ou das zonas de tratamento de roupa ou das cozinhas.

Hoje há muitas mulheres a frequentar os cursos de Arquitectura, embora sejam poucas as docentes

A solidão

Mas a mulher, para se impor no mundo, particularmente masculino, da ciência, não só tem que ser excelente profissional, mas tem de fazer por vezes opções conscientes ou inconscientes muito dolorosas. Maria Helena Mira Mateus, docente do ensino superior há 22 anos e actual vice-reitora da Universidade Clássica de Lisboa, ao falar da fraca presença da mulher em termos quantitativos na gestão dos estabelecimentos de ensino superior, sintetizou essa abdicação citando uma amiga sua: «A mulher-quadro é o indivíduo mais só».

Presença quantitativa

Na sessão de abertura, presidida pela ministra da Saúde, Leonor Beleza, em representação do Primeiro Ministro e do ministro de Estado, foram citados por Regina Tavares da Silva alguns números extraídos do relatório de Beatriz Ruivo, ilustrativos da presença da mulher portuguesa no ensino superior e na investigação científica. Assim, no ano de 1984/85, a percentagem de entrada de mulheres no ensino superior foi de 57,4 contra 42,6 de homens, sendo a preponderância das mulheres notória não apenas em cursos tradicionalmente femininos.

No entanto, notou Regina Tavares da Silva, «o ritmo de crescimento da carreira docente é muito inferior ao de crescimento de diplomadas e a representação feminina vai decrescendo à medida que se sobe na hierarquia universitária».

Dados de 1984/1985 mostram que são mulheres 40,6 por cento dos assistentes, 36,2 por cento dos professores auxiliares, 26,5 por cento dos professores associados e apenas 8,2 por cento dos professores catedráticos.

Fundação C. Gulbenkian
Embaixada do Brasil

ENCONTRO
DE
ITALO ROSSI
E
WALMOR CHAGAS
COM
FERNANDO PESSOA

COMUNA

(à Pr. de Espanha)
Telf. 7260818

HOJE
6.ª, Sáb.
às 21.45 h
DOMINGO
às 17 h

Apoio da VARIG
M/6 anos

TRIBUNAL JUDICIAL DE S. JOÃO DA MADEIRA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de SENTENÇA n.º 2115/A/85 1.º Juízo, 2.ª Secção.
Exequente — PEREIRA & SANTOS, Lda — Soc. Quotas em Oliveira Azeméis.

Executado — ÓSCAR RODRIGUES MARTINS e mulher MARIA FERNANDA SILVA MARTINS, residentes na Rua Coronel Lobo da Costa-155 — Vialonga.

VILA FRANCA DE XIRA
S. João da Madeira, 3 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
as) José Eduardo Fernandes Martins

A Escrivã Adjunta
as) Maria da Conceição Ferreira da Silva

«DL» 11/12/86 — 1.ª Pub.

Contra prescrições

Universitários ameaçam fazer greve nacional

Os estudantes universitários irão realizar uma greve nacional a 15 de Janeiro, caso «não sejam revogados os decretos das prescrições e precedências» — disse à Anop um dirigente estudantil.

Um dirigente da associação de estudantes do Instituto Superior de Economia informou que o encontro nacional de direcções associativas (ENDA) do ensino universitário, reunido no passado fim-de-semana em Lisboa, tinha decidido que «caso não sejam revogados pelo ministro da Educação ou não ratificados em Assembleia da República dois decretos, que regulamentam um regime restritivo de prescrições e precedências na aprovação dos anos lectivos, a 15 de Janeiro haveria paralisação nacional no sector».

Aquele encontro decidiu que se efectuassem reuniões gerais de alunos nas faculdades até 10 de Janeiro para «discutir os assuntos e tomar decisões».

O encontro de direcçãoes estudantis aprovou ainda uma moção de solidariedade com as lutas estudantis da França, Espanha e Itália.

De acordo com o dirigente estudantil, o decreto sobre prescrições «impõe um limite restrito para acabar o curso», enquanto o decreto de precedências «coarcta a passagem de ano, se não houver um certo número de cadeiras aprovadas».

Para além dos problemas gerais incluídos nos citados decretos, o encontro estudantil discutiu e mostrou a solidariedade com as lutas dos estudantes da Faculdade de Letras, que necessitam de mais docentes, do Instituto Superior de Engenharia, que procuram impor a Licenciatura para o seu curso, do Instituto Superior de Educação Física, pela gestão democrática, e das escolas de Belas-Artes, pela integração universitária — assinalou o mesmo estudante.

CJ apresentou Prémios "Gazeta"-86

Os prémios «Gazeta» de jornalismo-1986, abrangendo a Imprensa, Rádio e Televisão, foram ontem apresentados em Lisboa pela entidade promotora, o Clube de Jornalistas.

Os prémios «Gazeta», a que concorreram, nos dois últimos anos, cerca de duzentos profissionais portugueses e estrangeiros, têm este ano o valor global de três mil contos, recebendo cada um dos galardoados, nas diversas modalidades, 400 contos, uma viagem de valorização profissional a um país europeu e ainda um equipamento de ar condicionado.

Patrocinados, no âmbito da recente lei do mecenato cultural, pela TAP, Mundial-Confiança, Standard, FNAC e RTP, os prémios serão atribuídos aos trabalhos divulgados entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 1986 e entregues até 30 de Janeiro de 1987. Integrarão os júris, em cada uma das modalidades, membros do Clube de Jornalistas, do Sindicato, da Casa da Imprensa, da Associação de Escritores, da Associação de Jornalistas Estrangeiros e da Associação de Jornalistas e de Homens de Letras do Porto.

No acto da apresentação, Fialho de Oliveira, presidente do CJ, salientou a necessidade de criação de «condições de independência» no jornalismo português, «contribuindo para a valorização dos seus profissionais e reconhecendo o mérito dos melhores».

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

Publicados aumentos de bens essenciais

Dois suplementos do «Dário da República», com data de 4 de Dezembro, publicam hoje portarias que estabelecem novos preços máximos para diversos produtos e fixam as características dos diferentes tipos de pão.

Os novos preços ao público do leite são fixados em 59 escudos para o litro de leite pasteurizado embalado em plástico e para o ultrapasteurizado em 67 escudos o gordo, em 58 escudos o meio-gordo e em 52,50 o magro. A margem mínima do retalhista é de três escudos por litro.

O litro de leite da classe A passa para 53,50 escudos e o preço máximo de venda na concentração de leite destinado à indústria transformadora a 41,90 escudos.

Quanto ao pão, os novos preços do pão de trigo, por quilograma, vendido em unidades com peso inferior a 333 gramas, é de 109 ou 100 escudos, conforme a qualidade da farinha; em unidades com peso superior a 333 gramas é de 100, 95 e 93 escudos, conforme as qualidades da farinha.

Uma portaria aumenta também os preços do metro cúbico de água, a partir da próxima leitura do contador, para 40 escudos para o primeiro escalão, 65,50 escudos para o segundo e 115,50 para o terceiro, no caso dos consumidores domésticos, e para 105,10 escudos o primeiro escalão industrial e 139 escudos o segundo escalão industrial.

São também actualizados os preços de aluguer dos contadores de água.

Sabe-se que aumenta em 9 por cento o preço de venda de energia eléctrica até fixação do novo tarifário nacional, que a Direcção-Geral da Energia deverá preparar com a maior urgência.

Outro diploma fixa os novos preços máximos dos adubos azotados, fosfatados e potássicos e em compostos granulados e as respectivas margens de comercialização. Há igualmente novos preços dos trigos mole nacional e rijo da classe C e do trigo rijo importado.

Também os preços das tarifas de transportes aéreos, de passageiros e carga, para os Açores e Madeira são aumentados, passando uma viagem em classe normal a custar 13 100 escudos de Lisboa para a Madeira e 21 100 escudos da capital para os Açores. Os voos Madeira-Açores na mesma classe custarão 14 400 escudos.

Os preços dos correios são aumentados a partir de agora, passando o selo de carta normal a custar 25 escudos, sendo o sistema tarifário dos correios aumentado na base dos oito por cento.

Os novos preços da portagem na Ponte 25 de Abril, a partir de 1 de Janeiro, passam a variar entre os 35 escudos para a classe 1 e os 310 escudos para a classe 6.

Transportes já na segunda

Os novos preços dos transportes colectivos de Lisboa, Porto e outros centros urbanos entram em vigor na próxima segunda-feira, foi hoje anunciado oficialmente.

O novo regime tarifário, que abrange as diversas modalidades dos passes sociais, bilhetes simples, e pré-comprados, estabelece um aumento médio da ordem dos oito por cento nos serviços públicos de transporte de Lisboa e do Porto.

Nos transportes colectivos dos outros centros urbanos, que não sejam explorados directamente pelos municípios, os aumentos de preços, podem ir igualmente até oito por cento, mas estão sujeitos à aprovação pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres. As novas tarifas dos táxis, que sofreram um aumento médio de 8 por cento, também entram em vigor já na segunda-feira. O aumento abrange a bandeirada e os serviços à hora e ao quilómetro.

O despacho publica também a tabela de conversão de preços correspondentes aos serviços prestados em automóveis-táxis, em que a bandeirada passa de 66 para 70 escudos.

O último aumento de preços dos serviços de táxi realizou-se em Dezembro do ano passado e a sua actualização enquadra-se «no âmbito da política de rendimentos e de preços adoptada pelo Governo», que visa, entre outros objectivos, «diminuir o ritmo de inflação em Portugal» — lê-se no despacho.

Passes aumentam em Janeiro

Os novos preços a praticar nos passes intermodais, para a região de Lisboa, são os seguintes, vigorando a partir de 1 de Janeiro:

	Normal	Crianças	Ter. Idade
L	1970.00	1480.00	985.00
L1	2620.00	1965.00	1310.00
L2	3140.00	2355.00	1570.00
L3	3560.00	2670.00	1780.00
1.2	1870.00	1405.00	—
2.3	1870.00	1405.00	—
1.2.3	2500.00	1875.00	—
Fim-de-semana ...	—	—	405.00

Banco de Portugal desmente Miguel Cadilhe

As vendas de cimento e aço para construção aumentaram 0,7 por cento nos nove primeiros meses deste ano, segundo informações extraídas do relatório de conjuntura do Banco de Portugal, a publicar oportunamente e a que a ANOP teve acesso.

Essas informações, fornecidas à Comissão Parlamentar de Economia e Finanças por ocasião do debate do Orçamento de Estado, contrariam as afirmações do ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, proferidas numa conferência de imprensa em Outubro último. Nessa altura, Cadilhe adiantara que o consumo aparente de aço (produção interna mais importações deduzidas das exportações) tinha crescido 10,7 por cento e o de cimento 5 por cento, no primeiro semestre do ano.

Fontes contactadas pelo «DL» afirmam que, apesar das vendas de cimento e aço poderem não coincidir exactamente com o consumo aparente, e do ministro apresentar os dados em separado, relativamente a cimento e aço, a discrepância dos valores mostra que, ou o ministro ou o Banco, um dos está errado.

Recorde-se que o consumo aparente de cimento e aço foi considerado pelo ministro das Finanças como um dos indicadores privilegiados do investimento.

Aumentou a dívida externa em dólares

A dívida externa portuguesa atingiu 16 867 milhões de dólares no final de Julho deste ano, representando um acréscimo de 4 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior, revela um relatório de conjuntura do Banco de Portugal citado pela ANOP.

Segundo o Banco Central contactado pelo «DL», aquele acréscimo que corresponde a 654 milhões de dólares, é devido a flutuações cambiais resultantes da depreciação do dólar relativamente às outras moedas. O Banco de Portugal informou ainda que, no final de Junho, o peso da dívida contratada em dólares representava 51,7 por cento, enquanto o das moedas europeias era de 33,5 por cento e do iene 14,8 por cento.

Foi também adiantado que, para o mesmo período, se verificou um défice dos fluxos financeiros superior a mil milhões de dólares, resultante de amortização da dívida.

Confederação cooperativa acusa INSCOOP de mau uso de dinheiros da CEE

A comissão instaladora da Confederação Cooperativa de Portugal acusou ontem o Instituto António Sérgio para o Sector Cooperativo (JNSCOOP) de «canalizar para outros fins» verbas do Fundo Social Europeu destinadas a acções de formação.

«As acções de formação têm sido um maná» — disse à agência NP Carlos Silva, da comissão instaladora da CONFECOOP, confederação que ontem confirmou a sua saída do conselho coordenador do INSCOOP.

Esta acusação foi feita após uma conferência de Imprensa destinada a explicar, mais detalhadamente, o abandono do Conselho, concretizado pelas federações cooperativas filiadas na CONFECOOP no passado dia 3.

A CONFECOOP, que agrega sete federações cooperativas, considera, em termos globais, que aquele instituto não tem agido como um órgão de Estado ao serviço do desenvolvimento e fomento do cooperativismo.

Os representantes desta confederação mantêm-se determinados a não participar nas reuniões do Instituto António Sérgio até que este seja objecto de uma profunda reestruturação, que começou a ser reclamada já há cinco anos.

A FENCOOP considera que o Instituto tem vindo a promover acções de formação paralelas e concorrentes às das estruturas do movimento cooperativo e que tem mostrado falta de vontade em tomar iniciativas conjuntas com o movimento em áreas consideradas «sensíveis».

No que respeita às acçõesde formação, que a confederação acusa o Instituto de promover paralelamente, Carlos Silva, representante na confederação das cooperativas de habitação económica, afirmou que elas se devem ao facto das verbas do Fundo Social Europeu para estas acções constituírem um «maná», nem sempre empreggggue nos devidos fins.

As federações que integram a CONFECOOP põem ainda como condição, para voltarem a participar nas reuniões do conselho coordenador do Instituto, passarem a ter ali uma voz activa deixando o seu parecer de ser «meramente consultivo».

Caso esta atitude não se venha a traduzir em qualquer mudança de atitude por parte do Instituto António Sérgio a CONFECOOP afirma-se disposta a formar «uma estrutura própria alternativa».

«Nessa altura o INSCOOP, até agora com características mistas, passará a representar apenas o Estado, sem o sector cooperativo» — acrescentou a este propósito Carlos Silva.

As federações nacionais de cooperativas estão repartidas em duas grandes confederações a CONFECOOP e a CONFAGRI.

Estão na CONFECOOP as seguintes federações nacionais: produtores de serviços, cooperativas de consumo, cooperativas de habitação económica, cooperativas de arte e cultura, cooperativas de produção operária, cooperativas de pescas e cooperativas de ensino especial.

Estão na CONFAGRI a FENACAN (caixas de crédito agrícola), a FENADEGAS (adegas cooperativas), a FENALEG (produtos lácteos) e a FENAGRO (compra e venda de produtos agrícolas).

Segundo a CONFECOOP a CONFAGRI concorda com as reivindicações que foram apresentadas, contudo não tomou a decisão de abandonar o conselho coordenador do Instituto António Sérgio.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51$30	97$30
ALEMANHA FED. (marco)	73$50	74$70
ÁUSTRIA (xelim)	10$40	10$60
BÉLGICA (franco)	3$328	3$578
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107$20	109$70
(notas de 5 a 1000)	107$70	110$20
DINAMARCA (coroa)	19$50	19$90
ESPANHA (peseta)	1$061	1$081
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$00	151$50
(notas de 5 a 1000)	148$50	152$00
FINLÂNDIA (marka)	30$00	30$60
FRANÇA (franco)	22$40	23$10
HOLANDA (florim)	65$50	66$15
IRLANDA (libra)	201$30	205$30
ITÁLIA (lira)	$096	$111
JAPÃO (iene)	$865	$920
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	211$70	216$20
SUÉCIA (coroa)	21$25	21$75
SUÍÇA (franco)	88$00	89$50
VENEZUELA (bolívar)	5$20	6$20

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Dante de Oliveira, ministro responsável pela Reforma Agrária: «Os grandes proprietários querem manter as suas terras intocáveis à custa da miséria, do sacrifício e do sangue de milhões de brasileiros»

Greve geral na ressaca da euforia eleitoral

Daniel Reis

A greve geral no Brasil, marcada para amanhã, sexta-feira, e apoiada pelas duas centrais sindicais,nomeadamente a CGT, afecta ao PMDB, que acaba de ganhar rotundamente as eleições gerais, constitui o mais sério desafio já lançado ao programa de governo de José Sarney e em particular às medidas decretadas, após as eleições, para actualizar o Plano Cruzado.

Entroncam, aliás, nas correções introduzidas ao Plano Cruzado, alguns meses antes da data prevista, que era o mês de Fevereiro, as razões dos distúrbios que agitaram Brasilia,a capital federal, e intranquilizaram os vencedores das eleições, em termos de nem terem tido tempo para saborear o triunfo.

O PMDB, com os seus 22 governadores eleitos em 23 Estados e uma percentagem de, pelo menos, 55 por cento de lugares na Constituinte (é possivel que ocupe ainda mais um lugar ou dois, quando o apuramento dos votos for concluido) acabou por ser o principal prejudicado pelo Plano Cruzado II, tal como fora o beneficiário-mor da aplicação do Plano inicial.

Traição

Há por isso quem fale, no interior do partido maioritário e, em especial, na sua ala esquerda, com raizes mais profundas em S.Paulo, em traição dos membros do Gabinete de José Sarney tidos por independentes ou filiados no PFL, o partido do Presidente. Só assim se compreende o apoio expresso da CGT,central dominada pelo PMDB, à greve convocada pela CUT(Central Única de Trabalhadores), uma organização afecta ao partido de Lula,o Partido dos Trabalhadores. O PT sempre combateu o Plano Cruzado alegando tratar-se de uma manobra do Presidente Sarney e so PMDB para atrair os votos dos mais desfavorecidos.

Tenham ou não razão Lula e os seus partidários, o certo é que foi mesmo o Plano Cruzado e os beneficios temporários que ele trouxe aos trabalhadores de rendimentos mais baixos que atrairam às urnas, com a papeleta do PMDB, milhões de brasileiros, muitos deles hoje decerto arrependidos pela presteza no voto.É que, ainda não tinham saido da ressaca das eleições, e já levavam na cabeça com o porrete do Plano Cruzado II.

Com os decretos do Plano, publicados a 28 de Fevereiro, o poder de compra dos estratos mais baixos da população subiu 30 por cento nos primeiros oito meses, o desemprego baixou sete por cento até Maio e nais três pontos em Setenbro. Os preços estavam congelados e o próprio Sarney envolveu-se numa dura confrontação com os criadores de gado para fazer regressar ao mercado, sem abdicar da manutenção dos preços finais, 400 mil cabeças retidas no pasto.

A carne faltou durante meses na mesa dos brasileiros e só era acessivel no mercado paralelo, com a entronizacão do ágio (dinheiro pago por fora aos talhantes) em figura popular. Mas o Governo aguentou a parada. O Povo predispunha-se a novas privações ante a ameaça real de mais bens de consumo começarem a escassear, sob pressão dos produtores interessados em acabar com o congelamento de precos.

O povo votou em massa no PMDB, referendando a política de José Sarney e da coligação, a Aliança Democrática, que o apoiava. Cinco dias depois, o duche de água gelada arrefeceu a cabeça dos brasileiros e provocou erupções cutâneas como as que puseram Brasilia a ferro e fogo, na noite de 27 de Novembro.

Não era caso para menos: tratou-se da reacção natural de quem se sentiu traido na sua confiança sem limites no novo poder democrático.

Digerir a greve geral

,O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e o porta-voz da presidência pediram a demissão face à violenta reacção que se estendeu pelo País.Tarde demais. Sarney não a aceitou e, agora, o Governo todo tem de engolir o pão que amassou, até que os efeitos demolidores das correcções ao Plano Cruzado sejam digeridas, sendo para isso necessário, para já, amortecer os efeitos da greve geral que está marcada para amanhã e cuja amplitude se desconhece de todo.

Depois, já entrado Feverei ro, será a posse da Constituinte e as esperadas reivindicações do PMDB para fazer corresponder o Governo, de que faz parte, à nova geografia política brasileira, onde domina sem contestação de peso. A cabeça dos ministros «traidores» já está a ser pedida e será, de certo, sacrificada.

Com as correcções ao Plano, os preços da maior parte dos bens e serviços de grande consumo foram descongelados, aumentando entre 10 e 120 por cento, com incidência mais forte no tabaco, bebidas e veiculos automóveis, mas também nos transportes, combustíveis (excepto o gasóleo) e açúcar.

O Governo fala na necessidade de reduzir o consumo, que subiu no ultimo ano coisa de 30 por cento, devido à entrada no circuito consumista de classes sociais antes beirando a miséria ou ganhando, apenas para a sobrevivência, à base de feijão e arroz, nunca para o bife, que, com a Nova República, chegou à mesa do pobre.

A balança comercial brasileira começava a acusar os efeitos do hiper-consumo. A carne deixou de ser exportada e passou a importar-se dos paises vizinhos. A produção de automóveis já não dava para o consumo interno, quanto mais para manter o nível das exportações. E os juros e serviços da dívida estavam na bicha para ser

Por enquanto, em segundo plano

Foi a Reforma Agrária que derrubou João Goulart e lançou o Brasil na agitação social que desembocou na ditadura militar. É a Reforma Agrária, embora tímida e esboçada segundo o modelo capitalista, como admite o ministro do sector, Dante Oliveira, que está a provocar as mais violentas confrontações nos Estados rurais tendo,nomeadamente, sido já recebida à bala por alguns dos mais fanáticos «terratenientes », organizados em bandos armados com a sua corte de capangas.

Primeiro,o Plano Cruzado na sua versão inicial; depois, a campanha eleitoral e, mesmo agora,a reacção ao segundo Plano Cruzado, colocaram a ocupação de terras incultas por camponeses pobres, numa operação controlada pelo Governo Federal, em segundo plano. Mas a questão subsiste e é passivel de, a curto prazo, voltar a lançar a confrontação total nos campos.

Mas de que trata, afinal, esta versão «capitalista» da Reforma Agrária ?

Trata-se de dividir em lotes as terras aráveis mas incultas, com pagamento das respectivas indemnizações aos proprietários, para inatalar 1.400.000 dos 11 milhões de famílias sem terra.

A Reforma foi apoiada, no inicio, na euforia da Nova República, pelos bispos reunidos na Comissão Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB). Eles apoiaram o primeiro presidente do INCRA(Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária), Nelson Ribeiro,que fez andar a Reforma a passo de caranguejo.

Mas o PMDB impôs a sua substituição por Dante Oliveira e a CNBB,talvez pelo passado guerrilheiro do novo ministro-Dante Oliveira foi membro do MR-8 durante a ditadura-desencadeou a imediata hostilização ao projecto nacional de instalar nos campos, no prazo de três anos, sete milhões de camponeses famintos, dando-lhes uma perspectiva de vida e contribuindo para reforçar a capacidade nacional de produção de alimentos.

Apesar da cobertura dos bispos à UDR, o movimento que congrega os grandes agrários e é liderada por antigos coronéis do Nordeste, ainda não convertidos à Nova República, o ministro Dante Oliveira avisou em recente entrevista que a Reforma Agrária é para «fazer, já». Ela promete polarizar, a curto prazo, a polémica no Brasil político e social.

A constituição da Constituinte

PMDB	303
Partido da Frente Liberal	131
ALIANÇA DEMOCRÁTICA	434
Partido Democrático Social	41
Partido Democrático Trabalhista	26
Partido Trabalhista Brasileiro	21
Partido dos Trabalhadores	19
Partido Liberal	8
Partido Comunista Brasileiro	3
Partido Socialista Brasileiro	3

Nas eleições para governadores estaduais o PMDB conquistou 22 dos 23 lugares em jogo,só deixando o cargo de Governador do Sergipe para o PFL, seu parceiro na coligação que apoia José Sarney.

Ala esquerda do PMDB pede a suspen

Serviço IPS/«DL»

A chamada ala esquerda do PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro — entregou um documento ao presidente da República, José Sarney, propondo a suspensão do pagamento da dívida externa brasileira de 110 milhões de dólares.

Nos últimos dias, políticos e economistas do partido do governo têm-se dedicado ao estudo desta sugestão. Liderados pelos governadores eleitos dos estados de Pernambuco, Miguel Arraes, da Baía, Waldir Pires, e do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, eles pretendem uma auditoria da dívida externa para se estabelecer o que é débito legítimo e ilegítimo.

Enquanto a comissão processa os seus trabalhos, o Brasil suspende o pagamento da sua dívida, tanto no que diz respeito ao principal como aos juros. As lideranças mais progressistas do PMDB pretendem, na verdade, dar o seu apoio político aos negociadores da dívida externa brasileira.

O PMDB parte para a tese da suspensão do pagamento da dívida externa apoiado numa das mais retumbantes vitórias que um movimento político já conseguiu no país. Nas últimas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e para os governos dos estados obteve 70 por cento dos 69 milhões de votos.

Dos 23 governadores elegeu 22. Na assembleia que irá montar a futura constituição brasileira terá folgada maioria. E, cada vez mais, as lideranças mais influentes do partido reivindicam maior participação nos assuntos de interesse nacional, como é o caso da dívida.

O presidnte Sarney já mandou avisar aos seus companheiros de partido que gostou da ideia. O que, para desespero dos credores internacionais do Brasil, evidencia, mais uma vez, que o governo brasileiro está, realmente, a querer «jogar duro» nas próximas rondas de negociação.

O primeiro «round» destas intermináveis pelejas entre o Brasil e os seus credores realiza-se no próximo dia 15. É a data marcada para a reunião do Clube de Paris (entidade que reúne governos credores), que vai fazer uma apreciação das contas brasileiras durante o ano de 86.

Credores descontentes

Dependendo desta análise o caminho para o Brasil negociar com os bancos internacionais ficar facilitado ou não. Pelos comentários das autoridades financeiras brasileiras, como o presidente do Banco Central do Brasil, a situação não é das mais fáceis.

Ninguém engoliu até agora o facto de o Brasil ter «rolado» os seus governos, em 1986, sem se ter submetido ao controlo do Fundo Monetário Internacional — FMI. Além do mais, a já anunciada intenção de o Brasil de reduzir o pagamento dos juros de 10 milhões de dólares para 6 milhões de dólares soou muito mal entre os credores.

pagos, com os credores, maxime o FMI, a exercerem forte pressão sobre o Governo para mudar de política sob pena de cortarem os créditos.

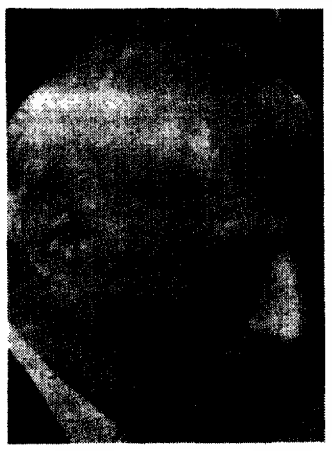
À margem do FMI

É neste quadro que os negociadores da divida--110 mil milhões de dólares no total, 31 mil milhões imputáveis ao ano corrente--avançam ao encontro do Clube de Paris, esperançados na possibilidade de marginalizar o FMI nessa negociação e, consequentemente, escapar à receita clássica do cinto apertado, com previsíveis efeitos sociais devastadores.

Para já, a classe média geme sob os efeitos do corte brutal no seu nivel de vida. Se as consequências alastrarão a outros estratos sociais, só o futuro poderá responder, dependendo isso, também, do êxito ou inêxito da renegociação da dívida externa.

Um indício negativo de que, também, os beneficiados pelo Plano Cruzado original vão comer o pão que o diabo amassou está no esquema novo para calcular o indice de inflação a partir do qual dispara o gatilho das actualizações salariais. Os salários estão congelados mas são automaticamente actualizados quando a inflação subir 20 pontos, o que se calcula venha a acontecer, pela primeira vez, em Janeiro ou Fevereiro.

A partir de agora, o «gatilho» só dispara a favor de quem receber rendimentos inferiores a cinco salários mínimos.E os bens utilizados no cálculo passam a



Ulisses Guimarães, presidente do PMDB: nas mãos deste homem muitas das linhas com que se tece o futuro do Brasil

ser, apenas, os constantes de um Cabaz de Compras (Cesta Básica, como lhe chamam os brasileiros) de que foram subtraidos bens e servicos agora aumentados, tais como os transportes e bebidas.

Os titulares de rendimentos superiores a cinco salários mínimos ajustarão os seua salários por negociação directa com o patronato, sem actualizações automáticas.

Por aqui se calcula como o prestí gio do Presidente Sarney tende a cair, dia a dia.Hoje, se houvesse eleições directas para a Presidência, Sarney dificilmente seria reconduzido. E os candidatos à sucessão começam a apresentar-se em função dos resultados eleitorais, sendo neste momento liquido que os elegiveis estão quase todos no seio do PMDB, seja o próprio presidente do partido, Ulisses Magalhães, seja o ex-Governador de S.Paulo, Franco Montoro, que viu o Palácio ser ocupado, contra toda a expectativa, pelo candidato que apoiou, Orestes Quércia.

Mas disso tratará a Constituinte e, nomeadamente, da forma de eleição, dos poderes do futuro Presidente da República Federativa do Brasil e, até, do tempo do seu mandato.

ensão da dívida

E justamente para evitar uma carga de pressão muito forte que o PMDB está a movimentar-se para apoiar politicamente os negociadores da dívida. «Acabou a era da submissão», declarou o deputado federal Pimenta da Veiga, líder do PMDB no Congresso Nacional. No entender dele, o Brasil tem que ser tratado em nível de igualdade e com compreensão.

A proposta formulada pela ala esquerdista do PMDB que até é branda, se forem levadas em conta sugestões feitas por assessores económicos do próprio ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que desejam a declaração da moratória da dívida.

«Este é o nosso último cartucho», declarou em Washington o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, homem que praticamente irá destinar todo o seu tempo para tentar facilitar o entendimento entre o Brasil e os seus credores.

Diplomata, economista e banqueiro, Marques Moreira explicou que o «quadro não está tão negro quanto o estão a pintar. Os banqueiros internacionais estão muito bem informados sobre o Brasil e não querem esmagá-lo».

Isto só será percebido em Janeiro, quando o ministro Dilson Funaro e o seu colega Fernão Bracher, presidente do Banco Central, estiverem na mesa de negociação com o comité dos Bancos credores do Brasil, em Nova Iorque. Até lá, predomina o jogo de pressões. E cada parte está a utilizar a arma que tem.

No caso específico do PMDB, ele está a tentar ajudar o governo com a sua principal arma, o apoio popular que recebeu nas urnas no dia 15 de Novembro.

Números e factos

A população actual do Brasil ronda os 130 milhões de habitantes, dos quais metade tem menos de 18 anos. No ano 2000 a população estimada será de 200 milhões. Só na metrópole de S. Paulo vivem 15 milhões e no Grande Rio uns 10 milhões.

O Brasil é a oitava economia do mundo em Produto Nacional Bruto; mas é também o 54.º em poder aquisitivo da média da população dos 130 milhões de brasileiros, uns 30 milhões vivem na miséria absoluta, especialmente nas franjas das grandes metrópoles e nos Estados famintos do Nordeste.

Um por cento da população acumula 50 por cento do endimento nacional: 70 milhões de brasileiros contentam-se em repartir entre si o que 10 outros milhões gastam normalmente.

Nos últimos anos, deixou-se de produzir feijão para exportar soja, cultivada com o apoio e o fomento das grandes companhias multinacionais. Resultado: a dieta básica do brasileiro pobre constituída à base do feijão foi reduzida a metade.

Nas grandes cidades, se a lógica imposta pela ditadura não for quebrada nos próximos anos pelo regime democrático, com acento na distribuição mais justa da riqueza nacional, **«os pobres viverão na rua e os ricos cercados de muros nas suas mansões e protegidos por arame farpado e metralhadoras»**, como escrevia recentemente um sociólogo.

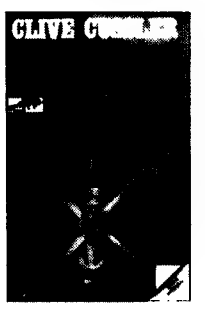
Um exemplo deste país de todos os contrastes: Manaus, no Amazonas, que é a cidade mais faminta da Terra, produz videocassetes mais avançadas que a França. E na sua zona franca vendem-se as últimas maravilhas da tecnologia moderna, a preços sem concorrência.

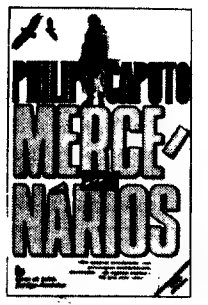
A PRENDA DE NATAL QUE TODOS APRECIAM

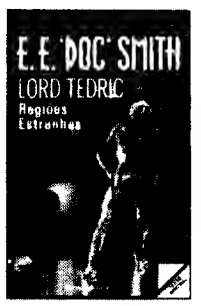
O LIVRO DE BOLSO PARA A SUA BOLSA

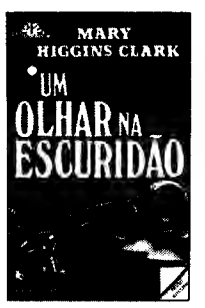
livros de bolso® EUROPA-AMÉRICA

- NÃO MATEM A COTOVIA — Harper Lee — «Grandes Obras»
- HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA — VII — Teófilo Braga — «Grandes Obras»
- NOTÍCIA DA CIDADE SILVESTRE — Lídia Jorge — «Grandes Obras»
- EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO — VIII — Marcel Proust — «Grandes Obras»
- MOTIM EM JULHO — Erskine Caldwell — «Grandes Obras»
- VAIDADE FATAL — Ruth Rendell — «Clube do Crime»
- TÚNEL DE SOMBRAS — Ross MacDonald — «Clube do Crime»
- A MORTE QUE VEIO DO MAR II — Clive Cussler — «Guerra & Espionagem»
- MERCENÁRIOS I — Philip Caputo — «Guerra & Espionagem»
- LORD TEDRIC — REGIÕES ESTRANHAS — E. E. 'Doc' Smith — «Ficção Científica»
- FALSA VITÓRIA — Poul Anderson — «Ficção Científica»
- NO DIA EM QUE OS 'COWBOYS' PARARAM — Elmer Kelton — «Western»
- UM OLHAR NA ESCURIDÃO — Mary Higgins Clark — «Pêndulo»
- RATO BASÍLIO — O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES — Eve Titus — «Clássicos Walt Disney»





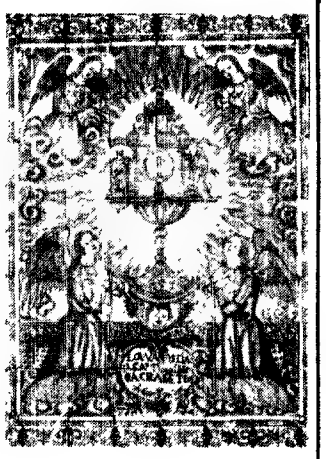




ESTE MÊS NO SEU LIVREIRO

EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

Sempre



Correios lançam cartões de Boas-Festas

Os **Correios e Telecomunicações de Portugal,** vão colocar este mês no mercado — e como têm vindo a fazer nos últimos anos — uma colecção de 10 **cartões de Boas-Festas,** que poderão ser adquiridos nos postos dos **CTT.**

Os motivos escolhidos para a emissão deste ano são quadros das Escolas **Catalã** (séc. XIV) e **Flamenga** (séc. XVI), obras de **Machado de Castro** e outros ceramistas (séc's. XVIII e XIX) e outras obras do património cultural e artístico de Portugal pertencents aos **Museus Nacional de Azulejos** e **dos CTT.**

TAP promove turismo português nos EUA

Tendo em consideração o interesse que o **mercado dos EUA** assume, devido às suas características e elevado potencial, a **TAP Air Portugal e a Direcção-Geral do Turismo**, acordaram na realização conjunta de iniciativas a promover naquele mercado.

Espera-se o desagravamento da recessão no tráfego dos EUA para a Europa no próximo ano, ainda que ao longo de 1986 Portugal tenha sido menos afectado pela crise verificada comparativamente com mercados similares da bacia do Mediterrâneo.

Já que as perspectivas futuras são positivas, entende a **TAP Air Portugal** que há que reactivar a sua imagem e a de Portugal no mercado norte-americano, sendo, por conseguinte, necessário programar acções de publicidade conjuntas dirigidas ao consumidor americano, no sentido de despertar o seu interesse pelos destinos portugueses. Na base da promoção de Portugal estarão a feição atlântica do nosso país e as suas características de segurança e acolhimento, realçando a importância que o factor segurança assume junto do mercado americano na escolha dos destinos turísticos.

A campanha de promoção conjunta decorrerá ao longo da execução do Plano de Médio Prazo da DGT — 1987/89, devendo ser conduzida localmente pela **Delegação da TAP Air Portugal** e pelo **Centro de Turismo Português** em Nova Iorque.

EHP-Singer: política ibérica comum

A **Singer** — a maior empresa retalhista portuguesa no ramo dos electrodomésticos — viu a sua designação social recentemente alterada, em toda a Europa, para **European Home Products,** signo da nova orgânica de cooperação internacional na comercialização de produtos para o lar.

Dentro desta nova orientação foi nomeado para assumir a total responsabilidade das Operações dos Produtos de Consumo do Grupo na Península Ibérica, o Director-Geral em Portugal, **António Costa.**

O estabelecimento de uma política comercial ibérica comum vai permitir o lançamento de bases sólidas para um crescimento ainda maior, com a abertura de novas oportunidades no mercado. É uma aposta no futuro, que está a ser enfrentada pelo novo grupo com a mesma dinâmica de sempre.

Sofinloc esgota emissão de acções no 1.º dia

Esgotou-se, no primeiro dia, a emissão de 100 000 acções da **SOFINLOC,** referente ao segundo aumento de capital o primeiro por subscrição pública sendo a **SOFINLOC** a primeira empresa de «leasing» a oferecer acções ao público. A **SOFINLOC** foi inicialmente promovida pelo **BPA** e **Barclays Bank** e ainda pela **International Finance Corporation,** Agência do Banco Mundial especializada nos mercados de capitais e participações financeiras.

No sector de «leasing» em forte expansão desde 1982, ano em que foram fundadas as primeiras sociedades, a **SOFINLOC** ocupa o primeiro lugar em rentabilidade (em 1985 foi responsável por cerca de 42% dos lucros do sector e em Setembro de 1986 já contabilizara lucros de 188 mil contos), sendo a segunda em volume de negócios fechados dante o ano corrente, até à mesma data.

Polo promove operação à americana

Uma operação promocional pouco divulgada em Portugal e que os americanos designam por «**sweepstakes**» vai decorrer em Dezembro e Janeiro nas principais cidades do país: sem qualquer concurso ou sorteio, um certo número de pessoas receberá electrodomésticos de elevado valor.

A iniciativa parte da empresa **Sonadel**, de Lisboa, a qual pretende assim promover o **Polo,** uma sua marca de detergente para máquina de lavar roupa, numa ocasião em que se verifica uma grande agressividade no «marketing» deste tipo de produtos. «A nossa ideia é fazer uma promoção, fugindo aos métodos tradicionais — diz um responsável pela acção: As pessoas estão a ficar um pouco saturadas de concursos, sorteios e passatempos. Por isso, quisemos habilitá-las a uma operação promocional sem qualquer maçada».

Durante quatro semanas, um representante da marca, o «**Senhor Polo**», viajará pelo País, à frente de uma pequena caravana automóvel, oferecendo um valioso electrodoméstico **Miele** a quem, de entre uma selecção aleatória, possuir uma embalagem de **Polo**. O electrodoméstico será apresentado ao premiado num «salão de exposição» ambulante.

O **Polo** é o primeiro detergente concentrado para máquinas de lavar roupa ao dispor do mercado português.

Resistência iraniana fala em Lisboa sobre a venda de armas a Teerão

Os envios clandestinos de armas norte-americanas e israelitas para o Irão, que nos últimos tempos tem dominado a atenção da imprensa internacional, não constituiu uma surpresa para os Mojahedine, principal grupo de resistência iraniano. Com efeito, já em 1982 eles haviam denunciado que desde o início da guerra com o Iraque, Khomeini recebia armas dos países que apontava como inimigos principais da revolução islâmica.

O representante dos Mojahedine mostra aos jornalistas fotos comprovativas do envio de armas norte-americanas e israelitas para o Irão: no aeroporto de Frankfurt, aviões da EL AL estacionam ao lado de aviões iranianos para onde transita o material oriundo dos EUA

O facto foi ontem recordado em Lisboa por Afchine Alavi, do Conselho Nacional dos Mojahedine. Alavi, que se encontra em Portugal para «procurar explicar a situação política, social e militar do Irão aos dirigentes do governo e principais partidos políticos portugueses», negou que sua visita tivesse relação com as notícias publicadas na imprensa internacional acerca de um eventual envolvimento de Portugal nas vendas clandestinas de armas ao Irão. Alavi explicitou que a resistência iraniana não dispõe neste momento de informações próprias sobre este suposto envolvimento.

O mesmo já não se passa, contudo, quanto às transferências de armas norte-americanas e israelitas para Teerão. O dirigente dos Mojahedine mostrou aos jornalistas presentes na conferência de imprensa numerosos documentos comprovativos dos envios clandestinos de armas para o Irão através de portos e aeroportos europeus, nomeadamente os de Roterdão e Frankfurt.

Segundo afirmou, o aeroporto de Frankfurt era em 1984 o grande «entreposto» de armas destinadas ao Irão. Em Abril desse ano, o envio de material bélico «atingia o ritmo de dez aviões cargueiros israelitas por semana», acrescentou.

Esses aviões, que partiam vazios para Nova York e Chicago, regressavam carregados a Frankfurt, onde estacionavam ao lado de aviões iranianos para onde transitava a carga oriunda dos Estados Unidos, precisou Alevi. Os aviões israelitas eram pertença da EL AL, companhia oficial de Israel, e de outras três companhias privadas. Segundo Alevi, só num dia, foram enviadas por este processo, para o Irão, cerca de 30 toneladas de material bélico.

Mas a Frankfurt chegaram também, em 1984, aviões norte-americanos carregados de armas para o Irão. A 20 de Abril de 1984, por exemplo, um destes cargueiros passou para um avião iraniano 60 caixas de material de guerra, disse Alevi.

Embaraço de Khomeini

A divulgação pela imprensa internacional dos pormenores sobre o envio clandestino de armas ao Irão colocou em maus lençóis o presidente Ronald Reagan. No entanto, o representante dos Mojahedine afirmou que as consequências deste escândalo para Khomeini serão ainda piores.

Alevi recordou que o dirigente da revolução islâmica centrou toda a sua propaganda nos ataques a Israel e aos Estados Unidos, país por ele apelidado de «Grande Satã». Ainda há três anos, Khomeini justificava a continuação da guerra com o Iraque, afirmando que «o caminho para a libertação de Jerusalém passa por Bagdade».

Agora, salientou Alevi, o ayatollah terá de explicar aos que o apoiam aquilo que é para eles inaceitável ou sejam, que foram usados.

O representante da resistência considerou, por outro lado, que os argumentos utilizados pela administração Reagan para justificar o fornecimento de armas ao Irão são falsos.

Em primeiro lugar, disse, não existem tendências moderadas no seio do regime: os grupos e clãs que disputam a sucessão de Khomeini representam uma solução de continuidade do actual poder. Em segundo lugar, a venda de armas a Teerão não contribui para o fim da guerra, mas sim para prolongar um conflito que só do lado iraniano já provocou mais de 500 mil mortos. Em terceiro lugar, não é com acordos com Teerão que se conseguirá a libertação dos reféns norte-americanos, uma vez que a «única linguagem que Khomeini entende é a da força».

O fim do ayatollah

No entender da resistência, os fornecimentos de armas e compras de petróleo ao Irão servem apenas para prolongar a agonia de «um regime imoral, hipócrita e totalitário».

Alevi mostrou-se confiante quanto ao fim próximo da ditadura de Khomeini. Citando fontes da resistência, no interior do Irão, disse que a revelação dos acordos secretos com Israel e os Estados Unidos têm contribuido para «minar ainda mais a credibilidade e estabilidade do regime». Os próprios deputados do Parlamento iraniano têm pedido explicações a Khomeini sobre estes acordos.

Por outro lado, acrescentou Alevi, a campanha pacifista iniciada há um ano pelos Mojahedine tem encontrado um eco cada vez maior junto da população e dos militares, sendo cada vez maior o número de deserções. Ao mesmo tempo que se sucedem as manifestações de protesto contra a escassez de alimentos, o racionamento do petróleo e a falta de água potável nos bairros populares de Teerão e das principais cidades.

Tendo em conta este cenário, Alevi advertiu todos os países interessados em manter, no futuro, boas relações com o Irão, a suspenderem as vendas de armas e as compras de petróleo. «O futuro não está com nenhum dos grupos e clãs que disputam entre si a sucessão de Khomeini, mas com a única organização que tem conquistado a confiança do povo iraniano, ao longo de 20 anos de luta contra a ditadura do Xá e desde 1981 contra a ditadura de Khomeini», disse o representante dos Mojahedine

24 HORAS

Nova cidadania europeia

A elaboração de um projecto de nova cidadania europeia assente no respeito pelos Direitos do Homem e na primazia do Direito e da Democracia é a maior ambição do Conselho da Europa, afirmou o seu secretário-geral, Marcelino Oreja. Oreja, que se encontra de visita à Bélgica, disse que «os valores compartilhados por todos os países do Conselho da Europa constituem um espaço democrático europeu, que é terreno fértil, no qual se desenvolve a totalidade da construção europeia».

Vacina contra a SIDA

UMA vacina destinada a travar a propagação da SIDA será testada pela primeira vez em seres humanos no próximo ano mas são incertas as possibilidades de parar o vírus mortal, anunciou a OMS. Em conferência de Imprensa, o perito em SIDA Jonathan Mann disse que foram iniciados este ano testes de várias vacinas em animais e afirmou estar a OMS convencida de que será possível começar a fazer testes com pessoas dentro de 12 meses.

Luta contra o cancro

UM europeu em cada três será vítima de cancro no ano 2000 se se mantiver o actual ritmo de progressão da doença, disse em Bruxelas o vice-presidente da Comissão Europeia encarregue dos assuntos sociais. Manuel Marin falava numa conferência de Imprensa destinada a apresentar um programa de luta contra o cancro, que prevê a realização, entre 1987 e 1989, de 75 acções nos domínios da prevenção, informação do público, formação de pessoal sanitário e investigação científica sobre a doença.

Filipinas: cessar-fogo

COM o repicar dos sinos nos campanários e o silêncio das espingardas, começou ontem, Dia Internacional dos Direitos Humanos, o cessar-fogo de 60 dias entre a guerrilha filipina e as forças governamentais. O cardeal da província de Cebu e presidente da Conferência Episcopal, Ricardo Vidal, declarou que «com a ajuda de Deus, esperamos que não haja demasiados problemas no início da trégua», a primeira em quase 18 anos de insurreição comunista no arquipélago.

Censura na África do Sul

A África do Sul impôs ontem regulamentos de censura que vão obrigar a Imprensa a submeter o noticiário sobre questões mais sensíveis altos funcionários governamentais para aprovação. A proclamação, publicada na gazeta governamental, significa que os jornais devem obter a aprovação prévia para publicação de notícias sobre agitação política negra e resistência ao regime do **apartheid** seguido pelo governo de minoria branca de Pretória.

Greve geral no Brasil

O governo brasileiro está a utilizar todos os instrumentos possíveis para que a greve geral de amanhã (dia 12) se transforme num malogro.

A greve, comandada pelas duas principais centrais sindicais do país — a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a CGT (Central Geral dos Trabalhadores) — pretende demonstrar a indignação dos trabalhadores contra as últimas medidas económicas e a maneira como têm sido conduzidas as negociações da dívida externa brasileira.

Manifestação de luto

MAIS de 60 mil pessoas, entre estudantes, sindicalistas, professores e pais de alunos, fizeram ontem uma «marcha de luto» pelas ruas de Paris para exigir que «nunca mais» ocorram os violentos incidentes dos últimos dias. Cartazes, dísticos e faixas de pano com a palavra de ordem «Isso, nunca mais» eram ostentados pelos manifestantes que também traziam fumo e braçadeiras negras em memória de Malik Oussekine, o estudante argelino morto na madrugada de sábado.

Agitação na Zâmbia diminui

OS confrontos ocorridos em várias localidades na Zâmbia entre forças policiais e manifestantes, que protestavam contra o aumento de preços de produtos básicos, diminuíram ontem. Os distúrbios foram despoletados por um aumento de 120 por cento da farinha de milho, alimento básico na Zâmbia, e provocaram pelo menos três vítimas mortais.

URSS e o SALT-2

O líder do Kremlim, Mikhail Gorbachev, disse que a União Soviética continuará a cumprir o tratado SALT-2 e a moratória unilateral sobre testes nucleares se os Estados Unidos procederem do mesmo modo.

A venda de armas ao Irão

EUA dizem que voltaram à "antiga política" de não negociar com terroristas

O Departamento de Estado norte-americano assegurou aos aliados dos EUA que tinha voltado à política de não negociar com terroristas e de não fornecer armas ao Irão, apesar do escândalo já conhecido por «Irangate».

«Acontecimentos recentes podem ter deixado dúvidas nalguns espíritos, sobre a credibilidade da política norte-americana de combate ao terrorismo, mas posso afirmar que esta Administração voltou à sua anterior política», disse o vice-secretário de Estado John Withehead durante um seminário sobre terrorismo.

Na sua intervenção, aquele membro da Administração Reagan citou o Irão como um dos países que desenvolveram acções terroristas contra alvos norte-americanos.

Apesar destas afirmações norte-americanas, a questão que neste momento continua a preocupar a vida política norte-americaca é se o presidente Ronald Reagan foi ou não informado do desvio de dinheiros da venda de armas para financiar os «contras» da Nicarágua.

Um dos membros da comissão do Congresso que está a investigar o caso, o senador democrata Stephen Solarz, disse estar convencido de que Reagan estava ao corrente da operação.

«Sinto-me muito satisfeito por ter chegado à conclusão de que o presidente estava ao corrente do desvio» — disse Solarz, que é o único membro da comissão de inquérito a perfilhar essa opinião, pois até agora todos os restantes inquiridores continuam a admitir que Reagan não estava ao corrente.

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, afirmou entretanto ao senador Edward Kennedy que a venda de armas norte-americanas ao Irão tinha sido uma infantilidade e que Israel só tinha participado a pedido dos Estados Unidos.

O negociante de armas saudita Adnan Kashoggi admitiu, entretanto, contrariamente ao que tinha afirmado a semana passada, que tinha sido o primeiro vendedor de armas ao Irão, mas que não estava ao corrente de que os pagamentos iranianos serviam para financiar os rebeldes da Nicarágua.

Khomein sabia

O ex-conselheiro de Segurança Nacional, Robert McFarlane, afirmou por seu turno, perante a comissão de inquérito, que o dirigente iraniano «ayatollah» Komeini teve conhecimento directo acerca das entregas de armas norte-americanas ao Irão, revelou o jornal «Daily News».

Citando fontes da Comissão dos Assuntos Externos da Câmara dos Representantes, aquele jornal nova-iorquino afirma que esta semana McFralane disse numa sessão à porta fechada que quando iniciou as conversações secretas com o Irão, em Julho de 1985, pensava estar a negociar com representantes e dirigentes moderados iranianos.

«No entanto, ele acabou por se aperceber que o próprio Khomeini estava a par das negociações que ultimamente garantiram a entrega de armas necessárias àquele país», acrescenta o mesmo jornal.

Director da CIA

Por seu lado, o jornal «The Washington Post» afirma que o director da CIA, William Casey, teve conhecimento do desvio de fundos para os «contras» nicaraguanos.

Segundo fontes da Comissão de Assuntos Externos da Câmara norte-americana de Representantes, que ontem interrogou Casey à porta fechada, o director da CIA foi informado sobre a transferência de fundos por um empresário de Nova Iorque que tinha contactos com intermediários canadianos na venda secreta de armas para o Irão.

No seguimento desta informação — refere hoje o «The Washington Post» — Casey disse que mandou imediatanente proceder a um inquérito interno na Agência Central de Informações para averiguar se os seus funcionários estavam implicados no caso.

Apesar disso, Casey informou da ocorrência John Poindexter, assessor de Segurança Nacional do presidente norte-americano, Ronald Reagan, que o demitiu do cargo em 25 de Novembro, depois do conhecimento público da questão Irão-«contras» pelo ministro norte-americano da Justiça, Edwin Meese.

Países da NATO pedem retirada de mísseis na Europa

Os Estados membros da NATO decidiram em Bruxelas solicitar à União Soviética e Estados Unidos a retirada de todos os mísseis de médio alcance estacionados na Europa.

Durante a reunião foram analisadas as relações entre a URSS e os Estados, na sequência das negociações de Genebra, tendo os aliados reafirmado apoiar a posição norte-americana expressa na cimeira de Reiquejavique.

«A União Soviética deverá concordar com a retirada de mísseis de médio alcance da Europa», assinala o comunicado distribuído no final da reunião do denominado «Grupo especial de consulta» na NATO.

Entretanto, o Pacto de Varsóvia lançou vários convites a figuras cimeiras da NATO — incluindo o secretário-geral, Lord Carrington — para conversações sobre desarmento, afirmou o próprio Carrington.

Em conferência de Imprensa, Carrington adiantou que os convites foram rejeitados porque a Aliança Atlântica considera inapropriados os contactos directos com o Bloco de Leste.

Segundo o secretário-geral da NATO, o comandante supremo das forças da NATO, Bernard Rogers, foi convidado em carta assinada pelo seu homólogo Viktor Kulikov, e ele próprio (Carrington) foi convidado «por alguém que disse ter cargo equivalente no Pacto de Varsóvia».

Honduras e Nicarágua acusam-se mutuamente

As Forças Armadas das Honduras identificaram os 11 soldados sandinistas mortos no passado fim-de-semana em território hondurenho.

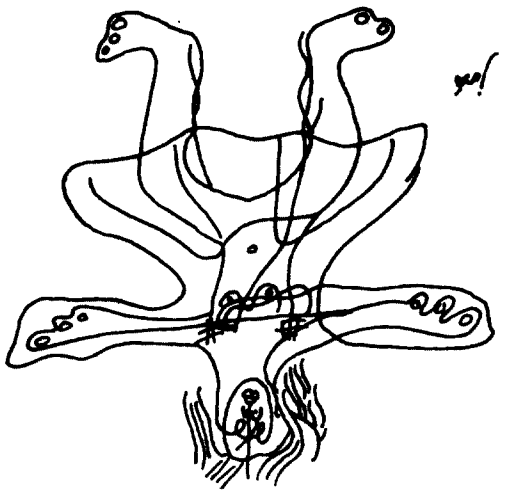
Um comunicado militar indica que os cadáveres dos soldados nicaraguanos foram encontrados junto à fronteira entre os dois países.

Entretanto, o presidente das Honduras assegurou em conferência de Imprensa que a Nicarágua tem cerca de 30 mil soldados concentrados junto da fronteira, acrescentando que o Exército do seu país pode ser chamado a intervir caso as forças militares da Nicarágua entrem em território hondurenho.

Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, disse por seu turno em Manágua que as posições assumidas ultimamente pelas Honduras «demonstram que as autoridades daquele país estão a ceder às pressões dos Estados Unidos» e negou que a Nicarágua tenha invadido território hondurenho.

José Sesinando

OBRA ANTUMA



Opiniões da crítica

«Esta obra de José Sesinando ficará assinalando, como um marco geodésico, um momento da literatura portuguesa. Um péssimo momento».

«Ao findarmos a leitura da última obra de José Sesinando ficamos impacientemente desejando que seja, de facto, a última».

UM LIVRO QUE É UMA «LOUCURA»!

EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro

"Taça UEFA": 3-0 ao Groningen

Guimarães: lição vem do berço

Neves de Sousa

Exacto: a grande lição de como se joga futebol moderno (vivo, alegre, acutilante, tão altamente profissionalizado como juntando toda a formação em perfeita e honrada entrega à defesa de um símbolo clubista) esteve alí patente aos olhares mais críticos e menos leigos, no palco bonito e limpinho do estádio vimaranense. Na Cidade Berço da nacionalidade, uma lição bem aprendida desde os primeiros vagidos da temporada, com a deliciosa incursão na Taça UEFA a marcar indelevelmente o «team» a que (toda a honra lhe seja concedida) o técnico brasileiro Marinho Peres deu espírito de corpo, compenetração, sentido táctico adequado às mais diversas circunstâncias, preparo físico invejável e, o que talvez seja mais importante, um visível e esplendoroso sentido de fraternidade entre todas as pedras. Coisas que não sucedem, por exemplo, em paragens de muito maior rótulo, se nos lembrarmos de como Álvaro tem sido puramente marginalizado por certos parceiros benfiquistas ou, pior ainda, do que recentemente sucedeu num treino sportinguista, naquele vergonhoso incidente que envolveu Fernando Mendes, Mário e Duílio, fora o mais que adiante se verá.

Véem este intróito a perfeito talhe de foice: enquanto sob o sinal da águia se vive um torvelinho criado de dentro para fora (obliterado semanalmente pelos económicos êxitos do «onze» que sai à liça), o instável momento **verde-branco** é avultado pelo tal caso ocorrido em treino que revela, à saciedade, como andam em franja os nervos daquela banda.

Adiante: falemos do Guimarães-Groningen. Mudemos para coisas belas.

Era necessário virar a moeda: viera da Holanda uma desvantagem (magra, embora) que era forçoso emendar, para (ineditamente na vida vimaranense) a cidade, o clube, o povo estarem represetandos, afiançando confiança em nova etapa e de dificílima escalada europeia, coisa que, nos tempos que correm, até vai mal para o negócio político.

Pois, amigos, mal soou o apito arbitral, eis que a cavalgada da terra do Fundador se atirou ao outro parceiro, como gato a bofe. E, logo aos primeiros raides, nas incursões de estudo, se verificou que estávamos, não apenas perante um bloco coeso de altas personalidades, supermoralizadas e animicamente apenas devotadas à sua tarefa, mas que desse vulcão de entusiasmo sobressala um negrão de seu nome Basaula Lemba, mocetão nascido a 3 de Março de 65, num daqueles bairros pobres de Kinshasa onde a garotada zairense apenas tem como divertimento o pontapear de uma bola feita de farrapos. Basaula veio naquele

N'Dinga e Basaula: zairenses de cinco estrelas

lingote que também nos trouxe N'Dinga e N'Kamba, trio espectacular que ontem delegou nos dois actuantes (N'Kamba cumpriu castigo uefeiro) o pergaminho do fascinante e serpenteante futebol africano: e foi o que se viu. Um espectáculo que logo contagiou toda a arquibancada, depois de ter inoculado nos colegas a certeza absoluta de que Basaula, neste teste a sério em matéria, de competitividade e talento, está ali para as curvas, como pedra fundamental da soberba arrancada minhota, até ao topo do luso futebol.

●

Era assim: Nené varrendo a área, Miguel muito atento às deixas, Costeado entrando pelo seu flanco como galgo em vinha sem qualquer uva, Nascimento com a régua e o esquadro, Roldão como um torvelinho, N'Dinga a dar o corpo ao manifesto, Adão a carregar com o piano, Ademir a fornecer o toque de arte e, depois, lá estava Paulinho Cascavel para o que desse e viesse. No meio disto tudo (e enquanto Jesus se preparava para duas defesas de vinte valores) serpenteava o matulão zairense, grande e imponente Basaula que parecia ter crescido para aí mais dois palmos. Abarcava todo o palco, enchia o relvado, corria e saltava, chutava e fintava , era (mesmo) um demónio à força.

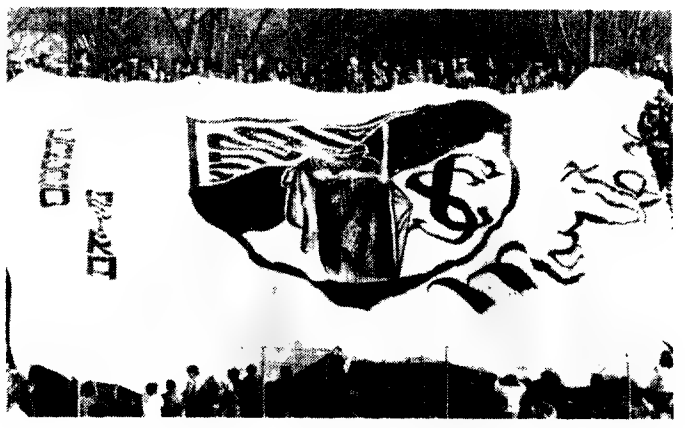
Paulatinamente, o castelinho holandês foi ficando devorado pelo dique. O árbitro (exuberante, com frustrada vocação teatral) andava com a mão sobre a algibeira das cartolinas, mas ia deixando correr tal marfim que, às tantas, chegou a pensar-se que tinha tocado a capotes: que batia à porta uma tal bátega que só macas seriam precisas seis. Mas o ameaço foi quebrado quando chegou o tento (lindo) de Nascimento, no sábio aproveitamento de um endosso de Adão. O Groningen baixou a crista mas não ficou de rabinho entre as penas.

Valeu, na emergência, que Marinho Peres desse nova injecção aos vimaranenses que, aparentemente confortados pelo ganho da neutral paridade no «placard», poderiam adormecer: e continuou a varridela da avenida, mesmo com aquele enorme Eykelkampf (decerto descendente de pau de fio no Alaska) com uma tal pontaria baixa que nem Nené nem Miguel, tampouco Costeado (mestres naquele apaziguar de efervescência que se chama «toque nos machinhos») o conseguiam igualar em matéria discreta e rasteira pontaria.

Para gáudio da plateia (foram só 15 mil donas Marias na

Continua na pag 17

Paulinho: a serpente em dança louca



Cá em casa mandámos nós!

A festa dos triunfantes

PONTA ESQUERDA

Lendl: o melhor do mundo

O checoslovaco Ivan Lendl foi nomeado oficialmente campeão mundial de ténis pela segunda vez consecutiva, anunciou a Federação Internacional, sediada em Londres.

Fred Perry e Tony Trahert, membros do painel que procedeu à nomeação, declararam que Lendl é **um fora-de-série** e que nem precisava de ter vencido o Torneio dos Mestres domingo à noite para receber a distinção.

Taça de ouro para Maradona

Diego Maradona recebe no próximo domingo o prémio de melhor jogador do campeonato italiano de futebol na época 85/86.

A Taça de Ouro, atribuída pelo Comité Olímpico de Milão e pelo município local, será entregue ao internacional argentino antes do início do encontro que a sua equipa, o Nápol;es, disputa com o Milão, no estádio municipal daquela cidade do Norte de Itália.

Atleta olímpico: óbito

O atleta olímpico moçambicano André Titosse morreu segunda-feira no Hospital Central de Maputo, informou a agência noticiosa moçambicana (AIM).

As causas da morte não foram reveladas, sabendo-se apenas que Titosse fora hospitalizado em estado de coma no sábado passado.

André Titosse, estudante universitário, era considerado um dos melhores fundistas moçambicanos e integrara a comitiva olímpica do país aos Jogos de Los Angeles, em 1984.

Hóquei em patins

Juvenis preparam "europeu"

Um empate a dez golos com o Oliveirense marcou este fim-de-semana a preparação da selecção portuguesa de juvenis de hóquei em patins que de 18 a 21 do corrente defende em Oliveira de Azeméis o título europeu da categoria.

O técnico Carlos Dantas entendeu «familiarizar» os dez elementos escolhidos com o piso de cimento do pavilhão de Oliveira de Azeméis, estranho para a maioria deles, para o que os submeteu a jogos de treino onde os jovens proporcionaram boas indicações quanto à sua forma actual.

A defesa do título europeu estará a cargo de Fernando Falé (Carvalhos), Veríssimo (Sesimbra), Marco Ferrão e Rui Lopes (Paço de Arcos), Vítor Fortunato (Física), Jorge Dias (Sporting), Marinho (Parede), Pedro Alves (Sporting), Fernando Oliveira (FC Porto) e Barroso (Oeiras), perante os candidatos França, Inglaterra, Holanda, Itália, Suíça e Espanha.

Benfica vence Sesimbra

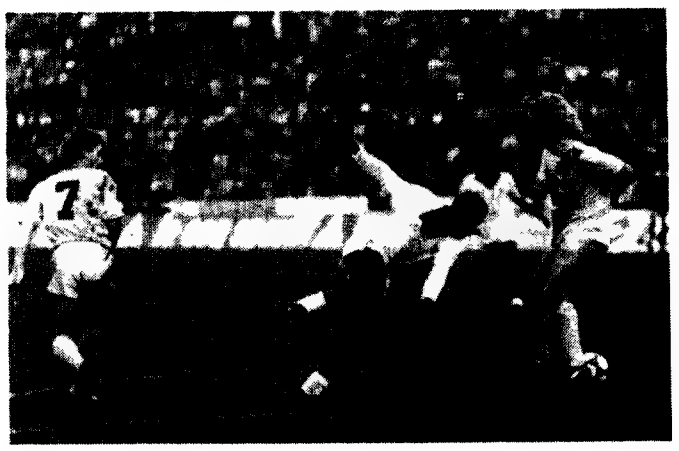
O Benfica venceu ontem o Sesimbra por 10-3 em encontro atrasado do «nacional» de hóquei em patins da primeira divisão.

Amanhã, pelas 12 horas

Presidente da República recebe selecção

O Presidente da República, Mário Soares, recebe amanhã a selecção nacional de juvenis que, de 18 a 21 do corrente, vai defender em Oliveira de Azeméis o título de campeã europeia de hóquei em patins, conquistado há um ano em Palma de Maiorca.

No encontro com os jovens hoquistas, que terá lugar às 12 horas em Belém, o presidente Soares irá encorajar os jogadores a uma actuação positiva no Campeonato Europeu da modalidade.



Basaula: aí vai o bólido

Ademir: garra até aos cabelos

Uma lança na Europa

Continuação da pág 15

arca, oh, dr. Pimenta Machado?) o jogo tornou-se mais vivinho da costa, sempre com ascendente minhoto: e a equipa da terra das túlipas a sofrer momentos de apuro, digamos mesmo que à beira da fronteira do pânico, quando a saltitante roçava a área de entrada para a caixa dos rigores. Mais: quando aquele chuto à meia volta, do sr. Paulo Roberto Vacinello, cascavel do Paraná, ia quebrando a zebra.

Todavia, o atrevido e irrequieto homem do montante vimaranense, iria entregar, em bandeja de prata, uma bolinha para N'Dinga anichar no cochicho. Era o delírio. só visto: «Fundadores», «Conquistadores», «Boys», os «Black e White», todos as jovens falanges de apoio do clube nascido a 22 de Setembro de há 64 anos, de bandeiras ao vento e cornetas disparadas. Um buliçoso e antecipado carnaval.

•

Contudo, o malvado Basaula continuava na sua: quem passasse pela beirinha era homem abatido. E, sem sequer pestanejar, fintou dois louraços e deu para o Cascavel: Paulinho só mesmo à entrada da garagem seria desarmado. O pão fugia da boca à porta do ninho.

E, carregando, sempre com o pé no acelerador, o tempo corria. Virou-se para a outra margem do rio, o reconforto do balneário, do chá ou da água fresquinha a dar novos alentos. E o Vitória sempre com curare na ponta das botas. À técnica e táctica uniam-se boa vontade e desejo de conquista: já era assim com Afonso Henriques, porque raio teria de mudar em matéria de futebol?

•

Pronto: o mortal golpe de cutelo iria ser despendido com ajuda de mãozinha sub-reptícia, assim a modos que imitando Diego Maradona lá pelos Méxicos de má memória. Paulinho voou, cabeça e punho bem juntinhos, Deus saberá quem empurrou a esfera para o sítio da guilhotina: o cabelo ou a testa, os dedos ou o cotovelo. O que contou foi a visão arbitral: era golo, pronto, não valia a pena holandeses protestarem. E foi mesmo golo acabou-se o baile, Ou, melhor: saíu a terreiro o último baile mandado dos minhotos, Rob Jacobs protestando como um louco, Marinho Peres rindo do desespero do colega para logo ir até junto da «claque» caseira pedir palmas para a equipa que ultrapassava a ponte levadiça e entrava na história.

Uma nova lança no reino europeu do rei dos jogos. Incrível «show» de alegria, brio, valor atlético e capacidade de grandes artistas do futebol. Um sensacional espectáculo se o pescarmos com as «nuances» emocionais que temperaram o petisco da boa cozinha minhota. E, de Jesus até Ademir, um fascinante cortejo de belos profissionais (violinos, trompetes, pianistas, violoncelistas, baterias) regidos pela batuta de homão de cento e tal quilos de contangiante festa para os olhos: ou não fosse Marinho Peres, também ele, um emérito integrante no delírio que é festa deste povo-país que somos todos os que se afastam do sorumbático e dilacerante quotidiano, de cada vez que uma esfera de couro toca o barbante e nos erguemos para tirar o chapéu ao golo que é a festa maior de qualquer ponto da terra.

Com arbitragem (contemporizadora para os portugueses, no golo de Cascavel) do checoslovaco Vojetech Christov (que esteve acompanhado por Marco e Gregori) actuaram:

Vitória de Guimarães: Jesus: Costeado, Miguel e Nené: Basaoula (Rui Vieira, 80m), Ademir, Nascimento e Adão: N'Dinga, Paulinho Cascavel (Tozé, 89), Roldão

Groningen: Storn, Mason (Bakker, aos 81m), Boerkweg, Verkyuil, De Wolf, Van Dijk, Riekering, Roosien, Houtmann, Van Den Berg (De Kock, na 2.ª parte) e Eykelkamp.

Marcadores: Nascimento (32m), N'Dinga (41m) e Paulinho Cascavel (81m). Cartão amarelo para Nascimento, De Wolf e Eykelkamp.

A surpresa veio da Áustria

● *Inter-Dukla realiza-se hoje*

O Vitória de Guimarães tornou-se na grande surpresa da terceira eliminatória da Taça UEFA em futebol ao garantir pela primeira vez na sua história a passagem aos quartos de final de uma competição europeia.

Surpresa constituiu também a vitãoria por 2-0 do Tirol sobre o Spartak de Moscovo e que ditou o afastamento da turma soviética, que tem no seu guarda-redes internacional Dassaev a sua grande figura de cartaz. Os austríacos marcaram os dois golos em outros tantos minutos, por intermédio de Roscher e Muller, conseguindo assim ultrapassar a desvantagem de um golo averbada em Moscovo.

Dos restantes seis encontros, o Borússia Moenchengladbach sofreu a bom sofrer para conseguir o apuramento frente aos escoceses do Glasgow Rangers, responsáveis pelo afastamento do Boavista.

Um nulo registado no final de uma partida recheada de incidentes com duas expulsões registadas para o lado da equipa de Souness ditaram o apuramento dos alemães-federais graças ao golo obtido no empate a uma bola em Glasgow.

O Inter de Milão tinha a eliminatória praticamente garantida quando aos 78 minutos o árbitro suspendeu a partida devido ao denso nevoeiro que se abateu s[illegible] estádio italiano. Um golo do alemão-federal Rummenigge aos 56 minutos dava as maiores garantias à turma italiana, que já vencera o jogo da primeira «mão» por 1-0, mas terá agora de aguardar pela marcação da data para novo encontro.

Os espanhóis do Barcelona, que eliminaram o Sporting, venceram o Bayer Uerdingen por 2-0 com golos de Rojo aos 72 e 78 minutos, mas a eliminatória já lhes pertencia praticamente pela vitória alcançada na RFA, há quinze dias, por igual resultado.

Grandes facilidades encontrou a turma sueca do Gotemburgo para afastar com uma goleada de 4-0 os belgas do Ghent. Golos de Johansson (45), Rantanen (51), Hysen (58) e Larsson (65) colocaram o Gotemburgo nos quartos de final com um total de 5-0.

Aos escoceses do Dundee United bastou o empate a zero golos no terreno do Hadjuk Split, da Jugoslávia, para garantir o apuramento, uma vez que na Escócia venceram por 2-0. Um golo de Dossena aos 76 minutos confirmou a presença do Torino, de Itália, na próxima eliminatória, frente aos belgas do Beveren depois de, em Turim, ter vencido o encontro por 2-1.

Resultados

Hajduk Split — Dundee United 0-0
Apurado: **DUNDEE UNITED** (total: 2-0)
IFK Goteborg — Gent (Bélgica) 4-0
Apurado: **GOTEBORG** (total: 5-0)
V. Guimarães — Groningen 3-0
Apurado: **V. GUIMARÃES** (total: 3-1)
Inter Milão — Dukla Praga ..... (Hoje)
(primeira «mão» 1-0)
Swarovski Tirol — Spartak Moscovo 2-0
Apurado: **SWAROVSKI TIROL** (total: 2-1)
Barcelona — Bayer Uerdingen 2-0
Apurado: **BARCELONA** (total: 4-0)
Beveren — Torino 0-1
Apurado: **TORINO** (total: 3-1)
Borussia Moenchengladbach — Glasgow Rangers 0-0
Apurado: **BORUSSIA** (total: 1-1)

●

O sorteio dos quartos-de-final das três competições europeias realiza-se no dia 24 de Janeiro, em Colónia, na RFA.

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 50/86 DE 14.DEZEMBRO.86

Penalti: 121 111 1X2 1111: O Algarve: X11 111 X12 1111: Jornal da Beira: 1X1 111 1XX 1X11: Correio de Coimbra: 2X1 111 112 1111: Correio do Vouga: X11 1X1 11X 1111: A Defesa: XX1 111 XX2 XX11: O Diário: XX1 1X1 112 XX11: Diário de Lisboa: XX1 X11 112 XXX1: Diário de Viseu: 211 X11 XX1 1211: Folha do Domingo: X11 111 11X 1111: Ecos de Cacia: 1X1 1X1 112 1X11: O Emigrante: X11 111 XXX 11X1: Eu Sei Tudo: XXX 111 112 1X11: Jornal de Felgueiras: XX1 111 1XX 111X: Jornal do Fundão: X21 111 X1X 1X11: Rádio Totobola: 1X1 1X1 X12X 11X1: Linhas de Elvas: 121 X12 11X 1XXX: Litoral: 121 111 111 21X1: Maria da Fonte: 111 111 112 1111: No Estúdio e no Estádio: 1X1 11X 12X X2X1: Notícias de Felgueiras: XX1 111 112 1X11: Notícias de Guimarães: X21 111 1X2 XX11: Notícias de Viseu: XX1 X11 1X1 X111: Reconquista: 211 2X1 1X2 1211: Rádio Altitude: X11 111 11X 1111: Clube da Manhã/RDP-Comercial: 1X1 121 112 XXX1: Manhã, Manhã/RDP-Comercial: XX1 111 112 X111: Secção Desportiva/RDP-Comercial: 1X1 111 1X2 1X11: Tempo de Desporto/RDP-Comercial: X11 111 11X X1X1: Diário do Desporto/RR: X21 1XX 1XX 2X1X: Bola Branca/RR: 111 111 112 1111: Desporto/RR: 1X1 111 112 X111: Jornal de Sintra: 22X 111 1X2 X111: Jornal do Sul: X11 X11 11X X1X1: A Voz do Domingo: XX1 111 112 1XX1: Fim-de-Semana Desportivo/Rádio Guarda: 1X1 111 1X2 1X11: Desporto Regional/Rádio Altitude: XX1 1X1 112 X1X1: Panorama Desportivo/Rádio Guarda: X1X 1X1 11X X11X: Rádio Guarda: X11 2X1 X11 12X1: Gente Gira/Antena Um: 221 X11 111 XX11: Pista de Dança/Rádio Altitude: 111 111 11X 1111:

Sons da Madrugada/Rádio Altitude: X11 111 X12 2XX1: Snack-Bar/Rádio Altitude: 121 1X1 12X 11X1: Comércio de Leixões: XX1 1X1 11X 1X11:

De Tudo Um Pouco: 121 111 112 1X11: Jornal de Gaia: 2X1 1X1 2X2 X111: Jornal da Graça: XX1 111 1XX 1212: O Primeiro de Janeiro: X21 111 1X2 11X1: Repórter do Dia: 211 111 1X2 1X11: Alvo Desportivo: 111 111 11X 1111: Rádio Alvo: 2X1 X11 X22 2211: Alvo: 111 111 111 X111: Alvo Suplemento: XX1 X11 XXX XX11: A Voz dos Ridículos: 111 111 111 111X: Rádio Placard: 211 111 221 11X1: Estúdio 64: 21X 211 X1X 1211.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Sporting-Benfica	19	27	10	4	6	2
2. Belenenses-Guimarães	21	24	11	5	5	2
3. Boavista-Salgueiros	52	4	0	11	1	1
4. Académica-Rio Ave	45	8	3	10	1	1
5. Portimonense-Chaves	43	12	1	9	2	1
6. Braga-Elvas	53	2	1	10	1	1
7. Varzim-Marítimo	43	11	2	9	2	1
8. Vizela-Penafiel	34	18	4	7	4	1
9. A. Viseu-Covilhã	8	21	27	1	5	6
10. Feirense-Beira-Mar	34	18	4	7	4	1
11. Oriental-Montijo	28	21	7	6	5	1
12. Estoril-Atlético	40	16	0	9	3	1
13. E. Amadora-E. Lagos	50	5	1	10	1	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
XX1 111 112 1111

COOMAPOR, C. R. L.

COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Estatutos e da Legislação cooperativa, convoco todos os associados da COOMAPOR — COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DE TRÁFEGO PORTUÁRIO, CRL., para reunirem em Assembleia Geral, no próximo dia 7 de Janeiro de 1987, (4.ª-feira), entre as 08.00 e as 18.00 horas, nas instalações do CCTPL, sitas na Av. Infante D. Henrique, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

— ELEIÇÕES DE NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS

LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1986

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

CARLOS ALBERTO DE SOUSA GUERREIRO

IMPORTANTE: Informam-se todos os possíveis candidatos que as listas deverão ser assinadas por todos os componentes e entregues na sede da COOMAPOR, na Rua de S. João da Praça, 89 — r/c em Lisboa, até às 17.00 horas do próximo dia 31 de Dezembro de 1986.
A composição das listas, com base nos Estatutos, é a seguinte:

1. **MESA DA ASSEMBLEIA GERAL:** Presidente, Vice-Presidente, Primeiro e Segundo Secretários efectivos e Primeiro e Segundo Secretários suplentes (6 elementos).
2. **DIRECÇÃO:** Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e dois Secretários, e ainda 5 suplentes (10 elementos).
3. **CONSELHO FISCAL:** Presidente, Secretário e Relator, e ainda 3 suplentes (6 elementos).

Note-se que as listas só poderão ser formadas por cooperadores no uso de todos os seus direitos, devendo obedecer à legislação em vigor, designadamente aos artigos 38.° e 39.° do Código Cooperativo.

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 16 de Dezembro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens para bar na estação de Lagos.

A importância mínima a oferecer pela compra das duas carruagens é de 300 000$00 e a anuidade mínima a oferecer pela sua instalação e subsequente exploração é de 240 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 40 000$00 e as respectivas propostas devem ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Lagos

Portimão

Região Sul — Serviço Comercial
BARREIRO

Direcção Comercial
Estação de Santa Apolónia, 1.° andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial (Tráfego de Suburbano) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.° 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens para bar na estação de Lagos.»

Caminhos de Ferro Portugueses

Vitória de Setúbal "rompe" com o Sporting e "desliga-se" da Associação de Clubes

O Vitória de Setúbal cortou relações com o Sporting Clube de Portugal, alegando que os «leões» quebraram o pacto desportivo ao contratarem o futebolista júnior Paulo Rineiro.

«O Vitória Futebol Clube suspende todo e qualquer contacto com o Sporting, salvaguardando-se as relações resultantes de provas oficiais», diz um comunicado emitido pela direcção do clube sadino.

O documento anuncia ainda a saída do Vitória de Setúbal da Associação Nacional de Clubes, considerando que **«não estão reunidas as condições de honestidade por parte de um dos signatários da mesma, desobrigando-se dos compromissos a que estava vinculado e que sempre cumpriu»**.

As decisões do clube setubalense são uma consequência do «caso» Paulo Ribeiro, um júnior cedido por um clube luxemburguês ao Vitória de Setúbal, por duas épocas, uma das quais já cumprida

Na opinião de Tavares da Silva, secretário-permanente dos sadinos, «Paulo Ribeiro estava ligado esta época ao Vitória, mas o Sporting, contra as mais elementares regras de correcção, foi ao Luxemburgo e trouxe um documento do clube luxemburguês, o que significa que o Paulo Ribeiro na mesma época pode jogar por dois clubes».

Companheirismo: Delgado e Silvino «testam» Manuel Bento

Farense: uma «sociedade das nações»

Contando com 9 futebolistas brasileiros, um espanhol, um inglês e um zairense no activo e mais dois estrangeiros (Jean Michel D'Havrey e Nicolai Passov) à experiência, acaba de contratar o preparador físico de origem búlgara Tervisky Trendaffil para ajudar o treinador brasileiro Cláudio Garcia Uma autêntica «sociedade das nações»

Celso e Inácio no «estaleiro»

Como consequência de lesões contraídas no encontro com o Marítimo, os futebolistas dos «dragões» Celso (lesão traumática na perna direita) e Inácio (rotura parcial do ligamento colateral interno do joelho direito) encontram-se entregues aos cuidados do dr. Domingos Gomes e tudo indica de que deverão ficar inactivos durante os próximos 15 dias.

Convocação dos «olímpicos»

Com vista aos treinos da selecção olímpica, a realizar nos próximos dias 15 e 16, o Gabinete Técnico da FPF convocou os seguintes elementos:

Académica de Coimbra (3): Flávio, Quinito e Carlos Xavier: Boavista (2): Casaca e José Augusto: Belenenses (3): Jorge Silva, Teixeira e Artur: Marítimo (3): Paquito, Valério e Artur Semedo: FC Porto (1): Quim. Chaves (4): Jorge Plácido, Jorge Silva, Celestino e Cerqueira: Portimonense (3): Augusto, Skoda e Mendes: Rio Ave (2): Chico Faria e Juanico: Salgueiros (2): Madureira e Matias: Braga (2): Serra e Toni: Sporting (1): Oceano: Varzim (1): Lúcio: Vitória FC (1): Roçadas: Vitória SC (4): Jesus, Costeado, Miguel e Nascimento

Morato: 4 jogos de castigo

Em virtude da sua expulsão, durante o encontro Sporting-Farense, e em obediência ao teor do relatório arbitral, o Conselho de Disciplina da FPF aplicou a severa punição de 4 jogos ao futebolista Morato, que deste modo não poderá participar no grande «derby» do próximo domingo.

Belenenses «vítima» do Benfica

Nada satisfeitos com a recusa do presidente do Benfica em autorizar a transmissão televisiva do Sporting-Benfica ficaram milhares de portugueses espalhados pelo País e, de forma particular, os dirigentes do Belenenses que, por actuarem (frente ao Guimarães) à mesma hora do confronto de Alvalade, não terão a assistência prevista com evidentes reflexos na bilheteira.

Relatóriio de Saltillo vai avançando

O dr. Jaime Cortesão encontra-se na cidade do Porto inquirindo os futebolistas envolvidos no «processo saltilhense» tendo já ouvido João Pinto, Sousa e Jaime Pacheco, seguindo-se os restantes, esperando-se que até final da semana esteja cumprida a «missão portista».

Reservas: Belenenses vence Estrelaa da Amadora

Em encontro realizado, ontem, no campo do Damaiense (Damaia), o Belenenses venceu o Estrela da Amadora, por 1-0 (golo de Murça). Para completar a 12.ª ronda do «distrital» realizam-se hoje (21 horas) os seguintes encontros: Sporting-Sacavenense, Oriental-Benfica e Atlético-Torreense.

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.° ESQ.

77 11 58 — 1000 LISBOA

ESTOFOS — VANDELSA — DECORAÇÃO

BARREIRO

MÓVEIS — MAPLES

FABRICO PRÓPRIO DE TODO O MOBILIÁRIO
AO GOSTO DO CLIENTE OU A DESENHO DE REVISTA

VANDELSA: TELEF. 207 58 32

AV. BOCAGE - BLOCO/A N.° 6, C/V — 2830 BARREIRO

QUELUZ

ÁLVARO SIMÕES MARTINS

AGRADECIMENTO DO 30.° DIA

Sua esposa e filho vêm por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que acompanharam à sua última morada o seu ente querido e bem assim aos que lhe manifestaram o seu pesar, não o fazendo directamente por desconhecimento de endereços.

AGÊNCIA CARDOSO DE QUELUZ
TELEFS: 952563 - 4310105

Marionetas da Checoslováquia

(Carlos Brito)

O VIOLINO MÁGICO. **Texto e Encenação:** Jiri Jaros. **Teatro Central de Marionetas de Praga dirigido por** Tomá Engel. **Cenografia:** Karel Hejcman. **Centro de Arte Moderna, 6/12/1986.**

A exposição patente no átrio do Centro de Arte Moderna, o ciclo de filmes checoslovacos com marionetas, de que fazia parte a obra-prima de Jiri Trnk sobre a peça de Shakespeare **Sonho de uma Noite de Verão,** e especialmente o espectáculo **O Violino Mágico,** de Jiri Jaros pelo Teatro Central de Marionetas de Praga — estas manifestações revelaram, ou comprovaram, o carinho, o interesse e o apoio que o povo e o governo daquele país dedicam a uma das mais antigas e populares expressões artísticas da humanidade. Dir-se-á que na Checoslováquia as marionetas mergulham raízes fundas na tradição popular, o que é verdade. Mas as tradições não bastam para tornar viva a criatividade de um povo: se não são defendidas, trabalhadas, apoiadas, as tradições desvirtuam-se, estiolam, acabam por morrer. Veja-se o que aconteceu em Portugal onde existem tradições marionetísticas que vêm, pelo menos, do século XVIII e que têm apresentado manifestações de extraordinária beleza (basta pensar nos Bonecos de Santo Aleixo). No entanto, o teatro de marionetas é, em Portugal, menorizado, visto como um primo afastado que de vez em quando visita a família (teatral). O que se passa, por exemplo, com o Museu da Marioneta criado pelas Marionetas de São Lourenço é elucidativo a esse respeito.

Talvez não seja mau mesditar-se um pouco nisto, ainda por cima, num momento em que, como sempre, os ataques ao socialismo redobram de violência e de esperteza (saloia, sem ofensa para os ditos).

Na exposição do CAM, excelentes exemplares de «marionetas», fotografias, maquetas de cenários que demonstram o carácter vanguardista que este género tem atingido na Checoslováquia e que aparentemente não fica a dever nada ao outro teatro. Uma mostra quantitativamente pequena mas abrindo portas para horizontes qualitativos e também quantitativos insuspeitados.

O espectáculo **O Violino Mágico,** de Jiri Jaros, também encenador tem dezenas de figuras em cena manipuladas por nove artistas (o grupo é constituído por 80 elementos:). Trata-se pois de um espectáculo grandioso com cenários múltiplos em movimento, de que é autor Karel Hejcman. O espectáculo conta uma história fantástica que aproveitou certamente elementos de histórias tradicionais.

No centro da história um violinista e um amigo, tocador de gaita-de-foles, que fazem a felicidade de uma aldeia onde os jovens gostam de dançar e de beber cerveja. No castelo foi anunciado que a princesa Marqueta vai escolher o noivo. Entre os pretendentes, mais ou menos tontos, surge Voito, o violinista. Mas é o diabo, no entanto, que leva a princesa para o Inferno, o que está certo porque a princesa era um bocado diabólica. Os pretendentes vão tentar salvar a princesa, por um percurso naturalmente complicado, cujas provas só Voito consegue passar depois de ter encontrado, em sonhos, a rainha das Fadas. Entre essas provas, a mais difícil foi a do Espírito das Águas que se transformou no cavalo verde.

No Inferno estão no auge os preparativos do casamento da princesa com Belzebu em pessoa, salvo seja, casamento que a princesa, já arrependida da sua maldade, repele. Até que chega Voito e resolve o caso, graças ao violino mágico, conquistando assim a mão, e o resto, da linda menina. Na aldeia, dança-se e bebe-se outra vez, camponeses e apaixonados.

A história é narrada e interpretada em português, sendo de realçar os aspectos didácticos mas também burlescos que o texto revela, embora talvez numa tradução não tão interessante como se desejaria.

Mas o que há de formidável no espectáculo é a qualidade dos bonecos, a sua movimentação individual e colectiva, ou seja, a qualidade do espectáculo em termos cénicos, e em termos de expressão, em termos de comunicação.

A graça, por um lado, a coerência estética, por outro, a capacidade técnica, por um terceiro, são razões que justificam plenamente o sucesso que o espectáculo alcançou as crianças e os adultos que enchiam a sala do CAM. A Sofia, baseando-se no facto de nós às vezes repetir-nos os espectáculos, queria voltar lá: adorou, positivamente.

Escultura de Moreira na Galeria Tempo

Inaugura-se às 22 horas do próximo dia 17, quarta-feira, na Galeria Tempo (Rua Nova de S. Mamede, 17-A, Lisboa) uma exposição de gravura e escultura da autoria de Moreira.

O autor, nasceu em Sarzeda, Viseu, em 1953. Após estudos liceais frequenta a Escola Superior de Belas-Artes. Expondo a partir de 1982, apresentou-se já em Cadaquez (Espanha), na ESBAL, Academia dos Açores — Ponta Delgada, na III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, na Exposição de Novos Escultores, em Évora, e Escultura nos Jardins do Porto, uma organização da Secretaria de Estado da Cultura.

Expôs individualmente, em 1985, na Academia dos Açores e no Museu Grão Vasco, de Viseu. Distinguido com um prémio pelo Centro de Cultura de Évora, em 1986, está representado no Museu Grão Vasco e em colecções particulares no País e no estrangeiro.

Acerca d seu trabalho, escreve Edgardo Xavier, em texto de abertura do catálogo: (...) «Moreira escolhe a pedra certa para o sonho que o coupa. Muitas vezes, a opção exige sacrifícios ciclópicos na extracção e no transporte, antes que o diálogo e a luta sejam possíveis. Crescendos de amor e raiva têm por limite a exaustão e a chaga viva nas mãos engrossadas de calos. A ideia, porém, essa continua a magoar o escultor, combustando-o numa febre que só termina quando, cobrado o seu preço, a rocha admite a carícia final.

«Inquietação, sensualidade e força são os principais vectores de José Manuel Moreira dos Santos, na actual fase da sua obra. As suas deusas são matronas entroncadas e serenas cujo rosto ausente lhes acentua as formas do corpo parideiro. Guardam o fogo e acopanham o pascer do gado mas, tal como a Vénus de Willendorf de quem são filhas, a sua lei é procriar e dar fecundidade, tanto às fêmeas como aos campos, fechando um ciclo no qual a magia nasce do sexo e nele se prolonga para divinizar os homens.»

Esta «mostra» estará patente ao público das 14 às 20 horas, de segunda a sábado, até 7 de Janeiro de 1987.

Quarta Antologia de Poesia Portuguesa

Encontra-se ainda em preparação a IV Antologia de Poesia Contemporânea, que, à semelhança dos últimos três anos, será editada em Janeiro.

Tem sido crescente o número de autores antologiados. Enquanto em 1984 a I Antologia contou com 22 autores e a segunda com 43, o livro deste ano — a III Antologia — apresenta 64 autores para uma tiragem de 2 000 exemplares, já esgotados. Uma pequena bola de neve que se começou a movimentar e não pára de crescer.

De periodicidade anual, esta obra pretende ser uma homenagem a todos aqueles que em todo o Mundo se exprimem através da poesia.

Um diálogo entre o homem e a vida expresso nas suas diferentes vivências, culturas e sensibilidades. Um florilégio de poemas dos nossos dias para que a estrela da poesia nunca deixe de refulgir na galáxia da nossa existência.

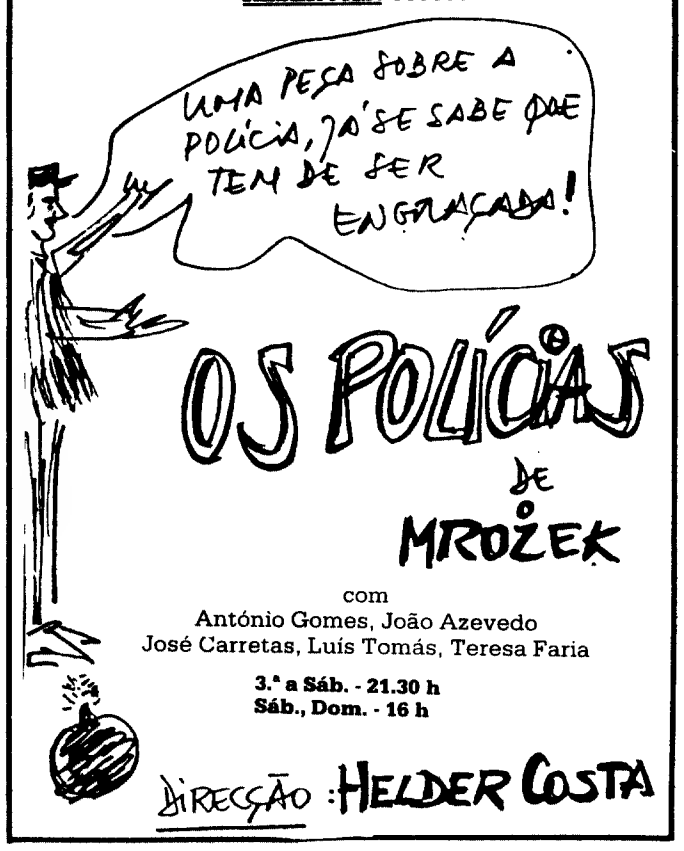
O editor, Luís Filipe Soares, também poeta, entre outras actividades, conta com vários poemas publicados em revistas e jornais de norte a sul de Portugal e do Brasil, em Jogos Florais foi premiado e noutros elementos do júri, na Sociedade de Língua Portuguesa fez em Outubro/85 uma exposição da sua poesia, prefaciou o livro de poemas «Entre Lótus Desfolhados» de Linda Martins e organiza anualmente o maior espectáculo que, em termos de tempo, se faz no nosso país — a Maratona de Variedades (12h. ininterruptas de música, poesia, teatro e dança), realizada a primeira este ano no dia 11 de Janeiro no Teatro da Trindade. A segunda será no dia 10 de Janeiro próximo no mesmo local. Para apresentação da Antologia de Poesia Contemporânea, organiza a Festa da Poesia. A deste ano realizou-se recentemente no passado dia 18 de Outubro no Teatro de S. Luiz, tendo contado com o apoio da C.M.L.

A Antologia de Poesia Contemporânea é para muitos a única saída para a concretização do seu grande sonho: a publicação em livro da sua poesia. Neste país de poetas quantos e quantos poemas adormecem numa gaveta do esquecimento. É um acordar de esperança para todos os poetas contemporâneos — desde que tenham um mínimo de qualidade — a oportunidade de figurar na Antologia agora em preparação.

Para mais informações contactar o editor através do telef. 64 66 22 ou o Apartado 21208 1131 Lisboa Codex.

A BARRACA

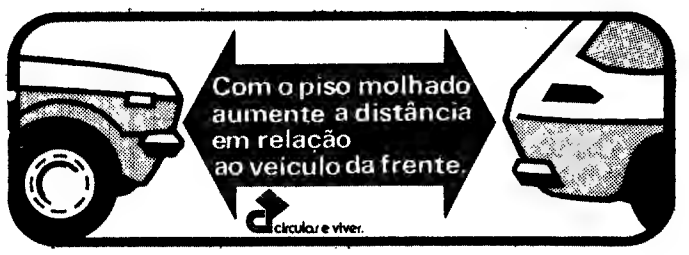
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomás, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

DIRECÇÃO: HELDER COSTA



Crónica de Touros

Felicidade não tem história

Solilóquio

Praça de Touros de Aracena. Domingo, 26 de Outubro de 1986.
Touros de Jandilla para Tomás Campuzano, Espartaco e Lucio Sandin.

— «Padre.» — chamou Espartaco, quando tocou a matar, e do moço de espadas recebeu o estoque e o engano. Ao chamado do filho, avançou Espartaco-pai até à trincheira: mas como Juan Antonio não se aproximava das tábuas, teve de saltá-las, ir recolher na arena o brinde sorridente e comovido do seu rapaz, e também a ovação que com o abraço se fundia. Aquela ia ser para o jovem 'Espartaco' a última faena da temporada. Uma temporada em que, repetindo o sucedido na anterior, dentre todos os matadores foi ele quem mais toureou, 88 tardes: e também, de longe, aquele que mais orelhas cortou, 162, fora o resto. Sempre à custa de arrimar-se, todas as tardes, sem se preocupar que tenham os floreados que as minorias esperam da sua condição de andaluz. Espartaco, como escreveu certa vez, nas páginas de «El Pais», o fino humor de Joaquim Vidal, suspeita-se que seja um sevilhano do Norte da Noruega: mas isso pouco lhe importa, porque a sua meta é dar passes (arrear passes, como diz o toureiro), e triunfar todas as tardes. E são muito raras aquelas em que não corta orelhas. Uma produtividade de espanto, em vias de ser confirmada ali, em Aracena. E de que maneira.

Vestido de azul e negro, como se ouro no traje não fosse preciso, Espartaco recebera esse touro quinto com uma larga afarolada de joelhos, depois vibrara nas verónicas, apressara os tercios de varas e bandarilhas. E agora o Jandilla estava ali, mais carregado de nobreza que de quilos, esperando que Espartaco o chamasse, para honrar o brinde a seu pai, fazer a faena talvez de sua vida, ainda breve e já não sei quantas vezes centenária de corridas. E de joelhos na arena esperou o touro, em alarde de antecipado triunfador. Como de joelhos foram os adornos finais. E antes deles a luzida e valente alegria de tantos passes. E depois deles o remate imponente, fechou o alegre sorriso para se concentrar na estocada, citando a receber, parecia-nos ouvir o deslizar do aço da espada, abrindo na carne que avançava seu caminho, até ao punho. As duas orelhas, depois o rabo, por fim a pata — e não se cansava o público de pedir, de aplaudir. Aplaudia também o touro, à volta da arena lhe arrastaram a vencida nobreza, vencedor era o toureiro. Se este Espartaco não existisse, fazia falta que alguém o inventasse.

Espartaco-pai seguira a faena com os olhos inundados de medos, de alegrias, do orgulho de ver realizado aquilo a que nem seus próprios sonhos se tinham atrevido, ao deixar em moço a sua terra sevilhana de Espartinas, onde também iria nascer seu filho. Antonio Ruiz Rodriguez quis trocar pelo risco das arenas o destino vulgar de família camponesa e pobre. E decidiu-se a ser novilheiro, ganhou e fez repetir contratos, nome de Espartaco espalhou, e fez chegar a Madrid, onde se apresentou a 6 de Setembro do ano 62, com gado de Barcial, no cartaz dessa tarde figurava por sinal um português, que no valor lhe pedia meças, o Armando Soares. Mas quando chegou a hora da alternativa de Antonio Ruiz, em 1966, na praça de Huelva, já o doutoramento não ia ser remédio para a carreira que descia, se apagava: por três tardes se picou nessa temporada, outras tantas foi o que conseguiu na seguinte, e uma só vez se vestiu de toureiro no ano de 1969, em que o silencioso deixou as arenas, apagando o sonho que em seu filho se iria fazer verdadeiro. Agora, Antonio Ruiz sentia esse cúmulo de felicidade que todas as tristezas pagava e fazia esquecidas, vendo seu filho rematar em beleza o ano afortunado, sentindo ao mesmo tempo o alívio da chegada, sem desgraça, da pausa que até à próxima temporada se fazia no dia vivido entre mortal perigo. Abatido estava o último Jandilla, e Espartaco-pai não precisou que Juan Antonio o chamasse, correu a agradecer-lhe o brinde, em abraço molhado pelas lágrimas que a emoção não deixava conter. E depois, como se aquele território não mais lhe pertencesse, apressou-se a saltar com invejável ligeireza a trincheira, a deixar a arena onde seu filho chamava o maioral da ganaderia, e a gente da sua quadrilha, pelos picadores e bandarilheiros distribuía os trofeus conquistados, para que com ele os passeassem triunfais à volta da arena, antes de no meio do redondel recolherem a ovação final, a que os obrigava seu jovem agradecido maestro.

A felicidade não tem história. Daí que não tenha história esta feliz corrida de Aracena, que a Rádio Sevilha patrocinou. Muitos a dirão histórica, era ver o ar de fim do mundo com que corriam atrás dos matadores, levados em ombros pelas ruas da terra das grutas das maravilhas, apagadas neste dia por outras maravilhas que os vizinhos contavam e não acabavam, era como se afinal pudesse haver bela sem senão. A entrega de Tomás Campuzano, o valor que Lucio Sandin acrescentou ao seu bom gosto, da colhida se levantando sem olhar o puntazo, nota trágica na alegria do festejo, juntaram-se à apoteose popular de Espartaco. Tudo a pedir de boca: do precioso curro de Jandilla, remendado com dois Marcos Nuñez mais ou menos potáveis, só um dos touros sofreu para morrer um pinchazo prévio: o resto foram seis estocadas, e todas sem precisão de um único «descabello», nem que fosse para amostra. E todos arrastados sem as orelhas. E além das doze orelhas, mais quatro rabos e uma pata lhes cortaram. E a juntar a tanto trofeu, também o dilúvio de prendas que das alegres bamcadas choviam, davam para montar supermercado, coelhos, pães, sacos com nozes, peças de vestuário, vinhos diversos, chapéus, bengalas, charutos, flores.

E toda esta euforia acontecendo em tarde maravilhosa de Outono, numa praça repleta, pequena e branca, cravada na serrania, em meio do encanto de um «pueblo» andaluz, que na alegria da festa de touros se sentia o centro do mundo, e à volta as árvores e os campos, a perder de vista, até onde a terra se acaba, e a felicidade não chega.

"Noites tranquilas" no Loucuras hoje com Vitorino

As noites de «Loucuras Tranquilas», no Jardim Cinema Loucuras, continuam hoje com um espectáculo de Vitorino, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória.

Depois de duas noites no Coliseu, onde Vitorino surpreendia todos pelo convite feito a Tony de Matos para participar no concerto, o cantor do Redondo volta a apostar na novidade, apresentando-se agora no Loucuras para, durante 25 minutos, reviver canções antigas. «Não pergunto onde vou, os caminhos nunca acabam»: era assim que, em 1975, Vitorino descobria o jogo, logo no seu primeiro Lp a solo, «Semear Salsa ao Reguinho».

Em cada quinta-feira, para além das actuações dos cantores, o público é convidado a dançar «à antiga» ao som da fabulosa Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, dirigida pelo maestro Jaime de Oliveira, alternando com o bom gosto do «disc-jockey», 'especialista' em música dos anos 60.

Na próxima quinta-feira, o Loucuras é abrilhantado pelo «show» de António Calvário.

Roteiro Cultural

Uma pintura de Albertina de Sousa, patente no Clube 50 até 14 de Janeiro

Exposições

• No Clube 50 - R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º - patente uma exposição de Pintura de Albertina de Sousa. Até 14 de Janeiro, de terça a sexta das 17,30 às 20,30 e aos sábados das 15 às 20 horas.

• Ainda no Clube 50, também até 14 de Janeiro e no mesmo horário, pode ver uma mostra de Gravura da autoria de Ana Galvão.

• Desde ontem à tarde no átrio do Palácio Foz, a exposição «10 de Dezembro : Dia Mundial dos Direitos Humanos - Amnistia Internacional : 25 Anos», organizada pela secção portuguesa da Amnistia Internacional.

• Na Galeria Lapub da Figueira da Foz, é inaugurada amanhã, pelas 19 horas, uma exposição de Pintura de Guilherme Parente, no âmbito de um ciclo de Arte Contemporânea. A mostra está patente na referida galeria - Rua D. Luís I , Bloco B-2 r/c- até 8 de Janeiro, de segunda a sexta das 16 às 19 e das 21 às 23, sábados e domingos das 16 às 19 horas.

Musica

• No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, realiza-se esta noite, pelas 21,30, o concerto do violinista austríaco Thomas Zehetmair, com o maestro Raymond Leppard, que interpretam obras de Rameau e de Beethoven. Este concerto será repetido amanhã, com o mesmo programa, às 18,30.

• No auditório do Ateneu Artístico Vilafranquense, no próximo domingo pelas 16 horas, a Comissão pela Paz e pela Vida do Concelho de Vila Franca de Xira promove «Um Concerto pela Paz». No programa consta «Saber Ouvir Música» com o maestro José Atalaya - vida e obra de Lizt no ano do seu centenário; Música ao vivo pela Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense sob a direcção do maestro Araújo Pereira com obras de Mozart, Boieldieu, Verdi, Beethoven. A entrada é livre.

Conferências

• Na próxima terça-feira, dia 16, terá lugar na Caixa Económica Operária - Rua da Voz do Operário, 64-2º, um encontro com o jornalista Carlos Pinhão. Este é o oitavo encontro que a Caixa Económica promove, no âmbito dos seus «Encontros na Caixa», iniciativa que tem como objectivo dar a conhecer de perto personalidades da vida pública portuguesa, significativas nas várias áreas da Cultura. Recorde-se que, nos anteriores encontros, estiveram na Caixa Económica Operária Augusto Abelaira, Glicínia Quartin, Emídio Santana, José Mário Branco, João Martins Pereira, José Mariano Gago e Jorge Silva Melo.

Teatro

• No Instituto Franco-Português - Av. Luís Bivar, 91 - o Grupo «Teatro da Rainha», das Caldas da Rainha, apresenta «O Herdeiro de Aldeia» de Marivaux. Esta noite, amanhã e depois às 21,30, sábado também às 16 horas, domingo dia 14 só às 16.

Livros

• No Solar do Vinho do Porto, esta tarde (18 horas), o poeta José Manuel Capelo lança em simultâneo três livros da sua autoria, «Eu Nasci Amanhã», «Cântico Suspenso» e «Rostos e Sombras», este último com capa de LUD e dedicado à memória de Raul de Carvalho.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Shopping Center de Lisboa

Apolo 1
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maioes 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Apolo 2
ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
T4, 16,30, 19, 21.30 e 24 h

Apolo 3
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
A FORÇA PARA UM INOCENTE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24 h

Avila
— T. 539930

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

A MINHA MULHER AGUARDA-TE... ADORO A TUA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358

COCKTAIL SEXUAL
(int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ARMADORES E PERIGOSOS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cineboloco
— T. 556824

MAUSOLÉU
(m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
N.º 1 DO SERVIÇO SECRETO»
(Int. 13 anos)
24 h

Cinebolso
NOITES SUECAS
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
23.45 h

Cine Camões
T. 324194

A SERPENTE VERMELHA
(Int. 18 anos)
14,15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
LUA DE MEL COM FANTASMAS
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
REVOLUÇÃO
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

ARMADOS E PERIGOSOS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A VIDA DE RYAN
(n/acons. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

PONTO DE IMPACTO
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

MAD MAX — AS MOTOS DA MORTE
(m. 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

BECO SEM SAÍDA
(m. 12 anos)
Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

A DESFORRA
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
A LENDA DA FLORESTA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Sala 2
INOASÃO EUA
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

HEAVY METAL — UNIVERSO EM FANTASIA
(Int. m 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS VENTOS DO HOLOCAUSTO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134

ENCONTRO NA ESCURIDÃO
(m. 12 anos)
15:15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
DUELO MORTAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A FIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

LOUISIANA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

A VINGANÇA DO LEOPARDO
(Int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
AS 1001 NOITES EROTICAS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933

O JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

COMANDO LEOPARDO
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
CONFRONTO
(m. 16 anos)
23.30

Sala 2
INTRIGA EM FAMÍLIA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CLASSE
(m. 16 anos)
24 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS (m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
(m. 16 anos) 23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS RICOS E OS POBRES
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

BORRACHO CHOQUE... PARA MENINA CHIQUE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

COMANDO LEOPARDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
—T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

SCARFACE — A FORÇA DO PODER
(m. 18 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
T. 368480

O CLUBE
(m. 12 anos)
15.30 h

Xenon
— T. 368480

ASSALTO AO PARQUE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Top Gun – Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «A Difícil Arte de Amar», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Momento da Verdade II», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Conspiração de Londres», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Fábrica das Loucuras», às 21.30 h (m. 6 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Momento da Verdade — II», às 15.30, 18 e 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «A Fúria do Heroi», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 17.00 e 21.15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Os Inimigos», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. men. 18 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Difícil Arte de Amar», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Gansos Selvagens», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Paplova — Uma Mulher para Sempre», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Fix — Efeitos Mortais», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)
Sala 2 —«Saudades para D. Genciana», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 16.00 e 21.30 h (m. 12

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Top Gun — Ases Indomáveis», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «O Caça Polícias», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Difícil Arte de Amar», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Acto de Vingança», às 16.15 e 21.45 h (m. 16

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Rei da Comédia», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «A Última Canção», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Esses Terríveis Amores», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Academia de Génios», às 16 e 21.00 h (m. 12 anos).

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C[illegible], 83-A (T. 634721); [illegible]: **Senex**, Av. da Igreja, [illegible] 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carro[illegible]**, R. Padre Sena Freitas, 10-A [illegible] 842518); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882968); **ALCÂNTARA: Bairrão**, R. [illegible]ior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra**, R. Andrade, [illegible]36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 878269); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **CHELAS: Almeida Vaz**, R. Luís Cristino Silva, lote 248, loja 92, zona n.º 2, R. Pardal Monteiro (T. 85[illegible]073); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519931).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fuzileira Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 2600087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaco, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, S. Brás lote 116 (T. 4949050). Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**AS CADEIRAS**», de Ionesco. Intérpretes: Ana Themes, Augusto Portela, José Carlos Monteiro e Graça Afonso.

Praça de Touros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feridos às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Coliseu

Tel. — 36 19 97

Todos os dias da semana, às 16.00 e 21.30; domingos e feriados, às 14.30, 17.30 e 21.30; dias de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

CIRCO DO NATAL

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**», de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA", de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

De 3.ª a sáb. às 21.00; domingos só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**» de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Interp.: Rui Mendes, Júlia Correia, Julia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Breia, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Teatro de «O Século»

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**MEMÓRIAS DE UM CORPO**», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalheiro. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**O JOGO DO AMOR E DO ACASO**», de Marivaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Intérpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Óscar Branco, Rosa Quiroga e Teresa Nunes.

Teatro Mazom — Casa dos Fabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«**A RUA DOS FANTASMAS**», de Javier Vallafañe.

Circo Cardinali

P. de Espanha

Todos os dias, às 21.30; 5.ª e sábado, às 16.00; domingo e 2.ª, às 15.00 e 17.30

Circo português, 14 atracções internacionais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Variedades

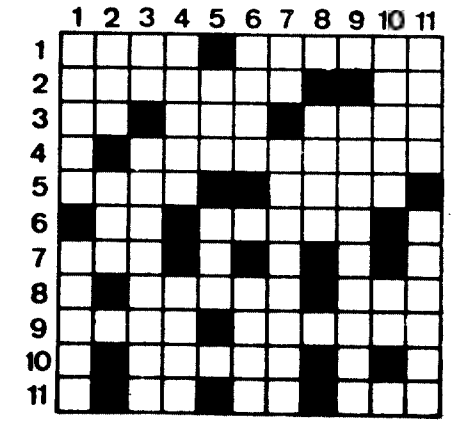
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 905



HORIZONTAIS:

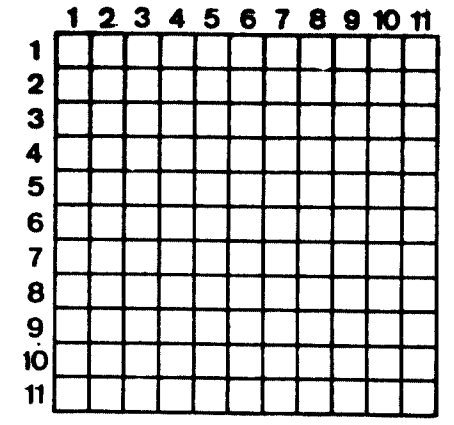
1 Criada de servir. Sombrio.
2 Lauto. O mais.
3 O mesmo que uma (ant. e pop). Casta.
4 Gostaram d.
5 Vela de moinho. Metal precioso de cor amarela.
6 Letra grega. Árvore indiana de fibras têxteis.
7 Tens.
8 Sobe a. Tomba.
9 Dai mio. Transferis para outro dia.
10 Pista.
11 Campeão. Ósmio (s.q). Rio de Portugal.

VERTICAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Beja. Ser humano.
2 Capa sem mangas. Senhora.
3 Cento e um em romano. Sustentara.
4 Some. Esteiros.
5 Oásis. Pronome relativo.
6 Ressoa. Ave palmípede.
7 Letra grega. Nome de uma casta de uva preta (pl).
8 Carril, calha de ferro.
9 Aventurara.
10 Calcanhar. Nesse lugar.
11 Prendem com elos. Vive.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 734



HORIZONTAIS:

1 Avidez.
2 Transferias para outro dia. Três consoantes que representam uma droga muito forte.
3 Érbio (s.q). Espécie de tafetá grosso e ondeado.
4 Lugar onde se guardam ossos.
5 Vila e concelho do distrito de Viseu. Íntimo.
6 Terra nova e arroteada de fresco. Cobalto (s.q).
7 Rádio (s.q). Viração. O sono das crianças. Moderato.
8 Preposição. Desanimes .
9 Adicionam. Quarto. Solitário.
10 Bigorna de aço sem hastes. Metal precioso de cor amarela.Manuscrito.
11 Antes do meio-dia. Emprega. Transpira.

VERTICAIS:

1 Autores. Mãe pouco carinhosa.
2 Preposição. Levam à toa.
3 Esbelta. Cidade da Alemanha.
4 Vossa alteza. Nome de mulher.
5 Alcançaremos com a vista.
6 Rádio (s.q). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Seguia.
7 Entusiasmo arístico. Região do Oriente onde Salomão mandava buscar oiro.
8 Nesse lugar. Modilhão (pl).
9 Alpendre (prov).
10 Nota musical. O mesmo estado.
11 Espera deferimento. Permeáveis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 904

HORIZONTAIS:

1 O. DINHEIRO.
2 Dama. Sras.
3 Caí. Aporta.
4 Elmos. Aro.
5 Gaita. NS. És.
6 Atear. Heli.
7 Loa. OC. RR.
8 Cá. Urso. Ao.
9 Avós. Úa.
10 Irara. Sia.
11 Assassinado.

VERTICAIS:

1 CEGA. Ca. A.
2 Dalat. Avis.
3 Daimiel. Ors.
4 Im. Otão. Saa.
5 Na. Sarau. Rs.
6 Ruas.
7 Espinhosa.
8 Iró. Seco. SN.
9 Rara. Caa.
10 Ostreiro. Id.
11 Aos. RAZÃO.

PROVÉRBIO: O dinheiro cega a razão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 733

HORIZONTAIS:

1 Massais. Som.
2 Amainais. Ra.
3 Sola. Ordens.
4 Sras. Lot.
5 Ao. Sagan. Ui!
6 Ms. Eva. Os.
7 Eos. Imoral.
8 Sonsa. Tuas.
9 Bato. Elga.
10 Arrua. Cá. Ab.
11 Imãs. Morara.

VERTICAIS:

1 Massame. Tai.
2 Amorosos. Rm.
3 Salá. Sobra.
4 Siasse. Naus.
5 An. Avista.
6 Ião. Gamão.
7 Síria. Co.
8 SD. Nortear.
9 El. Saul.
10 Ornou. Lagar.
11 Mastim. Saba.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.38**: Canções, sobre temas populares alemães, de Brahms; **17.00**: Integrais; **17.32**: Aberturas; **18.00**: «Suite Lírica», de Alban Berg; **18.40**: Solos de piano; **19.35**: Cantata «Eolo Apaziguado», de Bach; **20.18**: Concertino, n.º 2, em sol maior, de Carlo Ricciotti; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música instrumental; **21.30**: Música, de Wolfgang Amadeus Mozart; **22.30**: Música portuguesa; **23.00**: Música coral sinfónica; **00.00**: Música de câmara; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturo. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração: **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; **14.00**: Peça-nos em directo; **15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«A Família do Lago», «Mumi» e «Feira de Bonecos» - A Galinha Romântica.

18.55- Show Bis

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Direito de Antena

«MDP/CDE», «Associação Nacional de Correspondentes Bancários»

20.15 - Viver a Vida

19º Episódio: - Geraldo encontra Marly, cujo o aspecto não é dos melhores, fácilmente se apercebe de que o astral não é dos eleva - dos...Geraldo quer ser agradável para com a irmã e acaba por a deixar, prometendo ir no dia se - guinte à praia. Eduarda manda o carro a casa de Marcelo. O clima no jantar, apesar da presença de Henrique é agradável. Em casa Marly pensa em Henrique quando este lhe disse: Deixa a Ma - ria Eduarda saber disso, em Germana quando lhe perguntou ao telefone: É a Eduarda? A imagem de Eduarda não lhe larga os pensamentos. Bebe cada vez mais, dirige-se ao telefone. Na mesma altura Eduarda e Marcelo beijam-se. O telefone toca e Marcelo sabe que é Marly... Escuta uma coisa direitinho. Ou você vem aqui agora, ou eu apanho um táxi e vou para aí. Escolha. Deu-me a fome, entende? Eu aqui não tenho nada pa - ra comer e aí a comida deve ser de primeira. Marcelo fica lívido e Eduarda olha-o e espera. O olhar de Marcelo é tão carente que desperta pie - dade. Fica gago, vê-se que está confuso, Eduarda sorri e sai, num gesto de absoluta solidariedade humana. Marly continua a cobrar-lhe de forma leviana, ajudada pelo excesso de uísque a que não está habituada. O jantar em casa dos Sabo - ya decorre bem. Marcelo conta a Eduarda que a ex-namorada ameaçou de ir lá fazer escândalo ou de se matar. Eduarda dá-lhe ânimo e ela própria o leva no carro para ele falar com Marly.

21.00 - Europa

21.30 - Face a Face

Com D. António Ferreira Gomes

22.00 - Kane e Abel

3º Episódio: - Abel, apesar de ter começado a sua vida nos Etados Unidos apenas com 40 dólares, consegue subir, melhorando a sua si - tuação, graças ao seu esforço e a um extraor - dinário sentido de negócios. David Leroy, pro - prietário de uma cadeia de hotéis, fica impres - sionado com o seu trabalho e começa por con - vidá-lo para seu assistente, acabando depois por lhe dar sociedade. Mas quando surge a grande crise de 1929, a cadeia hoteleira fica arruínada.

O Banco Kane-Cabot, pertencente à família de William Kane e do qual ele se tornara administrador, tem uma hipoteca sobre a cadeia hoteleira e decide então executá-la. É, aliás, o próprio Kane quem exige que o prazo seja cumprido, recusando-se a conceder as prorrogações suplicadas por Abel. Leroy, o amigo e sócio de Abel, suicida-se, vencido pelo drama da falência iminente. Abel jura vingar-se de Kane.

Intérpretes: - Peter Strauss, Sam Neill, Ron Silver, David Dukes, Fred Gwynne, Tom Byrd, Alberta Watson, Kate McNeil, Veronica Hamel.

Realizador: - Buzz Kulik

23.05 - 24 Horas

23.35 - Remate

Às 22 horas no 1.º canal o 3.º episódio de «Kane e Abel»

«Uma Família às Direitas» no 2.º canal às 20.30 h

RTP 2

15.02 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Fama

Nicole, depois de ter sido entrevistada num dos notíciarios da manhã, recebe uma carta de um jovem prisioneiro, cujo conteúdo desperta nela grande curiosidade. Decide então visitar o seu autor e descobre que se trata de um talentoso compositor!

17.30 - Programa da Infor - mação

18.00 - O Mundo Selvagem

18.30 - Estádio

19.30 - Do Paleolítico ao Romano

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

20.30 - Uma Família às Di - reitas

21.00 - Jornal das Nove

21.35 - A Quinta do Dois

23.30 - Contas Claras

23.35 - E de Ler

«Contos» de Leopardi

Amanhã

RTP 1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Viver a Vida
20.55 - Este é o Meu País
21.10 - Xailes Negros
22.10 - Hitchcock Apresenta
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate

RTP 2

15.02 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - O Mundo Selvagem
17.00 - Do Paleolítico ao Romano
17.30 - Programa da Direcção de Informação
18.00 - Fama
19.00 - Estádio
20.00 - Notícias
2o.05 - 5ª Dimensão
2o.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Programa da Direcção de Informação
22.30 - O Bravo Soldado Schweick
23.30 - Uma Boa Ideia
23.40 - E de Ler

AOS CONDUTORES

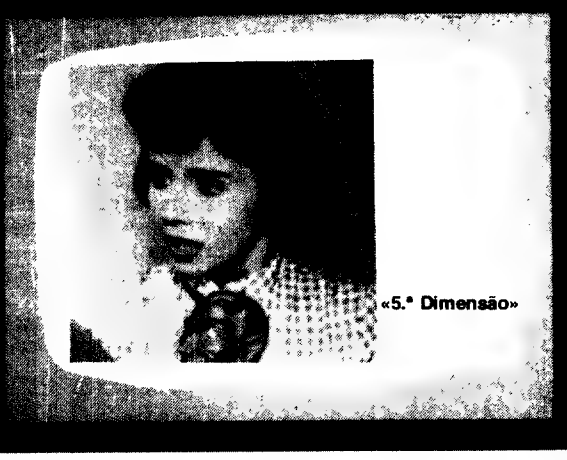
"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

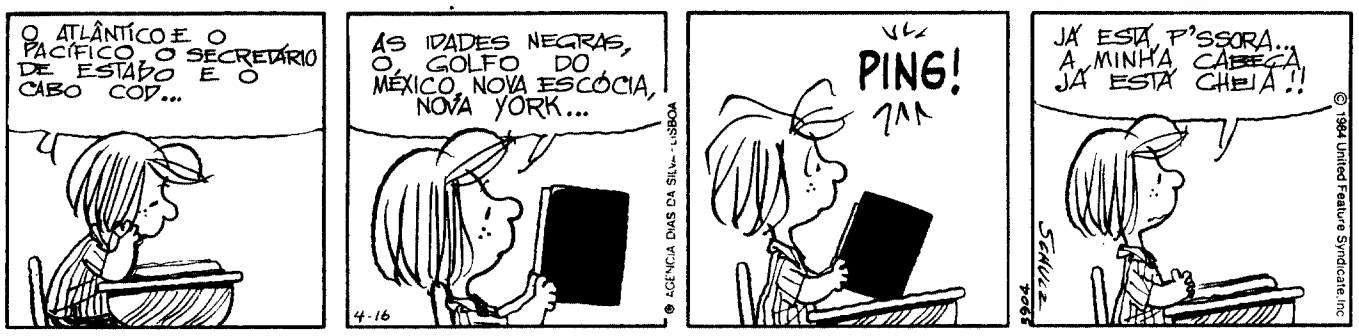
RTP 1 Face a Face

RTP 2 A Quinta do Dois



«5.ª Dimensão»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.42 **3,70 m**	05.17 **1,70 m**
	17.48 **1,60 m**
Dia 12	
00.15 **3,60 m**	06.07 **1,60 m**
12.34 **3,70 m**	18.28 **1,50 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	1º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	3º
PORTO	8º
COIMBRA	5º
CABO CARVOEIRO	9º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	8º
LISBOA	6º
ÉVORA	7º
BEJA	5º
FARO	10º
SAGRES	8º
PONTA DELGADA	12º
FUNCHAL	16º

OMS já registou 40 casos de SIDA em Portugal

A Organização Mundial de Saúde (OMS) detectou até agora 40 casos de Sida em Portugal, tendo sido contabilizados 3788 casos na Europa e 36539 em todo o Mundo, segundo um relatário agora divulgado à Imprensa.

O Síndroma de Imunodeficiência Adquirida (Sida) já foi detectado em 79 paises, enquanto 31 mantêm informações negativas a este respeito.

O país mais afectado pelo vírus, que provoca a morte a curto prazo por falta de defesas contra as infecções, são os Estados Unidos da América, com 27773 casos registados.

A seguir, mas com um número mais baixo, vem a França (997 casos), a República Federal Alemã (771), o Uganda (766), o Canadá (755), o Brasil (754), a Grã-Bretanha (548) e o Haiti (501).

O relatório da OMS manifesta uma preocupação especial com a situação da Sida na América Latina, embora a organização tenha registado apenas 926 casos na região. Contudo, a doença já afecta 11 dos 13 paises do hemisfério, sendo o Paraguai e a Guiana os únicos membros poupados.

O Brasil, com 754 casos, representa 81 por cento dos casos detectados na América Latina.

A União Soviética disse não ter detectado qualquer caso, mas paises vizinhos como a Checoslováquia, com cinco casos, a Polónia, com um, e a Jugoslávia, já estão no rol dos atingidos.

A propósito, asinale-se quie Portugal é um dos únicos paises da Europa onde ainda não de desencadeou uma campanha pública de prevenção e conselhos a propósito deste mal. Mesmo na vizinha Espanha esse princípio já foi adoptado, tendo mesmo o apoio da municipalidade de Madrid, entre outros e a colaboração da Imprensa.

Eurico de Melo escolhido para superpolícia

Continuação da pág. 1

De acordo com o preâmbulo do diploma trata-se de «aperfeiçoar os mecanismos de coordenação das várias forças e serviços com funções de segurança interna», em face do «agravamento da situação no que respeita ao terrorismo internacional» e do «incremento de acções de natureza terrorista e de alta violência que se tem recentemente verificado também no plano interno».

Até ao momento ainda não surgiram reacções oficiais a este reforço das competências de Eurico de Melo, mas fontes parlamentares da oposição sublinham desde já que «a referência ao incremento do terrorismo interno, como justificação da resolução, não tem qualquer fundamento».

Nos termos da resolução, a «autoridade para coordenação» consiste na «tomada de medidas destinadas à coordenação e cooperação das forças e serviços de segurança interna dependentes de vários ministérios, no âmbito do combate ao terrorismo e criminalidade de alta violência». O ministro de Estado terá inclusivamente a competência de determinar essas medidas sem concertação prévia com os ministros responsáveis por cada uma das forças e serviços «em casos de urgência, em que esteja iminente ou em curso uma acção ou operação». Nessas circunstâncias «as medidas serão imediatamente transmitidas à força ou serviço de segurança, devendo, logo que possível, ser sancionadas pelo ministro de quem a força ou serviço depende».

Finalmente, a resolução afirma que o Ministro de Estado «considerará a possibilidade de, com urgência, estabelecer um Gabinete Coordenador de Segurança, que funcionará como seu orgão de apoio relativamente ao planeamento e coordenação, em situação inadiável, de execução das acções de segurança interna».

/D/E/C/A/R/A/S/

Leituras

ALMEIDA FARIA, cuja obra ultrapassou já as fronteiras do mundo literário português, acaba de publicar a 3ª edição do seu romance «Cortes». É o segundo de uma série de quatro romances que focam a vida de uma família portuguesa, «dividida entre o Alentejo e Lisboa, antes, durante e depois do 25 de Abril». A acção passa-se num só dia: 13 de Abril de 1974; um sábado de Aleluia, «A Paixão» (1965), «Cortes» (1978), «Lusitânia» (1981), «Cavaleiro Andante» (1983), marcam a afirmação incontestável de um grande escritor. Esta 3ª edição de «Cortes» é da editorial «Caminho».

DUSAN VUCIC é o novo Embaixador da República Socialista Federativa da Jugoslávia em Portugal. Natural de Kasidol (Sérvia), Dusan Vucic licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito de Belgrado. Foi um colaborador de Eduardo Kardeli, o grande teórico da autogestão e companheiro próximo do Predidente Tito. Desempenhou funcões no Gabinete de E. Kardeli e no Comité Central da Liga dos Comunistas na República da Sérvia. Nos últimos anos, antes de ser designado Embaixador em Portugal, exerceu a função de Chefe de Gabinete da Presidência da R.S.F. da Jugoslávia.

PLACIDO DOMINGO, tenor espanhol, actua pela primeira vez em Bruxelas no dia 21 deste mês, no Palácio das Belas Artes, com um programa de zarzuelas. O diário liberal «La Derniére Heure» anunciava ontem o recital e chamava a Placido Domingo «o tenor mais famoso do mundo, para além de ser um homem de extrema sensibilidade». Domingo tem vindo a ser nos últimos anos um dos cantores mais apreciados da Europa, a par do seu compatriota Jose Carreras e do italiano Luciano Pavarotti.

DIAS DE MELO vai lançar no próximo fim-de-semana um novo livro nas ilhas do Pico, Faial e Terceira. O novo livro do escritor açoriano, intitulado «Uma Estrela nas Mãos do Homem», trata de temas de Natal e foi publicado pela única editora privada existente na região, a empresa proprietária do jornal de artes e letras, «Signo». Dias de Melo é autor de uma vasta obra em que a temética do mar e da terra está sempre presente.

D. JUAN DE BOURBON, conde de Barcelona, visita domingo em Lisboa, na Doca da Marinha, a réplica da nau «Trinidad», do actor de cinema António Vilar - soube a agência NP. O convite formulado pelo Chefe de Estado Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, foi aceite pelo conde de Barcelona, aproveitando a sua deslocação a Portugal para inaugurar sábado, no Estoril, a rua que vai ter o seu nome.

ANTONIO JANEIRO, sindicalista que faleceu este ano, passará a figurar na toponimia de Lisboa a partir do dia 12, de acordo com uma resolução da Câmara Municipal de Lisboa, ontem divulgada. O nome de António Janeiro será atribuído à antiga Rua 9 do Bairro de caselas. A inauguração da placa com o nome daquele sindicalista assistem o presidente da Câmara de Lisboa, Nuno Abecassis, além de vereadores de todas as forças políticas representadas nesta instituição. A deliberação da Câmara foi tomada por unanimidade em 23 de Junho.

Nenhum acordo luso-cabo-verdiano durante a visita de Mário Soares

O secretário de Estado da Cooperação, Azevedo Soares, afirmou na Cidade da Praia que nenhum acordo será assinado entre Cabo Verde e Portugal durante a visita oficial de três dias que Mário Soares hoje concluíu àquele país africano.

Esteve prevista, inicialmente, a assinatura de um acordo cinematográfico para a realização de co-produções nos dois países, mas nem esse protocolo foi concretizado.

Segundo o membro do Governo de Lisboa, a parte cabo-verdeana introduzíu algumas alterações no texto e pretende agora que Portugal as analise «com calma» prevendo-se uma deslocação de uma delegação de Cabo Verde ao nosso país para tratar da questão.

Também saíu gorada a expectativa criada pela presença na comitiva do administrador da Gulbenkian e antigo ministro, Sá Machado, relativamente ao eventual apoio da fundação à restauração da fortaleza da cidade velha(antiga cidade de Ribeira Grande), a primeira cidade de pedra construída pelos portugueses em África. Nada foi discutido também.

Soares: agenda carregada

O PR, que hoje chega a Lisboa, tem amanhã uma agenda «farta». De manhã, recebe as credenciais dos novos embaixadores da Colômbia e da Suécia, ao meio-dia recebe a seleção de juvenis de hóquei em patins(campeã europeia), e almoça com a direcção da Associação de Estudante do Instituto Superior Técnico.

À tarde, Soares recebe a direcção e conselho artístico da Academia dos Amadores de Música que o vão convidar a associar-se à homenagem a Lopes Graça, na passagem do seu 80º aniversário. Mais tarde, membros da Comunidade Baha'is em Portugal, far-lhe-ão a entrega de uma mensagem de Paz.

A série de audiências termina com a ida a Belém da delegação da Assembleia Regional dos Açores, presente em Lisboa para debate do estatuto autonómico.

À noite, Soares janta em Belém com o ex- comissário da CEE, Edgar Pisani, presente em Lisboa para uma conferência sobre questões do desenvolvimento.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 283

O homem sem nome

De «O homem sem nome», escrito por João Aguiar, que acaba de sair na «Perspectivas e Realidades», publicamos um extracto, destinado a convidar os nossos leitores a deixarem tentar-se pelo texto. Antes, João Aguiar publicara já «A Voz dos Deuses».

I — OÁSIS

Era um deserto imenso. A sua aridez alastrava por planícies, montes e vales que um dia haviam sido férteis e agora eram dunas de areia branca, extensões de terra gretada e velhos leitos de rios secos.

Com o rolar dos anos, por cima deste deserto o céu transformara-se numa chapa de aço azul que duplicava o calor e a luz do Sol. Isto acontecia sobretudo na Zona Central, onde não havia uma única planta nem o menor vestígio de animais. Na periferia, ainda era possível encontrar, de espaço a espaço, os ossos brancos de aves migradoras que se desviavam da rota e acabavam por tombar fulminadas pelo calor. Viam-se também esqueletos de grandes mamíferos selvagens, os kotys, que periodicamente enlouqueciam e se precipitavam para a morte em manadas inteiras.

Mas nem aves nem quadrúpedes atingiam o centro. O coração do deserto permanecia inviolado e assim se manteve durante milénios, envolvido em desolação e silêncio.

Ora, um dia, uma pequena sombra apareceu no horizonte e avançou bem pelo meio daquele horror mudo e ressequido. Se alguém pudesse estar ali, veria que essa sombra era um poeta ligeiramente contrariado, montando um cavalo também contrariado, embora por razões diferentes.

O poeta avançava pelo deserto e de vez em quando olhava à sua volta como se houvesse alguma coisa que ver além de céu e areia. Ao mesmo tempo ia considerando quais as razões de descontentamento — as suas ou as do cavalo — eram mais legítimas. Acabou por concluir, com certo sentido de justiça, que o descontentamento do cavalo era mais pertinente. Em primeiro lugar, o animal não sentira o menor desejo de se meter pelo deserto; depois, o calor era insuportável e o solo quebradiço dificultava-lhe a marcha. Para cúmulo, carregava no dorso o poeta e a sua bagagem.

Isto quanto ao cavalo. As contrariedades do cavaleiro eram só duas: esquecera-se de fazer provisão de água e não sabia onde estava o oásis mais próximo, nem sequer se havia algum oásis. Ele pesou todas estas considerações e disse em voz alta:

— Espero que não te importes muito com a falta de água. Foi um esquecimento.

O cavalo já não tinha forças para relinchar o seu protesto e ainda menos para alijar o dono com uma boa e merecida cangocha. Reflectiu, no seu foro íntimo, que era bem triste ser obrigado a aturar um poeta maluco no meio de um deserto. E orou com fervor: «Grande Alazão! Vela por este teu servo que caíu nas mãos de um idiota que não sabe para onde vai e, de qualquer maneira, não tem a mínima possibilidade de lá chegar!»

* * *

Agora o Sol transformara-se num enorme disco vermelho a descer sobre a linha do horizonte e a sua luz ensanguentada tingia as palmeiras.

Rashid estendeu no solo o tapete de orações em seda bordada. Antes de ajoelhar, respirou fundo procurando

Continua na pag. 7

«Crónicas Algarvias» (Manuel da Fonseca) ou o jornalismo sem censura

«CRÓNICAS Algarvias» é o novo livro de Manuel da Fonseca, que esta noite será publicamente apresentado por Baptista-Bastos, na presença do autor, na Assembleia Municipal de Faro.

A editora é a *Caminho* e estas Crónicas terão uma primeira edição de cinco mil exemplares. O livro está a ser aguardado com grande interesse, pois como afirma Baptista-Bastos — velho e grande amigo de Manuel da Fonseca, com quem ao longo dos anos tem passado incontáveis horas à conversa — «este alentejano é o maior contista da história da Literatura Portuguesa».

«Os contos de Manuel da Fonseca têm coisas imperecíveis» — sublinhou ainda B.B., com quem esta manhã falámos rapidamente sobre o autor das «Crónicas Algarvias». «Creio que ele é um indivíduo que não se toma muito a sério a si próprio, pessoalmente, como vedeta, mas toma muito a sério o seu trabalho. E no mundo literário, onde as coisas vão como se sabe, isso é uma referência muito importante. Manuel da Fonseca trabalha muito a sua prosa e, ao contrário do que alguns insinuam, não é preguiçoso. Ele anda sempre a trabalhar aquilo que escreve — e por isso há uma distanciação de anos entre cada livro que publica» — disse ainda, de um jacto, Baptista-Bastos, homem que tem muito orgulho em sublinhar ter sido quem «obrigou» Manuel da Fonseca a publicar *Um Anjo no Trapézio*, nos anos 60, quando o autor tinha muitas dúvidas quanto ao que devia fazer.

«Esse livro tem duas ou três obras-primas do conto português» — rematou B.B., não sem que antes nos tenha remetido para as «Crónicas Algarvias» que aí vêm e vão dar que falar. Mas afinal, que são essas «Crónicas Algarvias»? Manuel da Fonseca, que para o ano faz 75 lúcidas primaveras, responde:

«Sabe, há anos, trabalhava eu em 'A Capital'...»

»... Foi jornalista?»

«É verdade. Trabalhei aí no *DL* e saí para a *Capital* com o Mário Neves, quando este jornal nasceu. Mas trabalhei também na *República* e durante dois anos assinei com regularidade uma crónica no *Diário Popular*, chamada 'Pessoas na Paisagem'. Pois claro, fui jornalista...»

«Mas ia a falar nas 'Crónicas Algarvias'...»

«Exacto. Na *Capital*, enviaram-me ao Algarve, onde ande aí uns 18 ou 20 dias, percorrendo aquele litoral todo, de Vila Real de Santo António a Sagres. O turismo estava a ganhar força... Tudo o que vi fui contando. Ou melhor, nem tudo, pois havia a censura, lembra-se?, o lápis azul, isso, e, claro, tomei muitos apontamentos que depois não passaram para o jornal. Na altura o título desses trabalhos que fui fazendo era 'Viagem no Algarve'. Porém, agora toda a gente faz viagens e então resolvi mudar o nome. Peguei nesses textos, completei-os com o que na altura não foi possível publicar e chamei-lhes 'Crónicas', que é uma bonita palavra, antiquíssima, e que diz muita coisa. Estas 'Crónicas' têm, digamos assim, um sentido mais humano que turístico, embora eu tenha falado com muitos turistas e isso apareça, evidentemente. Mas a verdade é que gostei mais de ver os algarvios...»

Eis, pois, do que nos falam estas «Crónicas Algarvias» de Manuel da Fonseca, que explicou ainda a razão por

que a sessão de lançamento do livro se fará em Faro e não em Lisboa:

«Está a ver — Lisboa está cheia de sessões como esta. Todas as semanas há livros novos aqui na capital — e descentralizar um pouco é bom. Hoje em Faro, amanhã em Viana do Castelo, depois em Elvas, sei lá que mais. O País é um bocadinho mais do que Lisboa, embora Lisboa seja Lisboa, passe a ironia, que para mim é o sol da vida, da arte, da escrita.»

Ora bem: para lá destas *Crónicas* Manuel da Fonseca prepara-se para, em breve, publicar um romance, que, segundo Baptista Bastos, «é uma história ficcionada da grande revolta camponesa que houve no Alentejo». Disso falamos igualmente com Manuel da Fonseca que, muito simplesmente, se limitou a dizer que esse romance «é, de certo modo, a continuação da 'Seara de Vento'. Pelo menos tratará da mesma gente».

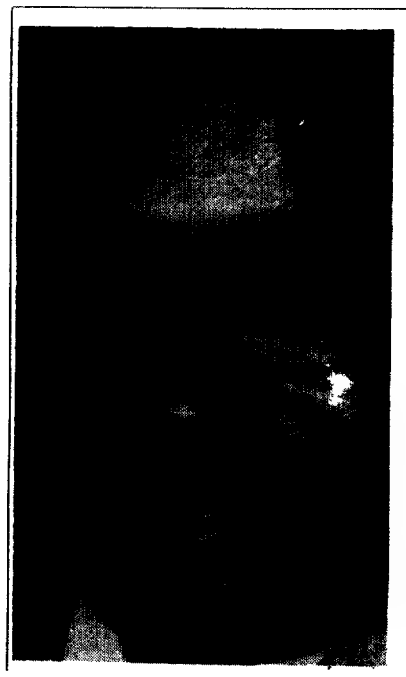
Quanto a título, isso é que é coisa mais complicada. «Ainda não sei como se chamará» — confessou Manuel da Fonseca, antes de acrescentar: «Eu quase nunca tenho nome para as coisas que escrevo. No momento próprio surgem, nascem. O título está lá — e ao ler, já com tudo terminado, então sim, o título aparece».

Resumindo: um romance sobre o Alentejo, afinal a região que lhe vai na alma e sobre a qual mais escreve. Contudo, Manuel da Fonseca faz questão de sublinhar que não escreve apenas sobre o Alentejo, pois Lisboa, onde vive e passou muito tempo da sua vida, também preenche a sua memória e o seu sentir. Aos oito anos já frequentava um colégio na capital, regressou depois a Santiago do Cacém, voltou a Lisboa onde andou vários anos no Liceu Camões, por aqui tem vivido sem, claro, jamais esquecer o seu Alentejo. E à conversa vieram os tempos no jornal «O Diabo» (primeira fase), onde Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Álvaro Cunhal, Mário Dionísio, Piteira Santos escreveram, entre muitos outros, como é bom de ver. Discorreu sobre peripécias com a censura (como Manuel da Fonseca sabe contar histórias:) e acabamos a falar, de novo, sobre jornalismo.

«Fui jornalista na medida em que um sujeito o pode ser... Escrevi notícias, traduzi do francês certas coisas, ocupei-me de assuntos diários, no «Diário de Lisboa» fiz durante vinte meses a secção 'De ontem para hoje'... Aquilo era muito dramático, as notícias que aí cabiam falavam de coisas tristes, de desgraças, e eu comecei a sorrir um pouco desse aspecto tão funéreo, pois penso que é necessário que as coisas não atinjam um dramatismo tão grade. Portanto, fui jornalista e conheci essa actividade por dentro. Agora também devo confessar que às vezes dou entrevistas e depois fico admirado com o que sai escrito, pois o que lá está não fui eu quem o disse, pelo menos na forma em que aparece... Mas isso não tem importância nenhuma. Se ser jornalista prejudica a actividade do escritor? Não, meu amigo, de forma nenhuma. São duas formas diferentes de criação. O jornalismo é uma alta arte e uma profunda reflexão sobre o homem. Hoje não podemos passar sem a comunicação diária, sem a informação, que nos traz, quase no mesmo instante, o que vai pelo Mundo. Nenhum escritor pode dispensar a informação — e praticar o jornalismo ajuda, é outro tempo de escrever, tudo se interpenetra. Há as notícias imediatas, talvez mais ligeiras — mas há artigo que vai mais fundo, que interpreta, que explica. E fazer notícias, fazer artigos, escrever em jornais não pode prejudicar o escritor. Para mim isso é claro.»

Manuel da Fonseca: logo à noite, em Faro, verá as suas «Crónicas Algarvias» apresentadas publicamente por esse grande escritor-jornalista chamado Baptista-Bastos. Aí se falará, certamente, desta questão apaixonante que é o binómio jornalismo-literatura. E as «Crónicas» aí estão, para o provar.

Ribeiro Cardoso



Sagrada Esperança, Agostinho Neto, ed. União dos Escritores Angolanos

JÁ está pronta e seguiu para Angola a edição da *Sagrada Esperança,* de Agostinho Neto, mandada editar pela União dos Escritores Angolanos. O livro é ilustrado por dez *gouaches* de António Domingues, com quem o «LerEscrever» publicou, em 14 de Agosto passado, uma extensa entrevista que viria a despoletar o interesse de outros órgãos de informação pelo trabalho do pintor

Os originais de António Domingues estão agora em Luanda, para uma exposição inaugurada em 10 de Dezembro (data do aniversário do MPLA), que marca igualmente o lançamento oficial do livro. Para o pintor, a ilustração de *Sagrada Esperança* significou um ano de profundo «mergulho» — a expressão é sua — na poesia do «poeta presidente» de Angola: na entrevista que concedeu ao «LerEscrever» em Agosto, era-lhe perguntado se ele estava, já, a respirar fundo diante do trabalho concluído. Ele respondia que «ainda não voltara à tona», sublinhando desse modo a marca que nele deixava esta «viagem» de um ilustrador através dos versos de um homem de quem ele foi amigo e confidente.

Admite-se que o Estado angolano venha a interessar-se pela aquisição dos originais de António Domingues, que são ainda, em obediência ao contrato com ele feito, propriedade do autor. A serem comprados por Angola, os *gouaches* que ilustram esta edição de *Sagrada Esperança* poderão vir a integrar uma exposição permanente a instalar no mausoléu de Agostinho Neto. Outra possibilidade é a de que seja a transportadora aérea angolana, a TAC, a adquiri-los.

O livro, cuidadosamente impresso pela *Gris,* de Lisboa, inclui uma bibliografia de Agostinho Neto por Manuel Ferreira. Dele se publicam, simultaneamente, edições em francês e inglês, de idêntico aspecto gráfico, e incluindo também as ilustrações de António Domingues.

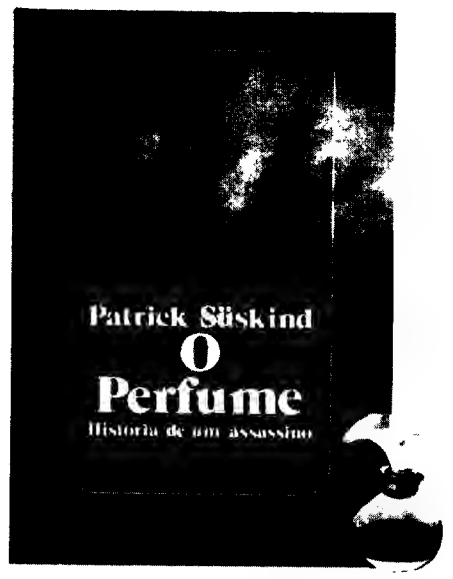
Tratando-se de uma encomenda do Estado angolano, a obra não está à venda em Portugal, nem se prevê uma «extensão» da edição destinada ao nosso mercado. No entanto, fica-nos o sentimento de que tal «extensão» se justificaria plenamente, interessando como interessaria a rede de pessoas que, em Portugal, mantêm relações afectivas, culturais ou de outra natureza com Angola, além dos bibliófilos e dos amantes da pintura de António Domingues

J.M.

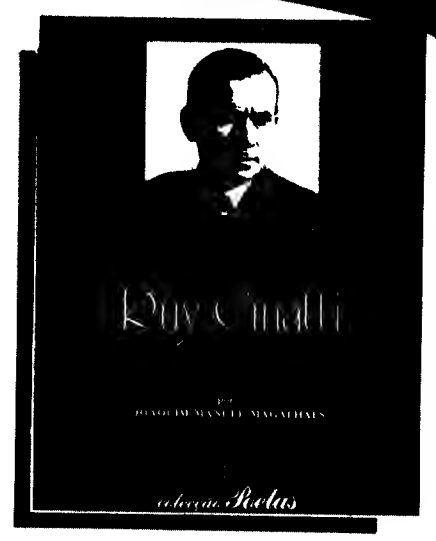
Lançamentos de Natal

mais um lançamento na colecção NOVOS GUIAS DE PORTUGAL

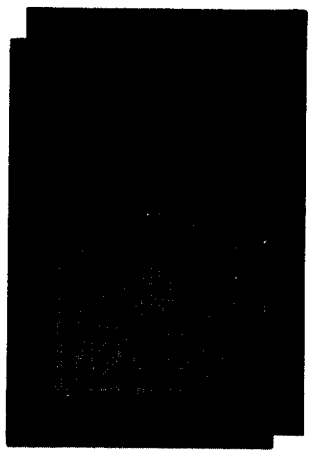
O GRANDE PORTO
HELDER PACHECO
Mais um lançamento na colecção Novos Guias de Portugal.
Um trabalho notável sobre os cinco concelhos que envolvem a Cidade Invicta, do consagrado autor de ***Porto*** *e* ***Tradições Populares do Porto****. Uma obra profusamente ilustrada a cores.*



O PERFUME
A fascinante história de um perfumista do século XVIII em busca do perfume ideal, que fosse a essência da Beleza, da Vida.
Um espectacular ***bestseller*** *na Alemanha, França, Espanha, Holanda, entre outros países. Um dos maiores acontecimentos literários dos últimos tempos segundo a crítica internacional.*



RUY CINATTI
Um grande poeta português. Antologia seleccionada e pós-faciada por Joaquim Manuel Magalhães.



LENDAS E ROMANCES
ANTÓNIO TOMÁS PIRES
A reedição da mais importante recolha de narrativas populares alentejanas até hoje publicada. Organização, prefácio, notas e actualização ortográfica de Pere Ferré.

UM NOVO LIVRO DO BOLINHA

Um belo presente de Natal para os mais novos. O nosso Bolinha desta vez vai ao circo, onde perde uma bola.
Ao procurá-la, quantas coisas divertidas ele descobre . . .

Técnicas para o desenvolvimento da expressão oral e escrita. Um livro que visa um efectivo domínio da língua. Recomendado para professores,orientadores de grupos de trabalho, conferencistas, entrevistadores, entre outros.

EDITORIAL PRESENÇA
Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA Telef. 73 41 91 *

Os 15 anos do Círculo de Leitores

O Círculo de Leitores fez 15 anos. No passado sábado, no Teatro Nacional de S. Carlos, realizou-se um concerto comemorativo, com Maria João Pires e a Orquestra Sinfónica do Teatro. No intervalo, Rogério Ferreira, em nome do Círculo de Leitores, entregou ao dr. Azeredo Perdigão o primeiro Círculo de Cristal «como homenagem pelo excepcional contributo desta personalidade à defesa e divulgação da cultura portuguesa no País e no Mundo».

O Círculo de Cristal é uma peça artística, destinada a «distinguir as personalidades que pela sua relevante contribuição para a divulgação e qualidade do livro mais se tenham destacado durante cada ano».

Ao instituir o Círculo de Cristal — objecto escultórico concebido pelo artista Nuno Câmara Pereira — o Círculo de Leitores, como afirmam os seus responsáveis, «pretende contribuir concretamente para a difusão do gosto pela leitura através do fomento de uma crescente qualidade dos vários participantes no processo de criação, produção e circulação do livro e, em simultâneo, pretende premiar e reconhecer o labor de tantas pessoas que dão o melhor do seu esforço para que o Livro e o Literatura ocupem um lugar de relevo na sociedade portuguesa contemporânea».

O Círculo de Leitores tem 260 funcionários fixos e mais 2000 agentes de vendas por todo o País; agrupa 430 000 sócios; edita uma revista de informação literária e musical com 462 500 exemplares; facturou em 1985 cerca de dois milhões e setecentos mil contos; vendeu no mesmo ano cerca de dois milhões de livros; é a primeira editora portuguesa de livros; está ligada a uma multinacional alemã com congéneres em dezenas de países.

Assim é o Círculo de Leitores, aos 15 anos de vida.

O Viúvo, de Fernando Dacosta, ed. Dom Quixote

HOUVE um tempo em que Jornalismo e Literatura se confinavam a conceitos e territórios específicos, tão incompatíveis entre si quanto o eram os elementos de análise que entravam no rigor e na marcação das respectivas definições. Nessa altura, eram bem mais numerosos os escritores que praticavam eviviam do Jornalismo do que a situação inversa. Isto é, raros eram os profissionais da chamada Comunicação Social a quem fosse reconhecida, sem preconceitos, alguma competência literária. Tinha-se mesmo a pretensão (e o ócio) de admitir que os homens da Literatura sempre tinham outra *mão*, tangiam uma caneta muito mais sinfónica, indo alguns ao ponto de suspeitar que algumas prosas anónimas dos jornais traíam o *dedo*, o sopro e o temperamento literário dos seus inconfessos autores...

Em termos mesmo de disciplina, ocorre-me uma verdade feita, segundo a qual é sempre possível ensinar alguém a ser jornalista, mas não o contrário. Dar o destino dos escritores (e a sua auréola) aos plumitivos do talento jornalístico, isso não. Era proíbido. Não admira, por isso, que tenha sido criada uma via curricular de ensino denominada *Introdução ao Jornalismo*, que é vestibular aliás do Curso de Comunicação Social. O que espanta é verificar que em alguns países existam cursos superiores para ensinar a escrever... Literatura.

Baptista-Bastos definiu o Jornalismo como *uma disciplina superior de Literatura*. O qe possa haver de excessivo nessa frase não é nem o tom categórico da definição, nem a suspeita do paradigma que ela parece conter e do qual alguns usam e abusam para se enternecerem. A mundividência da profissão inspirou a BB a escrita de dois livros inportntes — *O Secreto Adeus* e *Elegia para um Caixão Vazio*, o último dos quais só agora pude ler. É notório que Bastos se divide entre duas paixões. Não obstante a competência que se lhe reconhece, tanto no Jornalismo como na Literatura, talvez não seja descabido pensar que aquela frase tem de autobiográfico o que não pode ter de premonitório nem de absoluto relativamente à maioria dos nomes que vão e vêm, ardem e apagam-se, e acabam por não convencer ninguém quanto ao primitivo lavor dessa dualidade.

Fenómeno recente, o aparecimento de inúmeros livros de ficção subscritos por conhecidos jornalistas portugueses. Começa mesmo a ser oportuno olhar um pouco para trás e ver quais desses livros venceram a contingência do *boom*. Não vou fazê-lo, até pela circunstânca de não estarem na moda os estudos horizontais (ou sincrónicos, se quiserem) de Literatura. O sistema vive, alimenta-se da novidade e da profusão. Os jornalistas-escritores bem tentaram reformular e subverter o próprio conceito do *literário* português. Tivessem eles conseguido sacudir o cerimonial da linguagem e restituir-lhe um novo imaginário, e não estaríamos nós a contas com o insuportável silêncio e com a morte que lentamente apaga a existência de certos livros. A verdade é porém outra: enquanto derivaram e souberam promover-se, só os escritores somaram pontos à sua anterior quotação. Eles marcaram passo. Infelizmente.

É então que Fernando Dacosta escreve e publica *O Viúvo*, e com ele ganha (e por unanimidade) o Prémio Literário do Círculo de Leitores. Gostei que isso lhe tivesse acontecido. Primeiro, por ele e por quem é; depois, porque nunca é impunemente que se vê ser reconhecida uma realidade próxima ou apercebido um fenómeno que, para já, se ilumina e bem pode vir a ser obra de uma nova geração de escritores. Por ele, ainda, porque *O Viúvo* resgata e liberta da contaminação jornalística algumas das obsessões que retiravam peso e expressão a dois anteriores livros seus — *Um jeep em 2.ª mão* e *Sequestaram o Senhor Presidente*. Temos, pois, que *O Viúvo* tem de ser visto mais como um ponto de partida do que de chegada histórica, se o quiserem apontar como exemplo quantos passam agora a situá-lo no seu próprio horizonte. Com efeito, goste-se muito ou goste-se pouco, *O Viúvo* é um romance que não passará facilmente ao desconhecido. Não só porque nele resulta o provado amadurecimento literário do autor, mas porque a originalidade, a inteligência narrativa, a estrutura e a temática propostas deixam supor que o moderno romance português prolonga um processo de inovação que é também ou sobretudo de continuidade recente (o paradoxo é propositado, como se verá). Por um lado, se é fácil detectar na textura de *O Viúvo* todo

um capital de leituras patrimoniais e subsidiárias não deixa de ser verdade que se trata de uma voz povoada, concreta e talvez até única no concerto do nosso romanesco actual. Defendamo-nos porém d vício (muito em voga nalguns circuitos críticos) de agrafar influências e noivados a tudo o que se publica entre nós.

Não escondo que a minha leitura preferida deste romance respeita mais à ideia e à ideologia da sua ficção do que aos aspectos formais e à retórica que marca de muito perto a cadência do seu estilo. Primeiro, trata-se de uma obra onde todo o processo operatório, servindo embora o fim, ofusca um pouco a função narrativa. Depois, há nele uma estesia discreta, porventura pouco caudalosa e pouco rica linguisticamente, de forma que a acção acaba por centrar-se numa quase metafísica do País em transe (e em trânsito) entre o passado e o futuro. E acontece que essa visão bisonha, mesmo pessimista, acerca do País que somos não coincide muito com a minha análise pessoal.

A figura que personifica (e, a meu ver, penaliza) a leitura histórica desse País reside num velho octogenário (de oito séculos?) que agoniza lentamente, de cancro, de paralisia, de entrevamento, mas sobretudo se alimenta ainda desse mal difuso e suspenso que é o automatismo do viver, na empurra dos dias que o conduzem ao fim, às fezes, à asfixia fatal. É o mundo de um visionário lúcido e atento, com o seu quê de lobo e de anho, no qual a memória cumpre a capital função do exame e da consciência dos vivos. Assiste-se, assim, ao paralelo inevitável entre o velho e o novo, sem barreiras nem esfinges de tempo ou lugar. E à mente que destila toda essa memória de séculos não acontecidos assume o processo alquímico do reviver, o fantástico da alegoria, a subtileza de um reatar de fios quebrados e a lição final de quem mais não pode do que interrogar o infinito (da morte).

É preciso acentuar bem a inteligência esquemática do livro, para melhor se fruir desse paralelismo alegórico, não raro fantasmático ou até irreal. O acróstico da palavra LUSITÂNIA, onde cada letra é, simultaneamente, a epígrafe e a citação do real ao longo dos seus nove capítulos, afigura-se-me o impulso maior e o grande factor da unidade da obra. Tudo o mais é propositadamente caótico. O tempo sem tempo. O livro de todos os temas portugueses, dos seus mitos (Fátima, D. Sebastião), dos seus velhos e novos símbolos (Salazar, O missionário, Almotolia, a Arquitecta das campanhas de alfabetização, os militares, a condessa cabisbaixa)) e as viagens, os regressos, as ilusões perdidas e incorrigíveis. O «viúvo» é-o também e na medida em que surge como eco do Velho do Restelo, no tempo em que as caravelas regressam, nos dias da chegada dos mortos da guerra colonial, no quotidiano do terror político e policial — e mesmo na figura desse trânsfuga que é o Mestre Escritor (ausente, passado, mas imortal). A fábula vai-se diluindo devagar no emaranhado das locubrações narrativas, embora o discurso seja o único fluxo e o suporte da realidade. Todo o mundo é uma feira? O leito de morte do velho (inominado) coloca-nos no contraponto, entre o *huis-clos* e a existência dos grandes espaços desertos e exteriores, onde os outros são apenas vozes, sinais de passagem para a noite e um fluir semelhante ao voo dos pombos ao extinguir-se ao longe.

Qual o tema, então, que história nos conta, afinal, este livro? O leitor mergulha, como num poço, num caleidoscópio de cenários e depressa perde o pé no sufoco desse lodo para o qual confluem passados longínquos, explicações, enigmas, mistérios, presenças ausentes, num convívio sereno com a doce morte que nos vai assistindo também a nós.

Gosta-se de leveza, da porosidade latente e da humildade deste livro. Admira-se o clamor das distâncias, o vivido, o sonho de todos os sonhos. A própria fragilidade é flutuante, porque assumida, e a escrita é feita de tal economia que quase não sobra um adjectivo capaz de a caracterizar, muito menos de a catalogar. Pode ser que Dacosta seja um leitor iluminado pela escrita substantiva de Cardoso Pires, que é, seguramente, o nosso melhor romancista vivo: um discípulo idoso de Vergílio Ferreira: um herdeiro irrecusado do imaginário português que em certa medida se esgotou no neo-realismo. Mas é também uma voz pessoalíssima, existencialista, *nouveau-roman*, intimista, do ralismo dos anos 80, da novíssima corrente do etno-fantástico, mesmo da discursividade minuciosa (e artesanal) de Saramago, do fulgor discreto e da glória afémera de Almeida Faria — porque, sendo tudo isso, é também um homem da geração da guerra colonial e do lirismo poético que hoje anima, inquieta e entoa a multiplicidade e o sentido da nova ficção portuguesa.

Uma palavra final para a «paisagem» física do livro. Inlocalizável? Por vezes, é-se levado a supor que a acção nuclear do romance se situa no Minho das romarias, do milho e das uvas. Mas o despiste da neve permanente e da paisagem com lobos parece adivinhar o vão das serranias por onde andou Viriato. Ou uma ilha íntima e inefável. Ou aquela dolorosa sensação do País periférico e marítimo, sem outra geografia que não seja a água do seu destino e da sua dissolução. De qualquer forma, tudo pode ser suposto. Tudo pode ser normal. Tudo pode ser excepcional.

João de Melo

«Le Plaisir de Parler» («O Prazer de Falar»), dirigido por Barbara Cassin, Minuit, Paris, 1986

MESMO se ele pretendesse utilizar o termo «tagarelice» *(Gerede)* sem intenção pejorativa, Heidegger ligá-lo-ia ao declínio do «*Dasein*», à sua passagem ao ser-em-comum *(Miteinandersein)* (ver *Sein und Zeit*, cap. V, parte B). Falar por falar, pelo prazer de falar, para nada dizer, eis o que é, por excelência, antifilosófico. No entanto, aqueles que têm prazer em falar aparecem nos textos filosóficos onde, desde Platão, se tenta combatê-los. Os sofistas não disseram a sua última palavra, e, se é verdade, que a primeira sofística foi vencida, o mesmo não acontece na segunda que se revela importante, não só na sua relação com a política que lhe era contemporânea, como também enquanto fonte do romance e da historiografia. Com o renovamento da retórica, inaugurada sobretudo por Chaim Perelman, uma nova visão da sofística aparece, como o testemunha o colóquio realizado em Cerisy-la-Salle, em Setembro de 1984, sob a direcção de Barbara Cassin e Monique Canto, colóquio intitulado: «*O que é a sofística?*» Uma parte das intervenções saiu agora nas Editions de Minuit, com o título: *O prazer de falar (Le plaisir de parler)*, a outra parte, *Posições da sofística*, está anunciada nas edições Vrin (Paris).

O Prazer de falar reúne dez conferências visando mostrar-nos a actualidade da sofística através da análise dos textos antigos, ou através de um questionamento sobre o (multi)significado da exclusão da sofística e da retórica. Barbara Cassin indica a passagem do falso à ficção, ou seja ainda, a maneira pela qual a sofística, condenada em nome da verdade (principalmente pelo «golpe» de Aristóteles que consistia em identificar o «dizer» ou «falar», a significar qualquer coisa) abre a via à literatura. O sentido do discurso do sofista não remete para a essência, produz antes um efeito, é «pharmakon», performativo, agrada e apazigua, excita ou aflige logo que é dito. Pela sua eficácia, o discurso sofístico situa-se na encruzilhada da literatura, da pedagogia e do político. As suas ficções tornam-se património e constituem a identidade de um povo. Deste modo, a sofística liga-se ao consenso e não à adequação ao ser, à história e não à filosofia, ou ainda como o dirá Alonso Tordesillas, ao crer e não ao saber. A eficácia do discurso sofístico depende também de um uso estratégico da temporalidade. Longe de procurar a universalidade, o sofista toma em conta as circunstâncias; assim, a noção chave para ele será a do *Kairos* (o momento propício, a ocasião). Tordesillas lembra que o «Kairos» pertence aos domínios medical, militar e artístico. É indefinível racionalmente, mas pode dizer-se que ele é o nada que «permite transformar os possíveis em actuais enunciados», o nada que gera um efeito, aquele que utiliza Hitchcock nos seus filmes.

Monique Dixsaut interessa-se por um personagem marginalizado: Isócrates, um pensador esquecido, no limiar do político e do filosófico, simultaneamente fora da filosofia e contra os sofistas. Defensor do bom senso, Isócrates critica a facilidade persuasiva da fala e preconiza a tarefa árdua da escrita. Compor um discurso é uma arte diz ele (aqui, Nietzsche certamente o terá ouvido), e é necessário reconhecer à arte o poder de seduzir-nos em favor da vida.

O estudo que Aldo Brancacci consagra a Sinésios prova que a crítica feita aos sofistas não procurava sempre celebrar a ontologia e que outras posições revelavam-se possíveis. Situando-se entre a matéria e a teoria, propondo um saber racional à imagem do homem, Sinésios aparece como um precursor do humanista. O alcance político do discurso, a força da retórica afirmam-se de maneira exemplar em «Dion Crisostomes» (I sec.). Este último, como o sublinha Annick Charles-Saget, na sua brilhante comunicação, percebeu o poder da imagem e alimenta desde logo, sob o aspecto banal do seu discurso, um imaginário político, constituindo, deste modo, um espírito público. É também à função da imagem, mais precisamente do quadro, que Marc Eli Blanchard reenvia a obra de Filostrates, conduzindo-nos à beira do sublime uma vez que elabora, pela literatura, um simulacro de imagem onde o objecto uma vez chegado à compreensão, logo dela se escapa.

A segunda parte deste rico volume inclui uma série de reflexões pondo em evidência o eco ainda actual da sofística. Antoine Compagnon nota que a eliminação da retórica dos programas escolares em França, entre 1880 e 1902, corresponde a um programa político que propõe o colectivismo e a solidariedade. A retórica opõe-se ao ensino histórico, como o individualista ao cidadão ou, segundo a terminologia de Durkheim, o diletante ao produtor. O retorno da retórica corresponde, por seu lado, «a uma crise de legitimidade dos saberes e das práticas históricas», o que confirma ainda o interesse paralelo que Romain Laufer estabelece entre *marketing* e *sofística*. Vários pontos comuns podem ser destacados: primado da opinião, procura de dinheiro, irrespeito, que reenviam marketing e sofística ao domínio do ilegítimo (desprezo universitário, por exemplo). O seu êxito explica-se pelo facto da «sofística e do marketing serem técnicas de legitimação correspondendo a uma situação de crise da legitimidade». O marketing, como a sofística, surge portanto como a pintura da crise: «toda a sofística é solidária de uma filosofia cuja crise ela representa, deste ponto de vista, poderíamos dizer que o marketing é para Kant o que Górgias é para Parménides.»

Denis Zaslawsky insiste sobre a validade das refutações aristotélicas de alguns sofismas no que diz respeito aos paradoxos lógico-linguísticos modernos e propõe tratar sofismas e paradoxos, não mais em termos pejorativos, mas como «anomalias» que ocuparão de hoje em diante um lugar positivo no seio da análise empírica. Do ponto de vista psicanalítico, Samuel Weber tenta, muito rapidamente, expor o papel social da ambivalência no humor («Geist, mot d'esprit») e no sofisma; a pobreza da sua argumentação não tira nada, felizmente, ao conjunto deste excelente livro.

Chaké Matossian

Companhia de Dança de Lisboa estreia amanhã no São Luíz

A Companhia de Dança de Lisboa vai estrear amanhã no Teatro Municipal de São Luiz. Traz novas obras e a sua energia habitual, nesta última temporada de 1986.

O programa consta de três estreias e duas reposições. Em estreia teremos: «**Não Olhes Para Trás**» (Don't look back), uma coreografia de Mónica Levy com música de Johann Sebastian Bach (Concerto para dois violinos em D Menor). Figurinos de Isabel Télinhos e luzes de José Manuel Oliveira. São intérpretes Mário Paulo Cardoso, Silvia Nevjinsky, Roland Hayes Lise Hulse, Andrea Gabilondo, Sónia Abrantes, Maria Manuel Rebelo, Vítor Garcia, João Fiadeiro, João Zhoraide e Benvindo fonseca. É uma obra dinâmica de uma jovem coreógrafa norte-americana, utilizando uma linguagem actual e plena de inovação, para interpretar um tema barroco bem conhecido: «Concerto para dois violinos em D Menor» de Bach.

Em estreia também, «**Momento de Conversa**», ainda uma coreografia de Mónica Levy, com música de Cab Calloway, figurinos de Mónica Levy e luzes de José Manuel Oliveira. Intérpretes: Mário Paulo Cardoso, Andrea Gabilondo e Maria Manuel Rebelo. Uma incursão de três bailarinos na música jazz de Cab Calloway.

Finalmente, é estreado também «**Linha da Frente**», uma coreografia de Mark Haim, com música de The Art of Noise, figurinos de Ken Yount e cenografia de Ken Yount.

Intérpretes: João Fiadeiro, João Zhoraide, Roland Hayes, Maria Manuel Rebelo, Clara Andermatt, Sónia Abrantes, Silvia Nevjinsky, Mário Paulo Cardoso, André Gabilondo, Benvindo Fonseca e Vítor Garcia.

Uma obra dramática em que Mark Haim leva ás últimas consequências a exploração de temas como a guerra, as relações pessoais, etc.

Em reposição estarão «**Oásis**» e «**Sem Saída**». «**Oásis**» é uma coreografia de Rui Horta, director artístico da companhia, sobre música de Rão Kyao, com figurinos de Ana Silva e Sousa, cenografia de Ana Silva e Sousa e luzes de José Manuel Oliveira.

Intérpretes: «Festa ou Todos», toda a companhia; «Memória do Tejo», Andrea Gabilondo; «Travessia», toda a companhia; «Ragunah», Benvindo Fonseca e «Dança da Folia», toda a companhia.

E a reposição de uma obra já consagrada pelo público e pela crítica e que volta pela última vez aos palcos da capital.

«**Sem Saída**» é também uma coreografia de Rui Horta sobre música de Clan of Xymox e Tuxedomoon, os figurinos foram criados por Cristina Poppe e executados por Isabel Télinhos. Apoio cenográfico de Jean Laffront e luzes de José Manuel Oliveira. Intérpretes: toda a companhia. «Ele» é Benvindo Fonseca ou João Fiadeiro, e «Ela» é Maria Manuel Rebelo ou Clara Andermatt.

Última criação de Rui Horta, faz apelo a uma linguagem teatral, utilizando como suporte musical as duas bandas rock actuais «Tuxedomoon» e «Clan of Xymox».

Lemos para si

«Neve de Primavera» Yukio Mishima Presença

UM romance em que a tragédia linearmente se edifica na lírica beleza de uma escrita onde o ser humano e a paisagem dialogam sincronicamente, parece-me ser «Neve de Primavera» de Yukio Mishima. E, contudo, fatigante é a sua leitura pela profunda densidade contida nas suas cristalinas frases. Cito: «Aquela velhinha serena sabia que nenhum assunto humano se desenrolava exactamente como previsto. Uma andorinha solitária riscando o céu azul e sem nuvens podia prenunciar uma tempstade inesperada. Ou: «Ao olhar para cima, viu que o céu parecia uma fúria de branco fervilhante. A neve fustigava-lhe o rosto. Ser enterrado por um tal nevão...devia ser fantástico.»

Exaustivamente dissecado é o HOMEM até que a sua nudez se nos apresente de um modo absoluto. Daí o facto de em «Neve de Primavera» existirem pertinentes e intrincadas reflexões em torno da historicidade, da filosofia, do tempo. É que compreender os seus personagens implica situá-los no amplo contexto da cultura em que se inserem. A japonesa. A japonesa vista como um momento da infinitude histórica em que o Japão é ultrapassado no seu confronto com o Ocidente. Com a totalidade cósmica em que o tempo se move indiferentemente à vontade dos povos. Àqueles que acreditam estar a alterar o curso dos acontecimentos. E isto porque a história não se resume a simples cadeias de causas e efeitos em que a vontade se manifestaria decisivamente. Não! O devir histórico obedece a um determinismo adverso aos imaginados imponderáveis ou acasos criados nos imaginários daqueles que vivem o processo histórico. A sua agressiva inevitabilidade. Passo a citar: «Cada período tem o seu estilo próprio, e nenhum artista que viva numa determinada época consegue transcender completamente o estilo dessa época, seja qual for a sua perspectiva individual. Ou: «E porque padrões se regerá a HISTÓRIA para classificar as nossas concepções? Que te parece? Pelo pensamento dos génios da nossa época? Dos grandes homens? Não. (...) Ou seja, regular-se-ão pelos credos mais primitivos e populares dos nossos dias. Sabes, as épocas sempre foram caracterizadas unicamente em termos de tais idiotices. Ou: «A HISTÓRIA é um registo de destruição. Tem de estr sempre a arranjar-se espaço para o próximo cristal etémero. Para a HISTÓRIA, construir e destruir são uma e a mesma coisa. Ou: «Sabes, sem o conceito de acaso, a filosofia ocidental nunca poderia ter nascido. O acaso é o retúgio crucial da vontade.»

Guiados para vivências que desconhecem a forma do seu fim, são os românticos protagonistas de «Neve de Primavera». E são-no porque o exterior os transforma. Condiciona, embora se movam ousadamente numa prática amorosa adversa a imperiais interesses. Embora acreditem dominar os seus gestos. Ditá-los.

Acontece ao seu amor o mesmo que acontece a todos os que crêem fazer a HISTÓRIA. E isso intui-o Honda, o lúcido observador da paixão que une Quioáqui a Satoco. Descobrem-no os dois amigos quando os convidados do Sião recebem a notícia da morte da «Princesa Chan». Confirmamo-lo nós quando lemos o diálogo travado entre a convalescente Tadexina e o pai de Satoco.

De rara beleza e de subtilíssimo desocultar do sentido da vida é «Neve de Primavera». Um romance que deve ser pacientemente lido com total disponibilidade intelectiva. Sensitiva, digo, impressionada com a forma como o amor de dois jovens serve para simbolizar o lugar que cada um de nós ocupa no curso da História. E com Mishima a ponderar que, «quando se atravessa um mundo de fluxo incessante, a única coisa importante é irradiar beleza.»

Ana Paula Portugal

Uma manhã como as outras

UMA tristeza terrível apodera-se de mim,
bate-me o sol em plena face e é manhã.
Dylan canta uma velha canção, este é o quarto
do apartamento onde vivo em Goleta,
Santa Bárbara ao fundo, como um mar pacífico
desenvolvendo o encanto de uma harmonia
que mais ninguém pode sentir.
Tão triste que nem pareço eu:
Indiferente ao sol, ao temperamento dito
ciclotímico, eis-me, nesta infindável tristura
de mim mesmo, desfeito em pensamentos icásticos
como súbito fosse necesário morrer:

Uma tristeza inaudita, contranatura, o sol
celular seduzindo meu corpo de um calor
que me inebria ao ponto de julgar impossível
o que estou sentindo: esta tristeza inútil,
o espírito amarfanhado pelo cataclismo,
uns diriam psíquico, outros, metafísico:

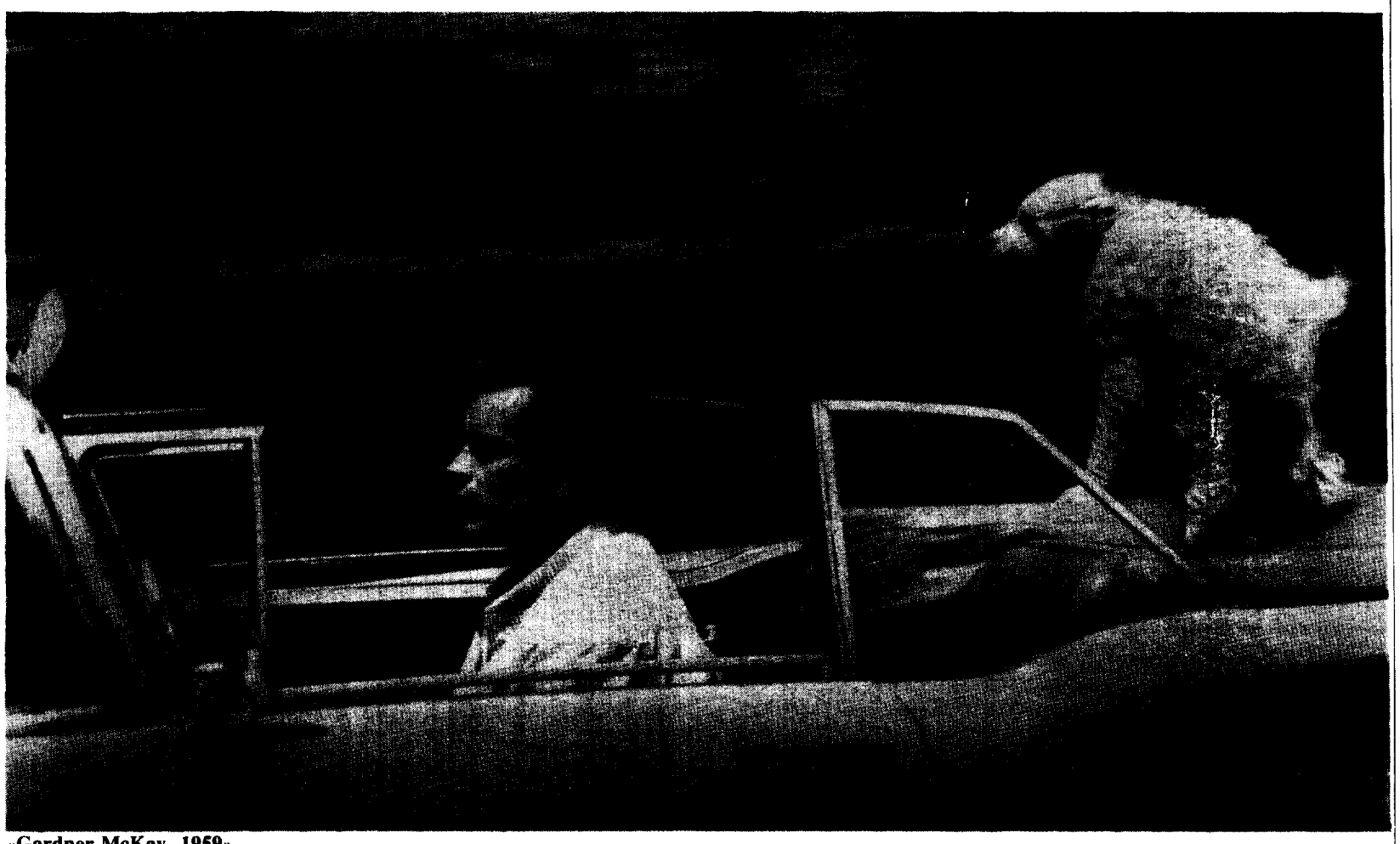
Ouço a canção como outrora a ouvi em Mem Martins,
como tudo é diferente, até mesmo a indiferença:
Dez da manhã. Estou completamente vestido,
uso Levi's de uma ponta à outra, e não sou
por isso mais americano ou menos homem.
Estou é debaixo de uma tristeza incrível,
sabendo porquê, mas não o dizendo por pudor:
E pouco a pouco, talvez, em contacto com a música,
o sol diluindo-se em mim, sinto que a pressão
se alivia, meu coração desabafa alguns suspiros
que se escondiam suspensos nesta ansiedade,
nesta insuportável tristeza tão fora de moda:

Sou humano e por vezes sinto a monstruosidade
como um fogo de nadas dispersando em escuridão
uma tristeza inefável como dizê-la em poema:
Não é estranho tanto sentimento desarticulado?

Silva Carvalho

Viagens em casa de G

«Andaram a espalhar na cidade que eu comparei as estrelas a uma erupção num corpo orgânico (...)»
HEGEL, **A Filosofia da Natureza**


«Gardner McKay, 1959»

TALVEZ Maio de 75. G. tinha oferecido a casa (dos pais que não estavam). Aproveitámos a alternativa. A princípio pululámos todos no seu apertado e superequipado quarto que alguns de nós já conhecíamos e onde, para todos os efeitos, nos podíamos sentir mais em casa. O termo no grupo daquela noite, além do saxofonista Z., o jovem P. — também saxofonista, mas mais principiante —, gerou, à partida, uma tendência para audição de discos de «jazz-hard», entre os quais John Surman e Pharoah Sanders. este partido só exasperou a impaciência dos outros elementos presentes que eram menos musicalmente eruditos e mais voltados para o **rock.** tal exasperação seria cada vez mais amplificada pela energia vulcânica que começava a subir trepidantemente e a tomar conta de cada um de nós.

G. dava-nos mais ou menos livre trânsito quanto a explorarmos a casa. Quando alguns de nós começámos a aventurarmo-nos no corredor, descobrindo a vantagem de dançar ali junto ao quarto, para aproveitar a proximidade da fonte de som, isso foi já ao som de outra música. A partir dali, o grupo não voltou mais a estar junto. Cindiu-se em subgrupos de circunstância, unidades ocasionais consoante o ponto de encontro na casa. Enquanto alguns corpos ficavam tombados, para trás, no quarto original, sem conseguirem abandonar o conforto da alcatifa, na nossa diáspora ia-se distendendo em diagonal casa fora, tendo o corredor como avenida e, nos extremos mais frequentados, o quarto e a cozinha das **sandwiches.**

O dono da casa mantinha-se o máximo de tempo junto ao gira-discos, sem confiá-lo a ninguém, e zelando por enfiar a música nos envelopes enquanto o seu controlo psicomotor o permitia. Abandonou a função já alta era a madrugada, no que foi subnstituído pelos sectários do **jazz** que saltaram para os comandos. Num compartimento no outro extremo da casa, B. desfolhava revistas de moda feminina que tinha encontrado, enquanto L. F., S.L. e eu troçávamos dos manequins dizendo obscenidades demagógicas só para impressionar a B. Dali, assistimos ao nosso anfitrião, longo e mole como um invertebrado vertical, emergir por fim da sua câmara e avançar ao longo do corredor ao reencontro do seu povo disperso. Ainda longe, deteve-se hospitaleiro e bonacheirão, emitindo espasmos de preguiça, junto do M. que se entretinha a manusear exemplares duma colecção de bengalas antigas que estavam expostas. O próprio M. colocou um ceptro. Cumprimentou-nos e era caso disso, pois nos reencontrávamos já no outro mundo. Sorriu tortuoso e derretido, ou melhor, esforçou-se por articular toda uma linha quebrada — é que, evidentemente, tinha os músculos maxilares contraídos. Esboçou palavras só para percebermos como estava apanhado. Tinha pouca prática. Enrolava palavras na boca sem saliva. Mas a noite era ainda uma criança. Nós os espertos, que tínhamos já abdicado de toda a conversa com nexo, atirámos-lhe ditos rápidos e gargalhadas trémulas e tétricas. Ninguém podia afirmar, nem negar nada. estava era a ser francamente forte de mais para todos sem lugar a vãs glórias.

Colectivamente, só nos podíamos ater a distracções muito superficiais. O tempo não passava. O amanhã era a mais remota das possibilidades. Estávamos num andar, num prédio, dentro duma noite. Dei passeios e por acaso cruzei-me com a Bela B., sozinha, no corredor, casaco sobre os ombros e boina enfiada como se estivesse pronta para sair para a noite e começar talvez a verdadeira viagem. Disse-me — e muito bem — que havia naquela casa aposentos em que se não conseguia estar, porque as mobílias expulsavam-nos. Ela tinha-se pintado muito, entretanto. Respondi qualquer coisa como que morava ali havia pouco e que o amanhã era incógnito. Sentia-me um daqueles prédios altos ou arranha-céus de que só se diz que oscilam uns quantos centímetros sob o efeito do vento. A B. parecia não parar de abrir uns grandes olhos. O humor do Evento salvava a situação, Vi-lhe as pupilas desmesuradamente dilatadas. Ela estava favorecida num auge e a parede atrás de si suava.

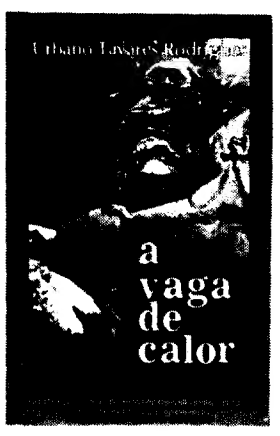
P. Estava lá para dentro a sentir-se mal num sofá e a não conseguir explicar qual mal, pois perdia o fio da meada do que dizia, e mergulhava a cabeça nos joelhos enquanto, de braço levantado acima da cabeça e de palma da não aberta, dizia: esperem... Mais tarde chorava e ria rigorosa e alternadamente. Nós aproveitávamos para rir.

Pus uma vez a tocar o *Overnight Sensation* de F. Zappa e a operação foi por de mais complicada. Para chegar ao gira-discos tive de saltar por cima de vários cadáveres místicos sobre a alcatifa. Onde estava o anfitrião? Ter-se-ia zangado com o barulho? Fiz então como naquele filme em que se vão abrindo portas que dão para cenas completamente diferentes, até que empurrei uma e dei com G., fortemente iluminado, sentado na beira duma cama e virado para a porta, muito pálido, falando sozinho e também para mim, já que tinha ali assumado. Fazia-se acompanhar de gestos vagamente sábios e ondulantes. Pareceu-me ouvir hebraico. Devia estar a dizer profecias estilo Nostradamus. Fui procurar uma cena mais ligeira. Onde estava agora a B.? Arrependida da pintura lavava a cara no lavatório, sob uma luz menor e suave. Solos de Jimmy Hendrix davam sentido a esta cena. Dancei com uma esquina e evitei o hemisfério obscuro da casa.

Também passei por cantos de isolamento, como qualquer pessoa cansada. Iam perguntar-me se estava bem. O impossível amanhecer rompeu e surgiu. Assim me chegou a notícia trazida aos gritos histéricos por B. que tinha estado de serviço algures nas traseiras da casa voltadas a nascente. Portanto, lá fora, de algum modo o negro azulava-se e a manhã difícil e nevoenta tratava de pintar a si mesma enquanto alguns de nós íamos assistindo ao lento fenómeno numa sala com muito vidro e varanda. Uma sala por desarrumar. Na parede, uma enjoativa *ceia* em prata.

Ambientámo-nos à varanda e nada fazíamos pelo descortinar da luz, encurralados num interior de quarteirão agressivo, deprimente, mal pintado, em que predominavam cimentos dos revestimentos e roupas a secar, imóveis, noutras varandas que nos rodeavam por todos os lados, mais acima e mais abaixo. Havia céu, mas ele era só o grande buraco destapado por onde nos invadia o nevoeiro. Articulámos protestos inconsequentes contra aquilo tudo. As cores estavam péssimas. Era uma cena a azuis, cinzentos e prateados, e repelentes madeiras envernizadas. Quando seria melhor sairmos por fim? Talvez só com o Sol.

Joel de Lisboa



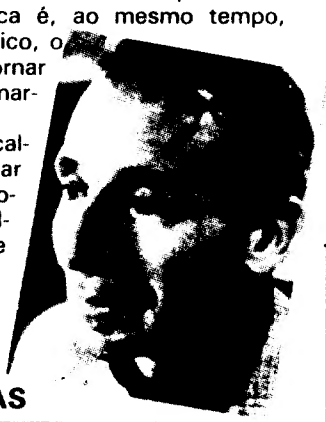
a vaga de calor

Urbano Tavares Rodrigues

A vasta obra de Urbano Tavares Rodrigues agora enriquecida com este novo romance.

Autor que sempre se preocupou com o humano das suas personagens, Urbano surge, neste romance, com o vigor e o estilo a que sempre habituou os seus leitores.

Contudo, *A Vaga de Calor* poderá ser uma forma de descobrir um novo Urbano. Romance prenhe de uma intensidade dramática é, ao mesmo tempo, mordaz e socialmente crítico, o que irá, seguramente, tornar esta obra uma das mais marcantes da obra do autor.
Ao definir carácteres, escalpelar situações, enfrentar tabos, o autor faz, neste romance, um percurso envolvente, numa escrita que obriga a não parar a leitura.



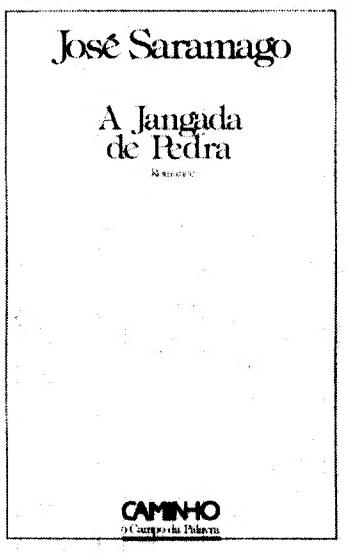
À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro

José Saramago

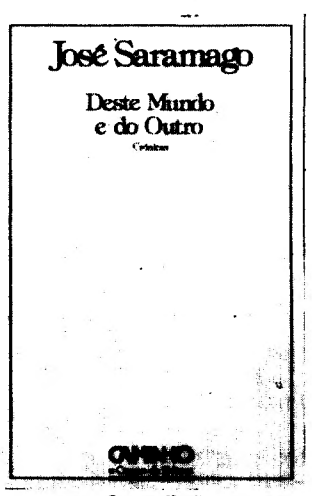
NOVIDADE

O mais universal dos escritores portugueses contemporâneos

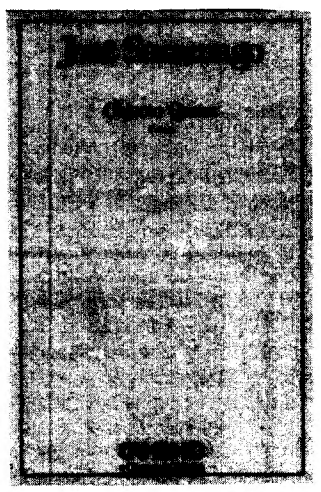


1.ª edição
40 000 exemplares

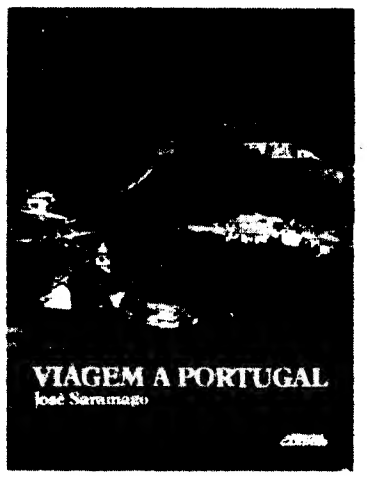
DE NOVO À VENDA



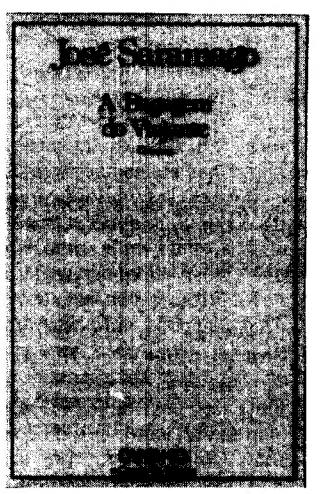
3.ª edição
12 000 exemplares



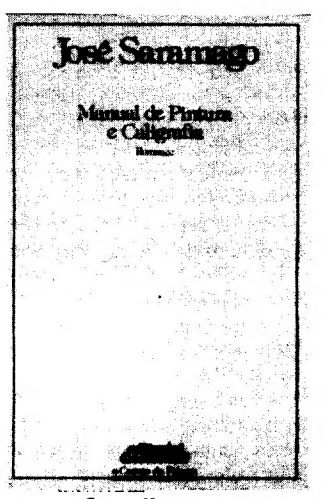
3.ª edição
12 000 exemplares



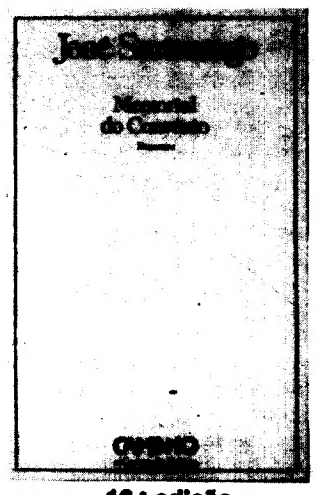
4.ª edição
45 000 exemplares



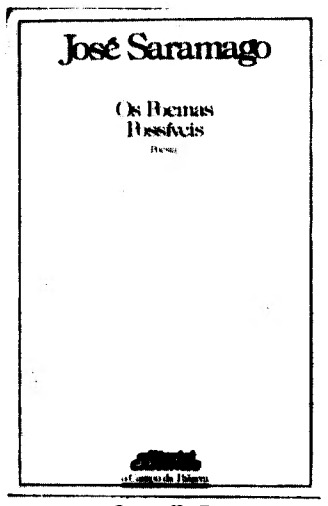
2.ª edição
8000 exemplares



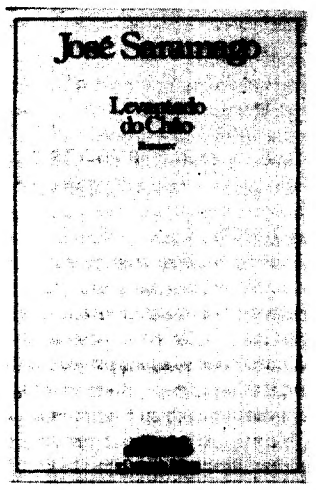
3.ª edição
10 500 exemplares



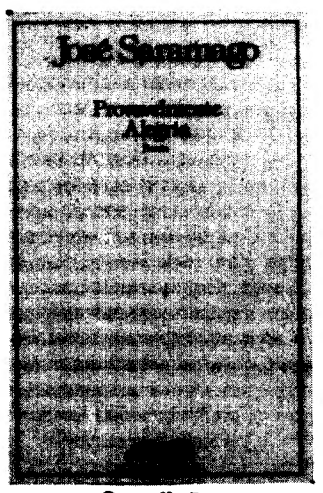
16.ª edição
70 000 exemplares



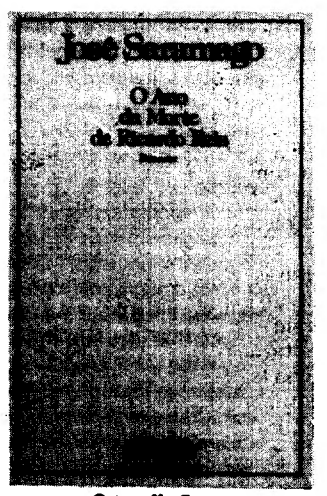
3.ª edição
10 500 exemplares



7.ª edição
29 000 exemplares



2.ª edição
8000 exemplares



8.ª edição
50 000 exemplares

É indispensável ler José Saramago

CAMINHO

O prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

O homem sem nome

Continuação da pág. 1

encher-se de silêncio e quietude. Era um homem devoto, que não apressava os deveres religiosos.

Os seus olhos negros e brilhantes detiveram-se no poço, na fonte, no lago onde boiavam nenúfares, depois nas palmeiras, cujas folhas, tocadas pela brisa, se agitavam num movimento solene. Enfim ajoelhou virado para o Sol e começou a recitar a Oração do Ocaso:

Tu, Devaiah, és Deus.
Tu vives e sorris em nós,
em cada gota do nosso sangue,
em cada lágrima do nosso pranto...

Então, pela primeira vez na sua vida, interrompeu a oração porque viu uma coisa incrível: um cavaleiro aproximava-se do oásis e vinha precisamente da Zona Central do deserto, onde, como era sabido, nem homens nem animais podiam sobreviver.

«É uma visão», pensou Rashid, «ou então é um arcanjo». Todavia o tempo dos prodígios passara, as gerações dos homens que testemunhavam milagres estavam mortas e quase esquecidas. Levantou-se para ver se a mudança de perspectiva faria desaparecer a miragem; ela manteve-se. À medida que o cavaleiro se aproximava, tornava-se claro que era demasiado sólido para ser uma visão e demasiado modesto no aspecto para ser um arcanjo, tal como o nómada imaginava os arcanjos.

O forasteiro vinha com ar despreocupado, até bem disposto. Quando chegou ao primeiro grupo de palmeiras, o cavalo, cheirando a humidade e as verduras do oásis, estugou o passo. Apesar de tudo, Rashid esperava ainda ver uma aura luminosa rodeando o corpo do recém-chegado ou qualquer outro indício da sua qualidade sobrenatural — seria mais aceitável que ver um simples homem chegar do meio do deserto.

O poeta fez estacar o cavalo à beira do nómada e saltou para o chão.

— Boa tarde! — saudou, com a maior tranquilidade do mundo, como se viesse de um passeio.

Rashid gaguejou qualquer coisa. Por fim, conseguiu articular:

— Sê bem-vindo a este oásis, que pertence à minha tribo. Além, na fonte, a água é boa para beber.

O poeta fez um aceno e ocupou-se a libertar o cavalo dos arreios e arrumar a sua bagagem — um saco de couro e uma espécie de guitarra — junto ao tronco de uma palmeira. Mal se sentiu livre, o cavalo sacudiu-se todo e trotou na direcção do lago.

— Tem sede — comentou escusadamente o poeta — e eu também. Esqueci-me de fazer provisão de água antes de começar a viagem.

Enquanto o nómada o observava, imobilizado pelo espanto, caminhou sem pressa até à fonte, lavou a cara no pequeno tanque de pedra e bebeu devagar, saboreando.

— Assim estou muito melhor! — exclamou ao voltar para junto de Rashid. Sentou-se sob a copa de uma palmeira e encostou-se ao tronco. O outro decidiu aceitar (a título provisório) aquela incongruência que era estar a olhar para um viajante vindo de um lugar onde não podia haver viajantes. Ergueu a cabeça e disse com altivez:

— Sou Twashtri-okh-Rashid, príncipe da tribo dos Rashiditas. E tu?

— Eu, não.

A resposta saiu tão natural que Rashid não conseguiu ofender-se. Absteve-se de perguntar o nome do forasteiro porque, segundo os costumes nómadas, isso era uma indelicadeza. O poeta continuou:

— Eu sou só um poeta. Viajo pelo mundo e canto para ganhar a vida.

— Um trovador, então? — Rashid considerou por momentos aquele desconhecido e sentiu-se inclinado a acreditar nele. A lei do deserto impunha juízos rápidos e acertados; quem fosse lento ou se enganasse corria o perigo de morrer cedo.

— Poderás ganhar bom dinheiro entre os nómadas, o meu povo gosta de música e de poesia. Mas diz-me: de onde vens? Quando te avistei, parecias vir do deserto. Isso é impossível, claro.

O poeta fez um gesto de concordância: — Claro. Ninguém vive no deserto. Eu venho do outro lado.

Rashid soltou uma exclamação pouco própria, sobretudo na boca de um príncipe, e protestou:

— Não queres convencer-me de que atravessaste a Zona Central? Com ou sem água isso é impossível!

— Nunca procuro convencer ninguém. Entretanto, é verdade: atravessei a Zona Central, como tu lhe chamas.

Desta vez o nómada olhou-o com redobrada atenção tentando ver se havia nele outros sinais de loucura para além das palavras. Não encontrou nenhum, portanto decidiu esperar até que o estranho trovador caísse em alguma contradição.

O Sol desaparecera. O ar começava a arrefecer, embora no horizonte houvesse ainda um largo clarão avermelhado fazendo lembrar um braseiro longínquo. O vento caíra, no oásis tudo estava imóvel e o único som era o da água a correr da fonte para o tanque.

Rashid pegou no tapete de orações, sacudiu-o e voltou a estendê-lo com todo o cuidado.

— Tenho de rezar antes que escureça por completo. A tua vinda interrompeu a minha oração.

Ajoelhou-se e entoou de novo:

Tu, Devaiah, és Deus.
Tu vives e sorris em nós...

Desta vez, terminou a prece. Quando se levantou, o poeta, que também se erguera, observou:

— Acho essa oração muito bonita. É bem verdade o que dizem; os nómadas, ao contrário dos outros povos, ainda caminham perto dos deuses.

Rashid franziu o sobrolho ao ouvir a palavra «deuses»:

— Estrangeiro, respeito as tuas crenças, mas os nómadas veneram o verdadeiro Deus, Devaiah, o Único, o Criador-de-Tudo.

O poeta sorriu sem malícia. Murmurou: — Peço desculpa, foi uma distracção.

Não pareceu, porém, muito contrito e logo a seguir acrescentou: — Se virmos bem as coisas, não há contradição entre o vosso Devaiah e os meus deuses, até mesmo o Grande Alazão.

No espírito de Rashid a curiosidade foi mais forte que a indignação religiosa, por isso perguntou quem era o Grande Alazão.

— Oh, é a divindade dos cavalos. Menciono-o sempre nas minhas orações porque se não o faço, ali o *Ranko* — o poeta apontou para o seu cavalo — zanga-se comigo.

João Aguiar

O pecado original da pintura

Referimo-nos, a propósito de Masolino e de Masaccio, no texto anterior, a um **máximo** de culpabilização e de censura que alterava, no seu sentido, a representação, afinal, da própria cena mítica (fantasmática e originária) da culpa.

No outro extremo — o do **mínimo de culpabilização e de censura** — referiremos como exemplo, o tratamento que Tintoretto e Rubens deram a este motivo.

Um traço comum a Tintoretto e Rubens — e que se pode deduzir da própria reordenação dos elementos já introduzida no fresco de Masolino — podemos descrevê-lo como a tendência para criar um **cenário natural** (o Éden tem agora como referente explícito a Natureza) que envolve por completo (i.e., **credibiliza,** do ponto de vista da sua verosimilhança) as figuras (dá-se uma deslocação, portanto, do metafísico para o físico, do símbolo — e do ícone — para o signo: a **naturalidade** das figuras). **Naturalização** (se quisermos) do espaço que acompanha a própria **massividade** (esculturalidade) dos corpos e das figuras (à geometrização do espaço e à erectização das figuras de Masolino, sucede agora esse verdadeiro **comprazimento** sensualista das formas sobre si que se traduz, do ponto de vista das operações de modalização das figuras, na substituição da **linha** pelo **círculo** e da **recta** pela **curva**).

De Masaccio para Tintoretto dá-se uma profunda alteração do mofo como é funcionalizado o mesmo motivo na pintura: com Tintoretto, o motivo ideológico (a «legenda») ainda está lá, mas está lá **para dar a ver** (ler) o próprio **momento da constituição** (como coisas materiais: **corpos**) das figuras (e, é claro, da **pintura:** já que o «pecado original» é a própria metáfora — ficção/história — do **acto** de constituição da pintura).

Aliás, toda a crítica das **imagens** (da passagem à representação e das figuras) cara ao pensamento teológico medieval — e mesmo renascentista — não seria senão a justa compreensão do acto de irreverência («diabólica») que se jogava nessa (re-)apropriação das coisas (e das suas essências — da questão da sua essência) pelas figuras. A tela de Tintoretto, aliás, articula essa **dupla determinação** (transgressiva e censurante) da narrativa do Pecado Original na pintura da altura: assim, na **construção narrativa** da tela, através de um segundo plano muito recuado ao fundo, alude-se a esse momento «a posteriori» que será o da **expulsão** das figuras. Só que aquilo que no fresco de Masaccio surgia como elemento figurativo determinante (vd. a figura do anjo, em cima, dominando a pintura), aqui surge **diminuído,** quase com estatuto de um **resíduo,** relegado para o fundo...

Fixemo-nos um pouco mais na tela de Tintoretto (**fig. 3**) — talvez a mais interessante, quanto às consequências, do ponto de vista figurativo, desse **levantamento** da censura.

Já no referimos à tendência para a **naturalização do cenário** (como paisagem, fundo). Resta sublinhar como aqui se dá o envolvimento, quase **fusão,** da figura de Eva com a Natureza (os cabelos de Eva — a sua figura «é a do arabesco — indistinguem-se das folhas, o corpo contorce-se, agarra-se ao tronco). Envolvimento da figura de Eva com a Natureza que tanto constitui uma sua **identificação com a culpa** (veja-se a cabeça da serpente que segura a segunda maçã e que faz corpo com a árvore, dela dificilmente se distinguindo a uma primeira leitura) como faz dela, da sua figura, a própria **questão** da representação da Natureza (e do seu álibi de verosimilhança «naturalista»).

Em 2.º lugar, na tela de Tintoretto dá-se (e fixa-se) — uma inversão da **relação de valor** entre as figuras: Eva passa à acção, é uma figura **activa,** enquanto Adão fica marcado como uma figura, no mínimo, **passiva** (fixa-se numa atitude senão de resistência, pelo menos de relutância, dúvida).

Rubens, na sua versão (gravura que ilustrou o **primeiro** desta série de artigos), **reactiva** a figura de Adão: o **gesto,** agora, passa a ser um seu atributo (positivo), perante a reserva da figura feminina. **Masculinização** do motivo, bem característica da tendência paranóica da pintura de Rubens. De qualquer modo, é interessante ver como a modalidade de acção varia de figura para figura: ao carácter mais performativo do gesto (da acção) de Eva (ela realiza a acção propriamente dita) corresponde o carácter **sermonário** do gesto de Adão (ou seja, nele, o gesto não é tanto o suporte, o veículo da acção, como continua ainda o **discurso deliberativo** — ou, dito de outro modo, a **ordem do juízo**).

Tintoretto, «Adão e Eva»

Essa diferente **valência,** quanto à sua situação, das figuras acarreta também uma reformulação do seu estatuto do ponto de vista figurativo.

À maior carga de **acção** da figura de Eva corresponderá também um corpo mais **nu** — ou a **exposição** do seu corpo. Com efeito, enquanto corpo nu, o corpo de Eva dá-se por inteiro à leitura: o seu corpo é a tela, o fundo da tela e a própria pintura. Já quanto a Adão podemos dizer que o que dele temos (ele é visto detrás, ocultando-se como sexualidade: como materialidade transgressiva, sexuada, da pintura) é, ao fim ao cabo, uma **litote** da sua figura. Adão é aqui muito claramente uma figura menor, uma **segunda figura.**

No entanto, não são só as figuras que mudam, altera-se também o regime dos índices de censura. Se nas pinturas de Masolino e de Masaccio (e mesmo em certa medida na de Rubens) havia ainda uma preocupação em **motivar,** do ponto de vista da verosimilhança (naturalista), esse novo índice de censura, na tela de Tintoretto o ramo do arbusto deixa de ser motivado exteriormente, surge **solto** (há **descontinuidade,** portanto, entre ele e a Natureza enquanto suporte referencial do conjunto), aqui com um estatuto já quase de **deíctico** (puro). Função deíctica que pode ser claramente investida, como no caso da figura de Eva, ou que pode colocar-se em aberto com um signo disponível (inarticulado com uma unidade maior — p. ex., uma frase — no discurso). Este segundo caso é o da figura de Adão. Aí, e devido à própria posição da figura de Adão, se por um lado esse índice censurante surge como **condição da própria figurabilidade da figura,** por outro, ele aparece-nos des-necessário, des-motivado, sublinhando ainda mais a sua disponibilidade a ser ou não **instrumentalizado** pela figura.

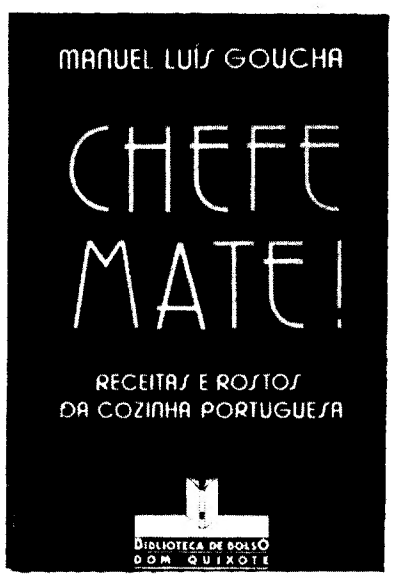
Mais do que a relação anal (ou sodomática) para que eventualmente a insólita colocação do ramo sob a figura de Adão alude, o que importa sublinhar — e desse ponto de vista é **idêntico** o seu rendimento para as duas figuras — é o carácter articulatório, **gramatical** e já não nominal (essencial) com que aqui se apresentam os (mesmos) índices de censura.

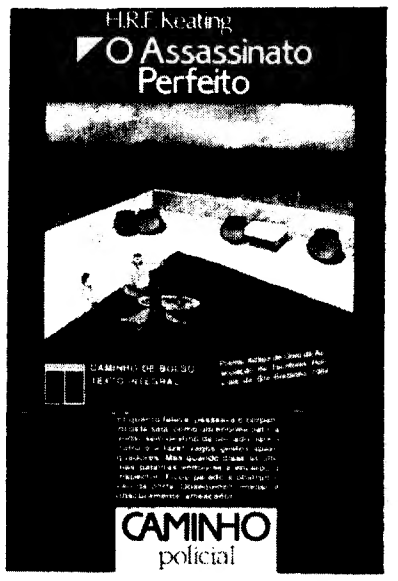
Daí, também, o seu carácter **deíctico:** eles (re-)afirmam que a questão do **sexo** (e da figuração do sexo) é a questão da pintura: que quer o motivo do pecado original quer a própria modalização, do ponto de vista figurativo, das figuras não passam de operações ao mesmo tempo de **substituição** (metáfora) e de **deslocação** (elipse ou metonímia) em torno do **interdito** da pintura.

Dado o verbo (o acto), substantivos (nominais) são os corpos e tudo o mais não passa dos mecanismos de articulação da sintaxe e da gramaticalidade da pintura.

Fernando Guerreiro

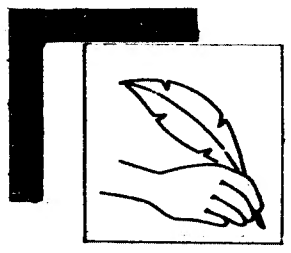
Acabados de Chegar





■ Conversas, Mário Ventura, ed. Dom Quixote, col. Figuras

O lançamento da semana, em matéria de autores portugueses, é, logo a seguir a «A Vaga de Calor», de Urbano Tavares Rodrigues (a que o Ler/Escrever já se referiu há quinze dias, divulgando até um dos seus capítulos em pré-publicação), o destas «conversas» de Mário Ventura.



O autor «conversou» com Maria Velho da Costa, Fernando Namora, José Cardoso Pires, Agustina Bessa-Luís, José Gomes Ferreira, Camilo José Cela, Vergílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Jorge Amado, Natália Correia, Nuno Bragança, Augusto Abelaira, António Lobo Antunes e José Saramago... e dessas conversas resulta este registo. Demos a palavra a Mário Ventura:

«Este livro constitui o registo de uma das experiências mais interessantes da minha vida profissional, quer como jornalista quer como escritor. Começou por ser um projecto puramente jornalístico, circunspecto e comedido, mas acabou por ser uma tarefa aliciante e divertida.»

Mário Ventura explica que a liberdade da palavra trouxe a desinibição da palavra, apesar da tradição difícil que, em Portugal, levou, até há poucos anos, a maioria dos escritores a recusarem **gravar** entrevistas para publicação imediata.

Dignificação da prosa de jornais — eis o que este livro também pretende ser. Falando destas «conversas», Mário Ventura diz o seguinte:

«O que (...) ressalta de todas elas é o facto de a entrevista ser um género jornalístico superior e fascinante, que não merece «a displicência com que em geral se avalia toda a escrita de Imprensa».

■ Chefe Mate, Manuel Luís Goucha, receitas e rostos da cozinha portuguesa, ed. Dom Quixote, Biblioteca de Bolso

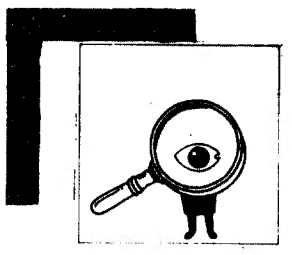
Mais um livro de homem de jornais, pela mais generalizada das razões: «porque fadário de todo o escrito jornalengo é esse de forrar jacós (jeito na minha terra de dizer caixote do lixo)...» Só que este é homem de um sector especial dos jornais: o sector gastronómico, destinado, quando é bom, a recorte e a «dossier».

Que a cozinha conquistou jornalistas e jornalistas, antes fadados para o «fait divers» ou mesmo para a política, prova-o o número dos que não deixam escapar prova ou festa regional, traduzindo depois as suas impressões gustativas em ampla reportagem, como se de novo tipo de repórteres de guerra se tratasse.

Não é o caso de Goucha: escolhe o que come e escreve comedidamente sobre o que comeu — e em bom português.

Este livro está construído de modo original: é um punhado de retratos de personagens através das suas receitas. Ficamos a saber o que é e como se faz, por exemplo, a Sopa do Mar à Angelina Manata, mas também quem é Angelina Manata, onde vive, do que gosta... Cartões biográficos através de esmerados receituários? Isso, mas as receitas propriamente ditas também. Epígrafe lapalissiana para este trabalho seria o astuto «diz-me o que comes (ou o que aconselhas que se coma), dir-te-ei quem és». Goucha, no entanto, preferiu escrever à sombra de outra árvore: é Dantas que ele evoca. «Que são os cozinheiros senão poetas? Que são os cozinheiros senão admiráveis pintores de naturezas mortas?»

Curiosa, irónica, amigável aposta. E as receitas — para o leitor apressado que é o desta secção — prometem.



■ O Assassinato Perfeito, H.R.F. Keating, Caminho de Bolso, policial

O gémeo negro de «Meia Vida»: crítico, autor de inúmeras recensões, Keating é autor de importante número de obras policiais, e criador de um personagem-protagonista, o inspector Ghote, um dos mais queridos dos leitores britânicos do género. Este «Assassinato Perfeito» ganhou o Prémio Adaga de Oiro da Associação de Escritores Policiais da Grã-Bretanha em 1984, e constitui, assim, o melhor cartão de visita do autor.

A *Caminho* de Bolso tem corrido o meritório risco de revelar, em português, autores inteiramente desconhecidos entre nós — apostando e ganhando, as mais das vezes. Bem informados, atentos aos novos valores que surgem entre os escritores de policiais e de ficção científica, os seus responsáveis têm realizado um trabalho de edição cuja importância não é de mais salientar.

■ Dual, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ed. Salamandra, Col. Salamandra

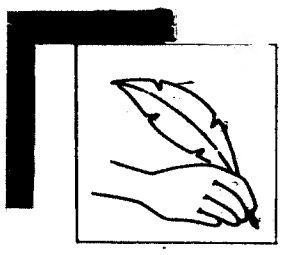
Sophia, que tanta falta nos tem feito. De *Dual*, uma cuidada terceira edição. Dos livros mais característicos — mais limpos, mais apolíneos, mais claros e sonoros — que escreveu.

Apenas queremos deixar aqui um curto exemplo do que dizemos dele:

«O que me foi irmão como um deus grego / Que a harmonia do cosmos manifesta /Não só em sua mão e sua testa / Mas em seu pensamento e seu apego / Àquele amor inteiro e nunca cego / Que emergia da praia e da floresta / Na secreta nostalgia duma festa / Trespassada de espanto e de segredo / Agora jaz sem fonte e sem projecto / Quebrou-se o templo actual antigo e puro / De que ele foi medida e arquitecto / Python venceu Apolo num frontão obscuro / Quebrada foi desde seu eixo recto / A construção possível do futuro.»

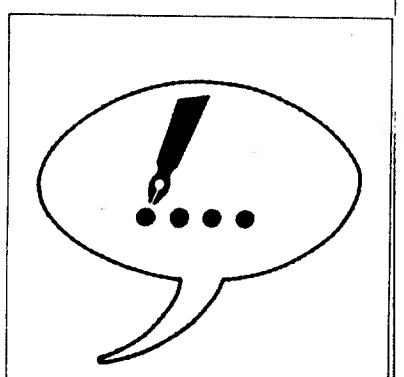
■ Os Filhos da Meia-Noite, Salman Rushdie, Ed. Dom Quixote, Col. Ficção Universal

Salman Rushdie, de 39 anos, é um dos principais autores da nova geração de ficcionistas «britânicos». Ele é indiano e a sua família viveu longamente refugiada no Paquistão, mas ele próprio estudou em inglaterra. Este seu romance, publicado pela primeira vez em 1981, funcionou como uma verdadeira «bomba»: Prémios Booker McDonnell For Fiction (geralmente comparado ao Goncourt francês), James Tait Black Memorial Book e English Speaking Union Literary. A Rushdie anuncia-se o êxito de um Naipaul, a este seu romance, hoje já traduzido numa dúzia de línguas, o das ficções de Kundera.



■ Meia Vida, Kir Bulychev, Caminho de Bolso, ficção científica

Pontual como um metrónomo afinado, as colecções gémeas de bolso da *Caminho* revelam dois romances por mês, Kir Bulychev é um dos autores de ficção científica soviética mais traduzidos, quer nos Estados Unidos quer em diversos países europeus. Jornalista, correspondente no estrangeiro, Bulychev é igualmente autor de ficção para os mais jovens, que parece ter alcançado considerável êxito no seu país. Argumentista de cinema também, Bulychev era ainda, no entanto, desconhecido do público português. De que «Meia Vida» nos fala ele? Uma sugestão apenas: num recipiente desses em que se conservam criaturas, alguém encontra *Bal*. Não vamos explicar aqui quem é, ou o que é, *Bal*. Esse alguém encontra igualmente a história escrita do personagem contido no recipiente.



O eu nos outros

Dois ao quadrado

TIMIDAMENTE, o número 5 foi-se alongando pelo círculo da mesa. Era a mão dele (cinco dedos) a pousar-se de leve no braço dela. Ela ergueu-se, apontou a lua redonda e branca:

— Que lindo zero:

E logo lhe ofertou o número 2 dos braços pelo pescoço.

O número 10 das mãos dele (o 5 da mão esquerda, o 5 da mão direita) tomou-a toda, moldando-se em ossos brandos e muitos.

E ela, os olhos na lua:

— Que lindo zero:

Ele foi sentindo contra o peito o número 2 dos seios dela. Esquerdo e direito, 1 e mais 1. Que silêncio enfunado: Mas o número 10 das mãos dele outro número 2 dela tomava: os ombros. Pelo chão, a alcatifa — e lentamente os corpos se inclinando para o verde da sua cor. E ela, os olhos sempre pela janela:

— Que lindo zero:

O íntimo número 1 do corpo dele o espaço buscava do corpo dela. Os lábios (2 e mais 2) somado já se tinham: eram um todo, um 4 sofregamente sem partes. Que líquido ruído pelos rostos: Sumira-se o zero da lua pela curva do telhado — e um cão algures ladrava às estrelas infinitas. Quantas horas tem a noite, quantos poros...? Hoje, amanhã e depois — quantos somos nós mesmo sendo dois...?

Eis se abre o zero da intimidade dela como 2 ao quadrado: o 2 das coxas, o 2 dos joelhos, o 2 das pernas, o 2 dos pés. Explodida num ai: 2 ao quadrado igual a 4: Um nome, outro nome. «Te amo: Te quero:» — e o número 1 enfim no círculo do número zero. Ó soma tão nua sob a escondida lua:

Pedro Alvim